

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

Jeimy Marcela Cortés Suárez

**Denúncias e anúncios sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação
Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se
por meio da tecnologia**

Rio Claro, SP
2020

Jeimy Marcela Cortés Suárez

Denúncias e denúncias sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Rio Claro, SP

2020

S939d Suárez, Jeimy Marcela Cortés
Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia / Jeimy Marcela Cortés Suárez. -- Rio Claro, 2020
148 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Roger Miarka

1. Gênero.. 2. Educação matemática.. 3. Educação.. 4. Racismo.. 5. Vulnerabilidade social. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jeimy Marcela Cortés Suárez

Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Comissão Examinadora

Dr. Roger Miarka – Orientador
IGCE\Unesp\Rio Claro (SP)

Dra. Heloisa da Silva
IGCE\Unesp\Rio Claro (SP)

Dra. Sônia Maria Clareto
FE/UFJF/Juiz de Fora (MG)

Conceito: Aprovada
Rio Claro-SP, 28 de julho de 2020

Dedico este trabalho às personagens principais de uma história aqui contada

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres latino-americanas que abriram caminhos para que tantas outras tivessem a oportunidade de trilhá-las ou de desviá-las.

Agradeço à InfoPreta por permitir o acompanhamento de suas atividades e a realização dessa pesquisa, composta por ecos de vozes, questões de gênero, raça e cor.

Agradeço à banca e a cada uma das pessoas que ajudaram nesse processo de crescimento da pesquisa e da pesquisadora.

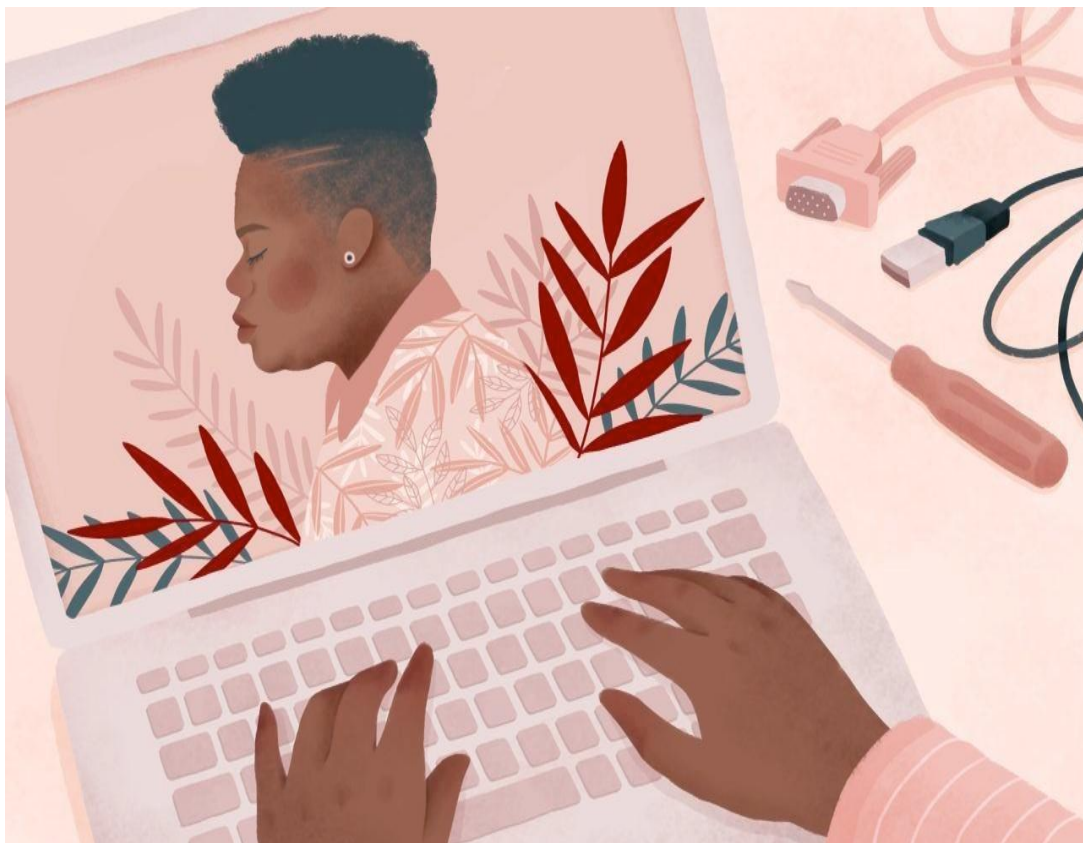
Agradeço a meu orientador por tratar-me como uma pesquisadora, exigindo sempre uma pesquisa de qualidade, e a os integrantes de meu grupo de pesquisa, o Coletivo Cronopi@s, por suas longas horas de correção de fragmentos e por suas valiosas sugestões. Muito obrigada!

Agradeço a meu irmão, por quem fiquei sabendo que poderia arriscar a vir a um país a fazer parte de esse grupo de imigrantes sonhadores.

Agradeço às amigas que fiz em todo este tempo, porque sem essas pessoas esse processo solitário teria sido muito mais difícil.

Agradeço a minha família, mesmo de longe, em especial minha irmã, mãe e sobrinhos. Sinto uma honra ter chegado tão longe, sempre com essa coragem que minha mãe me ensinou.

Agradeço: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) número de processo 134453.



“Se os começos são sempre inventados, este é um meio para tanta inspiração, pensamentos, caminhada, uma resistência para os dias cinzentos, uma história para ser contada.”

Jeimy Florence



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Resumo

Esta pesquisa mobilizou, junto à educação matemática, temas relacionados à vulnerabilidade social associada a questões de gênero, sexualidade e raça a partir de um trabalho de campo amparado pelo método da cartografia com um grupo de mulheres pretxs de São Paulo, chamado de InfoPreta, cujas participantes assumiram empoderar-se por meio da tecnologia. A pesquisa valeu-se da pergunta diretriz “O que acontece com mulheres em condição de vulnerabilidade social que assumem um empoderamento por meio da tecnologia?” junto ao objetivo de compreender e de dar visibilidade a modos pelos quais esse grupo de mulheres, amparado por uma consciência coletiva da multiplicidade de conhecimento e perspectiva de gênero, conseguiram, por meio da tecnologia, empoderar-se, criando possibilidades de aproximação às ciências exatas. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou narrar histórias de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social, que pudessem problematizar a educação a partir de suas possibilidades de empoderamento junto à tecnologia; discutir relações de poder envolvendo raça, gênero e sexualidade na sociedade a partir de discussões sobre empoderamento de mulheres em condição de vulnerabilidade social por meio da tecnologia; e refletir sobre possíveis processos de transformação social passíveis de serem visibilizados juntos aos discursos de empoderamento de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Como política de escrita, assumiu-se uma proposta de apresentação por meio de fragmentos narrativos com inspiração na História Oral, agrupados em “Amores Malsanos”, que opera com rastros de experiências de vida da pesquisadora junto aos temas abordados na dissertação; “Desafinados”, que traz experimentações junto ao trabalho de campo; e “Acalento”, que dá a ver a potência de articulações em direção a um fora produzido pela pesquisa.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Racismo. Vulnerabilidade social. Educação. Método da cartografia. Filosofia da diferença. Educação matemática.

Abstract

This research mobilized, along with mathematics education, themes related to social vulnerability associated with gender, sexuality and race issues, based on a fieldwork supported by the cartography method with a group of black women from São Paulo, called InfoPreta, whose participants assumed to empower themselves through technology. The research used the guiding question “What happens to women in conditions of social vulnerability who assume empowerment through technology?” together with the objective of understanding and giving visibility to the ways in which this group of women, supported by a collective awareness of the multiplicity of knowledge and a gender perspective, was able, through technology, to empower themselves, creating possibilities of approximation to the exact sciences. As specific objectives, the research sought to narrate life stories of women in situations of social vulnerability, who could problematize education from their possibilities of empowerment with technology; discuss power relations involving race, gender and sexuality in society based on discussions about the empowerment of women in conditions of social vulnerability through technology; and reflect on possible social transformation processes that can be viewed together with the discourses of empowerment of women in situations of social vulnerability. As a writing policy, a proposal for presentation was made through narrative fragments inspired by Oral History, grouped in “Amores Malsanos”, which operates with traces of the researcher's life experiences along with the themes addressed in the dissertation; “Desafinados”, which brings experimentations together within the fieldwork; and “Acalento”, which shows the power of articulations towards an outside produced by the research.

Keywords: Gender. Sexuality. Racism. Social vulnerability. Education. Method of cartography. Philosophy of difference. Mathematics education.

Resumen

Esta investigación movilizó, junto con la educación matemática, temas relacionados con la vulnerabilidad social asociada con cuestiones de género, sexualidad y raza, en base al trabajo de campo apoyado por el método de cartografía con un grupo de mujeres pretxs de São Paulo, llamado InfoPreta, cuyas participantes asumieron que se empoderaron a través de la tecnología. La investigación utilizó la pregunta guía “¿Qué les sucede a las mujeres en condiciones de vulnerabilidad social que asumen el empoderamiento a través de la tecnología?” junto con el objetivo de comprender y dar visibilidad a las formas en que este grupo de mujeres, apoyadas por una conciencia colectiva de la multiplicidad del conocimiento y una perspectiva de género, fueron capaces, a través de la tecnología, de empoderarse, creando posibilidades de aproximación a las ciencias exactas. Como objetivos específicos, la investigación buscó narrar historias de vida de mujeres en situaciones de vulnerabilidad social, que pudieran problematizar la educación a partir de sus posibilidades de empoderamiento con la tecnología; discutir las relaciones de poder que involucran la raza, el género y la sexualidad en la sociedad, basadas en discusiones sobre el empoderamiento de las mujeres en condiciones de vulnerabilidad social a través de la tecnología; y reflexionar sobre posibles procesos de transformación social que se pueden ver junto con los discursos de empoderamiento de mujeres en situaciones de vulnerabilidad social. Como política de escritura, se realizó una propuesta de presentación a través de fragmentos narrativos inspirados en la Historia Oral, agrupados en “Amores Malsanos”, que opera con rastros de las experiencias de vida de la investigadora junto con los temas tratados en la disertación; “Desafinados”, que une las experimentaciones con el trabajo de campo; y “Acalento”, que muestra el poder de las articulaciones hacia un exterior producido por la investigación.

Palavras-clave: Género. Sexualidad. Racismo. Vulnerabilidad social. Educación. Método de la cartografía. Filosofía de la diferencia. Educacion matemática.

LISTA DE IMAGENS

Ilustração p.7: Ilustração exclusiva de Priscila Barbosa para TEAR: Tear, uma rede de iniciativas femininas que engloba canais de conteúdo, conexão de iniciativas de mulheres, educação empreendedora e casa colaborativa.

Fotografia p.7: Acervo pessoal da pesquisadora.

Imagem p.12-13 - Sumário: Acervo da pesquisadora.

Imagem p.16: Criação da pesquisadora.

Imagem p.26: Imagem disponível em site de InfoPreta até 2017.

Imagem p.27: Composição da pesquisadora com fotografias de seu acervo.

Imagem p.34: Maria Conejo - Obra Identidades perdidas I, 2018. Tinta sobre papel 60 x 40 cm. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmwnZtSFThC/>

Imagens p.38; 60; 105; 129; 136; 144 – Silêncio produz silêncio: Composição de Roger Miarka a partir de produção da pesquisadora.

Imagem p.56 - Desafinados: Criação da pesquisadora.

Imagem p.63: Composição de imagem com fotos do acervo da pesquisadora.

Imagem p.67: Ilustrações de Monica, integrante da InfoPreta, que faz desenhos e ilustrações em seu tempo livre com a temática do empoderamento feminino.

Imagem p.75 - Camadas de vulnerabilidade: Composição da pesquisadora.

Imagem p.76: Produção da pesquisadora.

Imagem p.77: Fotografia e composição da imagem do acervo da pesquisadora.

Imagem p.81: María Conejo - evocando la vulnerabilidad y las diferentes camadas de ellas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/_u4724Lxnk/

Fotografias p.84; 89; 91;126: Acervo pessoal da pesquisadora.

Imagens p.116-118: Produção da pesquisadora com suas fotografias de campo.

Imagem p.127: Composição de fotografias de Carrie Mãe Weems. Disponível em: <https://www.artsy.net/artist/carrie-mae-weems>

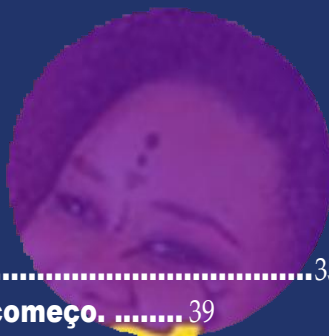
Imagem p.142 – Dançarina na receita: Composição da pesquisadora.

SUMÁRIO

Xícara de Chá!.....	14
---------------------	----

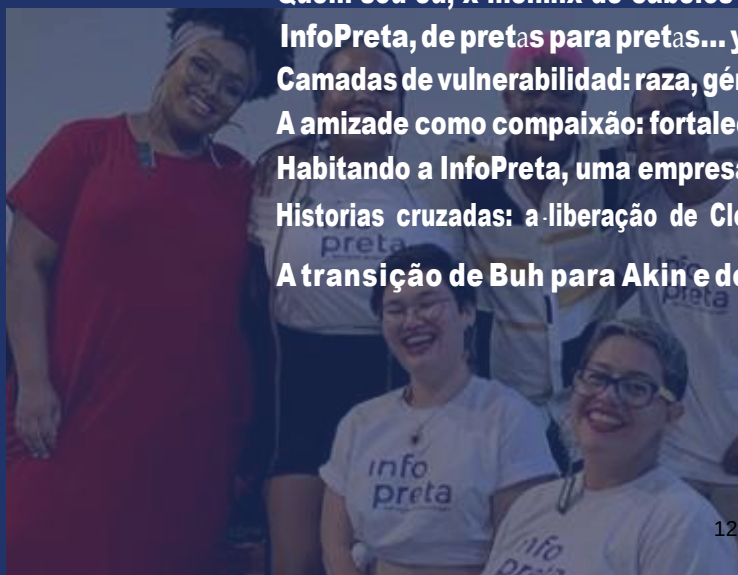
AMORES MALSANOS

Alfândega.....	18
Um percurso árduo!.....	19
O que me move?.....	23
¿Cómo llegué aquí?.....	28
Amores raros, a adaptação a outro país.....	35
Entre um começo e outro, há sempre outro começo.....	39
Metodologia? Prefiro “um modo de estar em campo”.....	50
Campo-versando: um eu em invenção e experimentação de territórios ...	58
Histórias de Vida produzidas com inspiração na história oral..	64
“Clandestinxs-migrantes-beaner-frijolero” ou “O Imigrante como Camada de Vulnerabilidade”.....	71
Ritornello do campo, um bepop, um jazz.....	87
La sanidad de la locura.....	108



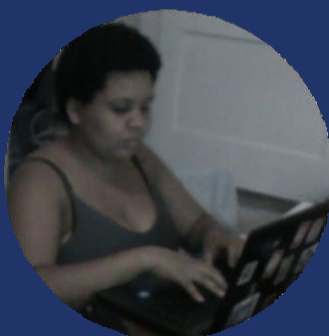
DESAFINADOS

Apresento-lhes InfoPreta.....	25
Rastros na procura sobre InfoPreta.....	43
“Um emplasto como Antídoto” o “Racismo não é só problema de preto , mas de todos na sociedade”.	57, 70, 85, 102, 115, 127, 134
Acompanhamento das atividades da InfoPreta.....	61
Quem sou eu, x meninx de cabelos moventes?.....	67
InfoPreta, de pretas para pretas... y muchos más!.....	73
Camadas de vulnerabilidad: raza, género, clase, imigración.....	78
A amizade como compaixão: fortalecedora de corpos desafinados.....	90
Habitando a InfoPreta, uma empresa de mulheres, um espaço de corpos itinerantes..	93
Historias cruzadas: a liberação de Clotilda, o último navio de escravos.	106
A transição de Buh para Akin e de mim para um outro entendimento do mundo. ..	119



ACALENTO

Somos corpos cansados que buscam afirmar sua existência.	82
Perspectivas teóricas do empoderamento.	109
Delírio.	117
Uma escritura menor e o cérebro que se metamorfoseia.....	124
¡Coraje!.	125
Cuerpos sin cabezas.	130
Minha voz como composição de marcas.....	131
Atenção a uma armadilha.	132
A denúncia da miséria como parte do antídoto.	135
Empoderamento como cuidado próprio, InfoPreta como um refúgio.	137
Una despedida de InfoPreta, pero no de la lucha.	139
Receta.	142



Xícara de chá!

Queridxs Leitorxs de minha dissertação, fiquem à vontade para operar sem calmante em meu texto, ora esquizofrênico ora neurótico. Para essa operação, ofereço-lhes uma espécie de diário de confecções e afetações, de sensações, de introspecções, um texto que viaja como minhas ideias, que variam (e vareiam!) em diferentes velocidades entre passado, presente e futuro incertos. Eu(?) falo a dêstemplos, a ritmos entre semibreves e semicolcheias¹, entre símbolos brancos e pretos, lembrando o que me vem à mente e, especialmente, dizendo daquilo que me move. Com isso vou falando como se fosse um monólogo, um discurso de mim para mim e para você, mas que também possa deslocar um nós. Assim este texto busca acontecer.

Existia uma necessidade de narrar uma pesquisa que falasse de mulheres, de condições de vulnerabilidade e de empoderamento. Para materializá-la, acompanhei um grupo chamado InfoPreta, constituído por mulheres negras, cis e trans, que apresentavam várias camadas de vulnerabilidade. A criação desse Grupo, como será visto adiante, se deu como um tipo de iglu protetor para essas mulheres que sofriam dos mais diferentes tipos de preconceitos, tais como de raça, de expressão de gênero e de classe. Por conta dessas camadas de vulnerabilidade, essas mulheres, formadas em diferentes profissões, não conseguiam sequer estagiar. A formação do grupo foi a possibilidade que vislumbraram para sua sobrevivência e para a afirmação da vida que queriam levar. É sobre meu encontro com esse grupo que esta pesquisa falará.

Para produzir sobre este encontro, tive movimentos bastante introspectivos e outros de afetações promovidas pelo próprio encontro com o grupo, que se materializaram em fragmentos distribuídos e misturados ao longo do texto. Gosto de chamar esses primeiros movimentos de **Amores Malsanos**², por dizerem de inquietudes minhas. Aos outros chamo de **Desafinados**. Há ainda um terceiro grupo de fragmentos, chamado de **Acalento**, que articula esses dois grupos rumo a um fora.

Os **Amores Malsanos** falam de minhas lembranças de vida. Trazem anedotas e suas intensidades, de movimentos introspectivos para fazer uma espécie de montagem em primeiro plano, que servirá de força motriz para a execução e manutenção da

¹ Símbolos de partituras musicais para dizer do ritmo de uma música.

² Malsanos, em espanhol, diz de uma grande inquietude, algo como aquilo que lhe deixa enfermo e, como tal, traz à tona uma prioridade com a qual lidar. No caso desses textos, os modos pelos quais lidei com essas inquietudes foram por meio de sua exteriorização em forma textual.

pesquisa. Tratam de viagens de minha vida, sempre intempestiva, com questionamentos desde a experiência, com arranhões na alma, de modo sempre atento às armadilhas de captura realizadas por instituições, por governos e pela moral. Essas coisas são faladas desde o coração e, por isso, frequentemente se materializaram em meu idioma nativo: o espanhol. Nesta língua, contarei a preparação dessa viagem, acontecida antes do início do mestrado. Ao falar dessas experiências, buscarei trazer intensidades dos modos pelos quais opera a minha voz como mulher-pesquisadora, como mulher-recordadora, como mulher-narradora. São diferentes mulheres que compõem este texto, ora observadora, ora personagem, ora testemunha. São muitas que se multiplicam em pensamentos expressos em voz alta.

Os fragmentos chamados de **Desafinados** trazem a experimentação das vivências do campo com os diferentes personagens que participaram dessa pesquisa, cada uma com sua própria afinação e, por não considerar a existência de uma afinação de referência, tomo-os todos como *desafinados*, na medida em que deslocam qualquer tentativa de afinação. O ritmo desses textos fica mais devagarzinho, ao som de um Tom Jobim, que conheci lá numa chácara linda com encontros de samba em Rio Claro, o Quintal da Teresa, pelo qual me apaixonei. A maioria desses fragmentos serão escritos em português. **Desafinados** também se inspira em Tom Jobim, quando este canta “*Se você insiste em classificar/ Meu comportamento de antimusical/ Eu mesmo mentindo devo argumentar/ Que isto é bossa nova, isto é muito natural/ O que você não sabe nem sequer pressente/ É que os desafinados também têm um coração*”.

Acalento opera para além de minhas inquietudes e do trabalho de campo, dando a ver a potência dessa articulação em direção a um fora produzido pela pesquisa. Acalento é carinho, é afago, é carícia, é apreço, é aconchego. Torce o incômodo dizendo de alguns outros possíveis.

Esses três tipos de fragmentos – **Amores Malsanos, Desafinados e Acalento** –, quando juntos, são como uma partitura musical, formadas por muitas notas pretas – que ditam os tempos – figuradas em um papel branco e suas linhas. É desses modos de habitar que eu escrevo e, assim como ao escutar uma música, em que não se discrimina uma cor da outra, a não ser que se tenha acesso aos pentagramas, elas compõem-se. Estão para serem sentidas e não para serem interpretadas.

Com isso, convido você, leitorx, a leitura desses fragmentos por meio dessa partitura. Sugiro que o faça sem calmantes, mas com calma, junto a uma xícara de seu chá preferido. Afinal, ninguém corre com uma xícara na mão. Convido-x, a assumir

alguma potência para este texto, que não tem fim nem começo, em meio a esse tempo cheio de tarefas, sem pensar muito, mas sentindo-o em meio a diferentes modos de sermos humanos, nosso lazer, nossas afirmações, nossas alegrias e... e... e...

Tome este texto para si. Faça, se quiser, como Miller, em seu texto *Trópico de Câncer* e se interrogue o que este texto lhe ajuda a produzir: “E este aqui? Este não é um livro. É uma difamação, uma calúnia, uma falta de caráter. Não é um livro no sentido comum da palavra. Não, este é um longo insulto, uma cusparada na cara da Arte, um chute na bunda de Deus, do Homem, do Destino, do Tempo, do Amor, da Beleza, do que você quiser [...]” (MILLER, 2006, p. 8).

Fica aqui meu convite para esta xícara de chá. Se tomá-lo de um gole só, e ele estiver quente, pode queimar. Se demorar muito, ele se torna outro: um chá gelado. Seja qual for seu modo de apreciá-lo, sinta seu paladar aquecer ou gelar. O que importa é a variação dos goles ou, como disse Larrosa em seus ensaios em *Nietzsche e a Educação*, “para chegar a ser o que se é, há que combater o que já se é” (2005, p. 61).

Boa leitura!





Fragmento #1

Alfândega

O que pude oferecer sem mácula foi
meu choro por beleza ou cansaço,
um dente extraído,
o preconceito favorável a todas as formas
do barroco na música e o Rio de Janeiro
que visitei uma vez e me deixou suspensa.
‘Não serve’, disseram. E exigiram
a língua estrangeira que não aprendi,
o registro do meu diploma extraviado
no Ministério da Educação, mais taxa sobre vaidade
nas formas aparente, inusitada e capciosa — no que
estavam certos — porém dá-se que inusitados e capciosos
foram seus modos de detectar vaidades.
Todas as vezes que eu pedia desculpas diziam:
‘Faz-se de educado e humilde, por presunção’,
e oneravam os impostos, sendo que o navio partiu
enquanto nos confundíamos.
Quando agarrei meu dente e minha viagem ao Rio,
pronto a chorar de cansaço, consumaram:
‘Fica o bem de raiz pra pagar a fiança’.
Deixei meu dente.
Agora só tenho três reféns sem mácula.

Adélia Prado, 1986, poetisa Brasileira³.

³ Poema integrante do livro *Bagagem*, que li pela primeira vez em minha visita ao Rio de Janeiro em 2016, uma viagem que assumi apenas levar o que necessitava para o deslocamento e o que considerasse considerava essencial.



Fragmento #2

Um percurso árduo!

Escribir sí

Ganesha es panzón, por lo mucho que le gustan los caramelos, y tiene orejas y trompa de elefante. Pero escribe con manos de gente. Él es maestro de iniciaciones, el que ayuda a que la gente empiece sus obras. Sin él, nada en la India tendría comienzo. En el arte de la escritura, y en todo lo demás, el comienzo es lo más importante. Cualquier principio es un grandioso momento de la vida, enseña Ganesha, y las primeras palabras de una carta o de un libro son tan fundadoras como los primeros ladrillos de una casa o de un templo. (GALEANO, 2008, p, 16).

Ao longo da minha vida, fui descobrindo aos poucos que sou uma professora intuitiva e que parte da minha vocação como docente de matemática está ligada a proporcionar situações em sala de aula que busquem compreender como os alunos entendem o papel da matemática, e como esta pode auxiliar na transformação da vida dos envolvidos. Em meio a essa busca, me deparei com uma situação profissional que me fez refletir sobre como um docente pode participar disso e realizar pequenas transformações que vão desde os seus próprios instintos a mudanças sociais.

A situação que vivi foi sentir a impotência de não poder ajudar uma mãe em condição de vulnerabilidade social. Ela, uma mulher de aproximadamente 35 anos – idade que lhe dei por conta das marcas de vida em torno de sua boca e de seus olhos –, me contratou para dar aulas de reforço a seu filho, por conta de seu baixo rendimento escolar em matemática. Um dia esta mãe me contou chorando um dos segredos que mais lhe atormentavam nos sonhos. Confessou-me que trabalhava como prostituta, sendo este o meio pelo qual ela conseguia manter seu nível social. Preocupava-lhe

muito que seu filho descobrisse seu labor para mantê-lo em uma boa escola e que seus rendimentos vinham de uma atividade socialmente desprezada e sem direitos trabalhistas.

Essa mulher entendia que sua profissão era uma opção para conseguir estabilidade econômica, que se iniciou como uma ajuda em seus rendimentos e, sem um julgamento moralista, pouco a pouco se tornou seu meio de vida. Nesse dia esta mulher manifestou sua angústia. Voltei a vê-la posteriormente pela ocasião da entrega de notas de seu filho. Notei-me diferente daquela que eu sentia até então como professora de matemática, preocupada com a preparação de como inovar em minha turma de oitava série nos modos de ensinar fatoração para gerar competências em meus alunos, motivada pela pressão que o corpo docente sofre para incrementar o índice de sucesso da escola, calculado a cada ano por meio de uma prova que, a meu ver, pouco dá conta de dizer do modo como meus alunos lidavam com seu cotidiano.

A fala dessa mulher me fez pensar que o professor, por vezes considerado como gerador de conhecimento e um exemplo para seus alunos, frequentemente não sabe como assumir outros problemas que fazem parte da sociedade, que são omitidos nas discussões ao longo de sua formação docente. Nesse momento, percebi que precisava compreender mais da vida das pessoas e entender como o conhecimento – que inclui o matemático – estava presente nas suas vidas.

Mais que isso, me questionava como poderia de alguma maneira ajudá-las, compreendendo nosso contexto educacional para pensar uma ação responsável que envolvesse intuição, emoção e paixão ante os dilemas emergentes das práticas que temos em nossas vidas. Nas palavras do patrono da educação brasileira, tratava de “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto” (FREIRE, 2005, p. 41).

Em especial, comecei a me interessar pela situação feminina e por encontros mais reais para compreender como as lutas de mulheres como a da mãe de meu aluno poderiam ser auxiliadas pela matemática, tomando-as como um fenômeno social, que poderiam ser visibilizadas ao serem sentidas, contadas, narradas... Assim, nesse panorama junto a minhas inquietações como docente de matemática, acredito que a construção do desenvolvimento da educação matemática envolve pensar uma educação como possibilidade de transformação social em uma perspectiva feminista, mostrando

uma potência ao trazer nas narrações as lutas, e desmontar padrões patriarcais e impulsionar outros imaginários sociais sobre a relação da mulher, as relações de poder, que envolvem raça, gênero e classe, e que se exercem no contexto sociocultural no qual ocorrem situações de ensino e aprendizagem da matemática.

A partir dessas inquietações, conformei o projeto que ora apresento, buscando trabalhar questões que envolvam educação, mulheres, condição de vulnerabilidade e empoderamento. Em especial, compreender modos pelos quais se percebe o empoderamento de mulheres em condição de vulnerabilidade social.

Em meio à busca por mulheres nessa condição, me deparei com um grupo na cidade de São Paulo, que me ajudou a dar forma a este projeto. Eis que surge a InfoPreta na minha vida, um grupo em sua maioria mulheres negras – cis e trans – que se juntaram ao se darem conta que possuíam formação técnica sem oportunidades de trabalho por conta, especialmente, de sua cor e de suas expressões de gênero.

Busquei mobilizar esses temas que me afligiam junto a esse grupo, de modo que forjei uma pergunta de pesquisa: **“O que acontece com mulheres em condição de vulnerabilidade social que assumem um empoderamento por meio da tecnologia”?**

Com esta pergunta no bolso tracei como objetivo: *compreender e dar visibilidade a modos como um grupo de mulheres em condição de vulnerabilidade social, amparado por uma consciência coletiva da multiplicidade de conhecimento e perspectiva de gênero, assumem conseguir, por meio da tecnologia, empoderar-se, criando possibilidades de aproximação às ciências exatas.*

Na convivência com a InfoPreta e no processo de pesquisar, outras emergências se fizeram presentes. Outros objetivos *escaparam* do objetivo geral e, com vida própria, passaram a integrar esta pesquisa, que também buscou:

- Narrar histórias de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social, que possam problematizar a educação a partir de suas possibilidades de empoderamento junto à tecnologia;
- Discutir relações de gênero e de poder na sociedade a partir de discussões sobre empoderamento de mulheres em condição de vulnerabilidade social por meio da tecnologia.
- Refletir sobre possíveis processos de transformação social passíveis de serem visibilizados juntos aos discursos de empoderamento de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

De maneira geral, busco em meio a esse caldeirão cheio de ingredientes pensar a Educação Matemática a partir de uma perspectiva de raça e de gênero de maneira problematizada, de modo a produzir caminhos outros no processo da construção de conceitos sociais e culturais, trazendo a possibilidade de lutar contra preconceitos, assumindo a importância de uma discussão sobre diferença e diversidade junto à Educação Matemática.



Fragmento #3

O que me move?

O que queria com minha pesquisa? Eu acho que buscava encontrar buracos pelos quais atravessaria em que o importante era os próprios tropeções, saltos e encontros, que me permitiram contar nesta escrita o efeito de invadir e habitar o cotidiano de um grupo chamado InfoPreta. Além disso, o acompanhamento desse processo me ajudou a conhecer o trabalho dessa empresa com característica de bando.

Ficar horas com elas permitiu que eu, como pesquisadora, escrevesse o que se sentia ao se chegar em um lugar e achar-se diferente, e mesmo assim abrir portas, se expor e começar a formar parte de um novo universo. Ao finalizar a jornada, me percebi entrando nos fluxos do dia a dia e de seus acompanhamentos, em processos que envolviam uma jornada laboral de criação, formação e instrução.

Encontrei-me com uma empresa que muitas vezes se tornava uma escola ou vice-versa. A própria InfoPreta pode ser vista como uma memória de experiências coletivas intensas, com modos muito peculiares de funcionamento, jeitos que tentei perceber, aos quais fiquei atenta, para contar suas angústias torcidas e tornadas linhas de força. Esta pesquisa é feita de composições, de relatos, de singularidades, de inquietações. Desejos e afetos são os atores principais.

Um dos objetivos deste texto é tornar visíveis os modos de resistência experimentados em um micro mundo socialmente invisibilizado, que se lançam ao mundo em afetos que escapam de nosso dia a dia. Queria fazer uma pesquisa pensando em meus interesses como educadora, como professora, como mulher! Mostrar uma história, onde gênero, raça e classe são elementos constitutivos de nossas relações sociais. Queria integrar esses elementos na pesquisa como um todo, de maneira remetida e comprometida com uma construção social e cultural, já que essas relações permeiam nossas práticas, a qual quero problematizar por estarem amparadas por noções que nós mesmos naturalizamos e fixamos.

Foi preciso realizar e operar no movimento de desconstruir essas dominações e permitir movimentos de singularidade de transformação social, de cada uma das pessoas que fazem parte da InfoPreta, e produzir junto aos modos como utilizam a tecnologia para seu modo de vida diante da sociedade. Mostrar como funciona seu grupo (quicá um

coletivo! Um bando!), sua hierarquia (há uma?), uma organização (de corpos... com ou sem órgãos?)... Enfim, quero mostrar o funcionamento de uma maquinaria criadora de espaços para compartilhar (ou seria produzir?) aprendizagens, que faz com que se torne não só uma opção, mas também uma habilidade que dê conta da afirmação de uma existência negada por muitos.



Fragmento #4

Apresento-lhes a InfoPreta

[...] Se é verdade que o poder investe cada vez mais nossa vida cotidiana, nossa interioridade e individualidade, se ele se faz individualizante, se é verdade que o próprio saber é cada vez mais individualizado, formando hermenêuticas e codificação do sujeito desejante, o que sobra para a nossa subjetividade? Nunca 'sobra' nada para o sujeito, pois, a cada vez, ele está por se fazer, como um foco de resistência, segundo a orientação das dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder (DELEUZE, 1992, p.112 - 113).

InfoPreta é um grupo localizado no centro da cidade de São Paulo que formou, em 2013, uma empresa⁴ de serviços de manutenção de computadores composto em sua maioria de mulheres negras e LGBTQI+⁵. Trata-se de um grupo de mulheres, cis e transgênero, que trabalham com serviços técnicos para computadores, um empreendimento que nasce por conta da discriminação que – em sua maioria, mulheres – sofriam por motivos de raça, de orientação sexual e de gênero. Várias dessas mulheres, após formadas em Cursos Técnicos ou no Ensino Superior, não conseguiam as mesmas oportunidades de estágio ou de emprego em suas respectivas profissões, de maneira bastante diferente de colegas de suas turmas. Sentindo-se marginalizadas, realizaram um projeto para mudar sua situação, unindo-se a outras mulheres em condição similar para combater o preconceito existente. Assim, criaram a empresa onde, inicialmente, somente mulheres negras trabalhavam, prestando serviços técnicos, oficinas de formação, e disponibilizando falas sobre tecnologia e aproximação às ciências exatas. Além disso, buscam arrecadar computadores para serem doados a

⁴ Na medida do possível, busquei utilizar o próprio vocabulário do Grupo. Por isso, o uso de palavras como “empresa”, pouco utilizadas na Educação Matemática. Destaco, ainda, que esse vocabulário tem significados muito próprios para o grupo, que não necessariamente seguem um referencial liberal. Daí a importância de o leitor doar-se ao texto e produzir significados a partir dos discursos preferidos, sempre atento ao seu contexto.

⁵ **LGBT** é a sigla composta pelas iniciais das palavras **L**ésbicas, **G**ays, **B**issexuais e **T**ransexuais. Em sentido estrito, agrupa pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero relativas a esses quatro grupos. Atualmente essa sigla se expandiu para LGBTQI+, uma versão reduzida de LGBTTQIAACPPF2K, que incluem outras expressões de gênero ou sexuais, tais como *intersexuais*, *pansexuais* etc.

outras pessoas que, assim como elas, tenham dificuldades em executar seus próprios projetos pessoais.



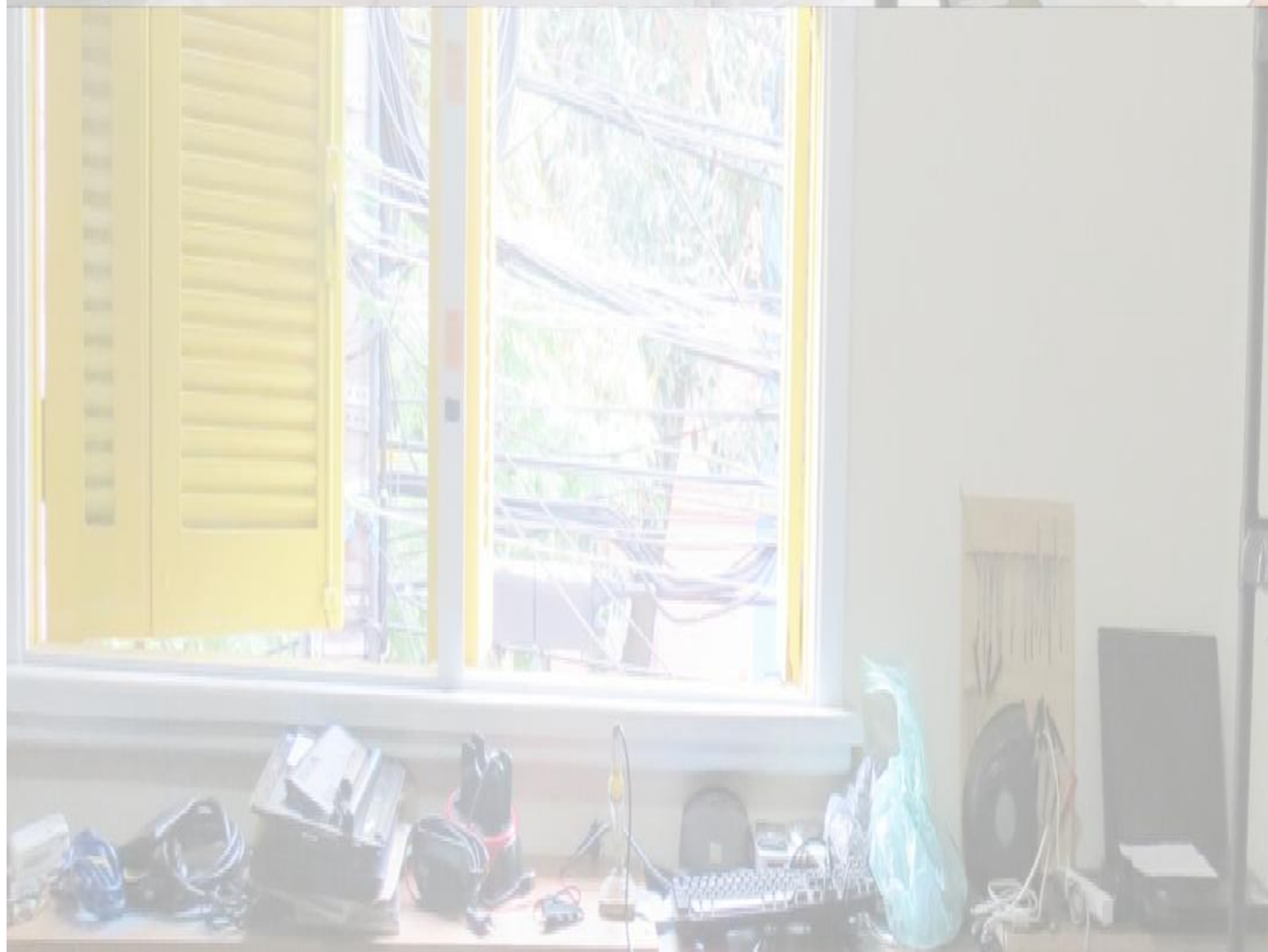
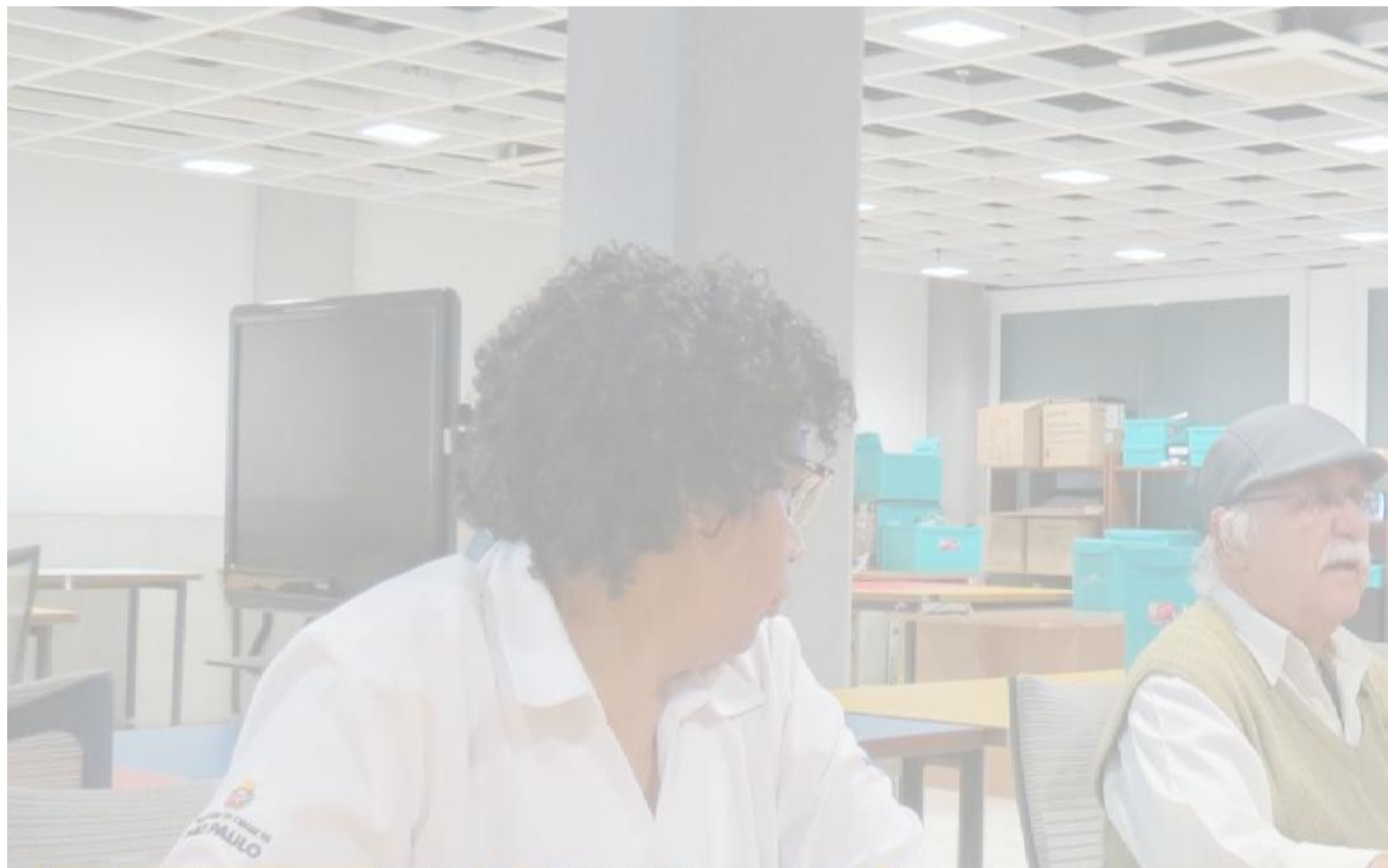
6

Essa era a imagem que a InfoPreta tinha no 2017 em seu Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas pelo Grupo para divulgação. Possuíam um logo em forma de árvore, composto por cabelos da mulher negra, acompanhado de um boné fazendo alusão a mulheres formadas em diferentes áreas e à força das mulheres fortes que procuram um espaço para oferecer seus conhecimentos. Entre as conversas, um dia perguntei para Akin, quem tinha feito esse logo para identificar a empresa. Ele falou que foi um amigo que o fez com inspiração nas diferentes mulheres que trabalhavam na empresa e que queriam compartilhar seu conhecimento e empoderar-se nas ciências exatas.

É importante notar, no entanto, que logo no primeiro encontro que tive com a InfoPreta, já me dei conta de que ali não participavam apenas mulheres negras, como o nome da empresa dava a entender. Via, em meio ao grupo, homens negros, homens trans, homens homossexuais, etc. Ao conversar com Buh⁷ – como se apresentava à época –, esta explicitou que o grupo sempre se atualizava, de modo a acolher pessoas de diferentes grupos sub-representados, que assumiam a possibilidade de um empoderamento por meio da tecnologia para lidar com atitudes discriminatórias que vivenciaram e vivenciam nas suas vidas.

⁶ Imagem do anterior site de InfoPreta, que tinha no 2017 . (foto de meu acervo.)

⁷ Durante a pesquisa, Buh realizou a passagem do gênero feminino para o gênero masculino, passando a adotar o nome Akin. O uso de um ou outro nome neste texto se deu de acordo com a cronologia desse processo, em comum acordo com Buh/Akin.



Fragmento # 5

¿Cómo llegué aquí?

¿Cómo contar esta historia? ¿Quién soy yo para contar una historia? Parece que todos tenemos historias?

Este relato o historia – si se puede hablar de ella – se me vino a la mente días antes de volver a Brasil. Después de estar un año y nueve meses sin ir a mi país, regresé a Colombia, después de haber estado en campo, con el cuerpo expuesto a tantas experiencias.

La inspiración de este texto se dio en mis últimos días antes de retornar a Brasil e iniciar el proceso de escrita, para culminar esta etapa de la maestría, entendiendo que sería una despedida, pues solo volvería otra vez a mi país cuando terminara ese proceso.

Eso todo pasó después de haber estado unos días en la casa donde mi madre ya vivía por más de cinco años, en la que tenemos arrendado un apartamento en el piso 2 dentro de una casa de cuatro pisos. Esos días de despedida un poco con las tripas melancólicas, y asumiendo que en ella viví mis últimos cinco años, donde se dieron mis logros de Licenciada en Matemáticas, donde firmé mi primer contrato de profesora de colegio antes de venir a Brasil.

Fue un momento de reafirmar mis andares y caminos, una Bogotana radicada en Usme, periferia de la ciudad de Bogotá, Colombia, en que habité grande parte de mi vida. Usme nos recibió después de una separación de mis padres, en que mi mamá y sus tres hijos iniciaron una nueva memoria. Si algún día consigo ser escritora y viajera en un barco – que es uno de esos sueños que tengo desde niña –, me encantaría escribir relatos de esa nueva vida a cuatro, nuestros sucesos y anécdotas, que nos hicieron ser esa familia de persistencia. Además, considero que contar historias es una manera de reparar dignidades perdidas. Al contar historias nacen voces y el deseo de una vida mejor, porque somos, sobre todo, también aquello que fuimos.

Fueron días pensando y acariciando a mi gato. En medio de un ambiente de mucha tranquilidad, por dentro parecía un volcán, diciéndome “Bueno, se acerca volver y todo este tiempo he sentido que yo soy ahora otra. Hasta me siento un Gregorio Samsa, personaje de la metamorfosis de Kafka, con la única diferencia que puedo moverme dentro de este apartamento de menos de 60 metros cuadrados, pero, como así

como Gregorio, con los pensamientos encapsulados y con las sensaciones, efectos, rastros y marcas se pronunciando en la piel. Así que me decidí ser parte también de esta historia y contar una historia en esos días donde diciembre se vuelve una locura por gastar lo que no se tiene. Fueron con esos pensamientos que regresé de Brasil, después de un año y nueve meses allí viviendo, sintiendo que mi cuerpo era otro, mi mente era otra. Yo ya no era más yo, aunque físicamente allí estuviera, y necesitaba encontrar una manera para dar cuenta de todos esos cambios.

La sensibilidad me acompaña en todo. Miro con nostalgia y veo memorias de cuando yoambulaba por mi barrio. Hasta pensé “Bueno, si hablamos de vulnerabilidad yo tengo algo para contar, y mi historia puede ser una más de las que yo quiero contar y hasta mejor, ya que los detalles, los mínimos detalles de las singularidades las tengo antes mismo de desarrollar ese ojo vibrátil”.⁸ Pensé en hacer tipo un corto o una galería de imágenes de cuantos pasos han transcurrido en mi vida, de las diferentes casas por las que he pasado. Sí, he sido una nomada⁹ constante, de cambios, de transformaciones. En medio a todo ese movimiento de pensamientos, iniciaría por el medio, contando de donde soy y que el infinito me llevara hasta donde quiero llegar.

Nací en Suba al noroccidente de Bogotá. Mis padres se separaron después de mucha violencia intrafamiliar. Soy hija de un padre golpeador de mujeres, alcohólico y que jamás respondió por sus tres hijos. Si quisiera destacar algo de él, sin ningún ánimo de resentimiento, tengo pocos recuerdos, seguro que más tristezas. Pero con algún esfuerzo, encuentro una imagen de él por la cual me agrada recordarlo. En la imagen, mi papá prepara maíz pira (lo que llaman en Brasil de “pipoca”) y tinto en una tarde de domingo. Aún tengo ese rastro en mí, una acción involuntaria que alguna vez en un día me direcciona a repetir esa misma imagen. ¡Ahora que lo pienso! Los genes tal vez no se pierden del todo. Soy la única de los tres hermanos que le gusta la pipoca y la combinación con tinto. Es extraño pensar que esa imagen de mi padre la repito con el

⁸ Segundo Rolnik (1987), primeiro o olho vibrátil, que faz com que o olho seja tocado pela força do que vê; segundo, a pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade. Nesse momento, para Rolnik (2014), o olho vibrátil é diferente do olho retina, pois capta intensidades e vibrações, rastreando potencialidades para produção. Nosso olho vibrátil, que é diferente do olho retina, capta na pele uma certa inquietação, como se algo estivesse fora do lugar ou de foco.

⁹ Assumo o termo considerando como um modo de vida que tece sua elaboração como uma prática subversiva na realidade constituída.

pasar del tiempo. Normalmente suelo hacerlo como un efecto de dupla combinación, o involuntariamente como un acto de nostalgia y de olvido. Es una acción con una correspondencia con el clima, pues lo suelo hacer solo cuando es un día gris o de domingo. Con respecto a mi madre, puedo decir que ella es parte de la inspiración de esas tantas mujeres con una historia de lucha por contar, una madre a cargo de tres hijos solita y echada pa' lante. De mi padre, nos despedimos en un camión en Suba nor-oriental de la ciudad. Recorrimos unos kilómetros y nos fuimos para la otra periferia de Bogotá, hacia el sur de la capital, a Usme, localidad quinta, con muchos más problemas sociales. Era la única solución que teníamos, ya que el arriendo allí era más barato.

Llegamos a la casa de un familiar de mi madre, quien cobraría un arriendo por dos habitaciones, una cocina compartida y un baño, el cual sería compartido con dos tíos de mi madre (hermanos de mi abuelito materno), uno de los cuales – el tío Hector – fue a la cárcel años después acusado por abuso de menores (estos son secretos de familia de esas cosas que probablemente suceden en tantos lugares del mundo que pueden influenciar en la vida de una persona, como la mía, para hacer un trabajo sobre mujeres). Nosotros tres y la inocencia de mi madre jamás pensamos que ese cambio de casa podía traer peligro. Mi hermana mayor jamás mencionó nada, pero ahora que lo pienso, él se comportaba extraño con ella. Era muy cariñoso y hasta se creía su padre y la regañaba. Mi mamá, que trabajaba todo el día, paró un poco esa situación diciendo que ella era la única que podía reprendernos. Nuestra mamá siempre nos decía que las niñas decentes no se sientan en las piernas de los hombres, ni de sus familiares. Por eso jamás lo hice, era un regla instituida. Tal vez quería inconscientemente ser decente desde mi inocencia de niña. Con mi hermana mayor, jamás nos enteramos que la situación con ese tío pasara a mayores afortunadamente. Luego mi madre nos hizo las maletas y nos fuimos para otra casa, donde seríamos solo los cuatro.

Yo mujer-niña vine a sentir ese miedo de persecución por un hombre a mis diez años. Mi madre trabajaba todo el tiempo y nosotros solo estudiábamos. Un tío de mi mamá quería frecuentar nuestra casa supuestamente para ver si estábamos bien. Él me daba dinero a cambio de abrazos. El dinero me gustaba, pero sabía que al pasar de los días podría tener una deuda grande y unos recuerdos no agradables, así que pasé a me refugiar en casa de mi amiga. Salía del colegio y desviaba caminos. Tenía miedo, pero mi instinto – ese que nunca me ha abandonado – me palpitaba a gritos y cuando le conté a mi mamá que ya tenía ciertos miedos de vivir abusos y violencias, ésta me

protegió y logramos prevenir otro índice y fue remediado. Él fue puesto en evidencia y jamás volvió a mi casa.

Así fue transcurriendo el tiempo, andando en zig zag por este mundo, por este planeta con nombre de mujer, pero con rastros de pelear únicamente afirmaciones masculinas. En el mundo – y específicamente en nuestros países Colombia y Brasil – fuimos creadas sin la nuestra debida reafirmación de pertenecía y de igualdad.

Durante mi etapa de colegio, yo llegué a cuarto de primaria siempre con buenas notas como manera de retribuir que mi madre trabajara tanto, así que esa fue la retribución que mi hermano y yo creo decidimos darle, para que ella siempre se sintiera orgullosa de sus hijos. Fui líder, representante de curso, monitora, brigadista... Estaba en mis venas. Un valor a destacar que me representa fue siempre la justicia. Al menos ha sido ésta la característica con la cual siempre me han identificado.

Siempre he tomado las injusticias como un dolor propio. Una vez recuerdo, era la representante de curso y por alguna extraña razón nos ponían observación a todos y yo, que era quien manejaba el observador (un cuaderno de control y obediencia que se tienen en las escuelas colombianas), lo lancé techo arriba del salón en una escuelita de ladrillos y tejas. Como llovía, quedó solo papel mojado. La razón para el acto era para no dejar que todos pagáramos la injusticia de tener una observación. Se suponía que era por salirnos del salón sin autorización de la maestra y jugar a mojarnos, luego asumí yo solo la observación. He sido una rebelde por causas justas, ahora lo veo así. Fue así como fui creciendo entre las penurias, con el intento de aprender a tocar guitarra, amante de cantar, y de los instrumentos musicales, amante de tener conversaciones de adulto, posiblemente debido a tener una madre luchadora, responsable de tres hijos a los que jamás les ocultó las angustias que pasaba, causadas por el abandono del padre de sus hijos. El hecho de asumir responsabilidades desde tan pequeña me hizo adquirir un pensamiento de niña adulta, eso decía mi maestra. Todo lo veía de una manera distinta a la edad de cualquier niña de diez años y, siendo una niña inconforme con la vida, siempre quería más. Así que gané fama de desagradecida, por aspirar y tener sueños muy grandes.

Pensando un poco en mis rastros y caminos recorridos, fueron cinco las casas que ocupé desde mis diez años hasta los 27, edad a la que vine para Brasil. Es decir diecisiete años adaptándonos a los diferentes cambios. Como todas eran muy cerca, en el mismo barrio, que continúa perteneciendo al mismo estrato con su distinción que

radicaliza la segregación. En Bogotá, yo pertenezco al estrato 1 y 2¹⁰. Así que no tenía que cambiar las rutas, los caminos para la universidad, para los trabajos, a los que llegaba tarde porque eran dos horas de bus antes de llegar al destino final. Cuando veo las fotos de mis casas de arriendo veo la historia de los espacios habitados, y concluyo que soy una minoría. Hago parte de la estadística de la realidad, de aquellos que vivimos con deseos altos y aunque se nos cierran las opciones para alcanzar un mejor destino, insistimos. Así que decidí tomar riesgos, buscando las condiciones que me mostraran un plano de inmanencia que me hiciera romper esas fronteras. Que hablan de cómo las memorias permiten trazar sus propias filosofías y me llevaran a intentar habitar esos otros espacios haciéndome coexistir entre la multitud.

A grandes rasgos he contado los trayectos y caminos para tornarme en lo que ahora soy, un resumen de mi vida hasta mi llegada a Brasil, en el 2017. Cansada de las rutinas, de las injusticias laborales en colegios privados, decidí otro camino después de conversar por e-mail con Roger Miarka con ilusión de que podría ser una estudiante en un programa de posgrado brasileño. Con ese objetivo, asumí dejar todo en mi tierra, en mi país, que en si eran solo mi madre, hermana, sobrinos y un gato Jerónimo (que aún me espera, o eso creo yo). Sin nada más que una mochila amarilla, con la confianza que Roger depositó en mí sin conocerme bien aceptando en ser mi orientador, me vine con unos 8 mil reales. Siempre pensé que debía guardar si querría irme para algún lugar.

Era un sueño, no importaba el destino. El dinero salió de cuatro años de ahorro de los salarios de mis diferentes trabajos. Trabajé entre bares como mesera y bartender los fines de semana, cajera en un almacén y luego guía de un museo donde hablaba del origen de las estrellas y de las galaxias a niños de colegio, llegando a mi primera experiencia sin aún graduarme como docente de matemáticas. Ya después de graduada como licenciada, conseguí tres años de experiencia laboral en diferentes colegios privados de Bogotá. No asumí un concurso para trabajar en colegios oficiales, etapa que espero abordar en mi retorno, ¡si vuelvo! En últimas ese dinero fue la gran bendición que ayudó para subsistir un año aquí en Brasil. En marzo del 2017 inicié mis primeras disciplinas de posgrado, cuando también comencé a aprender portugués siendo

¹⁰ Estratos tratan de una clasificación socioeconómica en las ciudades de Colombia que define el estatus social y de bienes de sus habitantes. Estrato 0 significa nivel de pobreza extrema. Estratos de 1 a 3, con menores recursos. Estratos de 4 a 6, con mejor nivel de vida y economía. En Bogotá se visibilizan las barreras invisibles que podrían aparecer en cualquier capital del mundo. El sur es estrato uno y dos, por tanto, se identifica con la pobreza. En el centro hay una suerte de clase media. En el norte, los que denominan ricos, estratos cinco y seis. El estrato cuatro, el que paga lo que consume, no recibe ayudas ni las aporta, alberga un limbo para los estándares colombianos.

estudiante especial¹¹ del campus de Rio Claro. Cuando el ahorro acabó, llegó la angustia. La decisión de volver se hacía latente. La esperanza de conseguir entrar como alumna regular fue acabando. Sin embargo no desistí, logré conseguir un trabajo en el centro de Rio Claro, como ayudante de un restaurante de *rodízio* de pizza, lo cual me sirvió hasta que conseguí la beca en marzo de 2018, tan pronto como me volví alumna regular del programa y por eso hoy disfruto del beneficio y de la ayuda que me dio este país.

En Brasil ya pasé por cinco casas y un hostel en el cual conviví en un mismo cuarto con seis personas, entre ellas un monito bello, acuerpado con un acento difícil de entender, un inglés balbuceado, quien fue una linda compañía por tres meses, una experiencia que recuerdo y se mantendrá en mi caja de momentos agradables. Ahora estoy a casi dos años y tres meses viviendo en este país. A veces reafirmo que soy una inestable pero muy persistente, llena de instinto femenino que guía mi destino. También he gozado de una suerte en el camino de buscar las oportunidades, pues adecuarse a vivir fuera de tu zona de confort no es fácil, pero lo he logrado y creo que debo agradecer por tanto aprendizaje que a veces solo lo veo como aventuras, pero sin ellas no sería lo mismo. Todo ese tiempo contado aquí fue la sonrisa de muchos días con el pensamiento colgado en parpados abiertos con angustias e incertezas y con la gran satisfacción de estar cumpliendo en buena parte lo que inicialmente me contemplé.

Regresé a Rio Claro para una nueva casa en que cerraría mi etapa viviendo con cinco personas, también de posgraduación, pero de diferentes carreras. Volvía a la etapa de incertezas que en parte se tornaron fundamentales. ¿El que iba a suceder? Era una pregunta que “cutucava” y me inquietaba en constantes momentos. Decidí vivir con más personas pues, aunque esa ciudad tenga unos de los cielos azules más bellos que pude ver en mi vida, a veces es también cruel y solitaria. Tiene silencios que incomodan, tanto que hasta deprimen. Así que decidí – como lo dice Perota Chingo en su música de seres extraños “si me ves por la calle seguro que voy cantando” –irme por ese cielo azul con audífonos. Esta ciudad extraña me enseñó a sentir el silencio como una compañía y no como un suspiro de tristeza. Aunque mi rutina sea café, lecturas, escritas, seminarios, ideas, creación, ukelele, análisis, escritas, sensaciones, dormir, pensar para

¹¹ En el Programa de Posgrado en Educación Matemática de Rio Claro, un *estudiante especial* es aquel que todavía no está matriculado como alumno regular del programa, pero ya cursa asignaturas cuyos créditos podrán ser utilizados después de la matrícula, cuando el alumno pasa a ser llamado de *alumno regular*.

escribir, ansiedad, hojas en blanco, sonrisas, momentos de mirar al techo, una bossa-nova escuchar y un objetivo por lograr, mi gran logro será cumplir esta etapa que tanto pensé, formarme con mi máster, quedando satisfecha y complacida de lo forjado. Puedo decir que esta ha sido mi trayectoria de lucha, y si bien, aun no sé si es una historia que valga la pena contar. Para mí, son fragmentos contados por la voz de una mujer solitaria que vive en la ciudad, una mujer que habita este mundo queriendo tener las riendas de la vida por la mano. Tal vez este texto sea un comienzo por el medio, donde la escritura es la herramienta, ya que la palabra es una especie de cordón umbilical, y el escrito literario es el hijo. Cierro el computador, sonrió y pienso. Es bueno contar historias, mucho más cuando no sabes donde terminan. “En el último suspiro de alegría otra alegría, en la punta de la espada la magia; es allí a donde voy”. (LISPECTOR, 2012, p. 89).

¡Hasta el momento!... eso es un resumen de una historia.



12

¹² Maria Conejo: Obra Identidades perdidas I, 2018 . Tinta sobre papel 60 x 40 cm recuperado en: <https://www.instagram.com/p/BmwnZtSFThC/>



Fragmento #6

Amores raros, a adaptação a outro país.

Nadie tiene su destino asegurado, y nadie en su tierra está conforme. Si me pregunta de qué nacionalidad soy diré que soy ciudadana del mundo. (JEIMY SUÁREZ, insight, 2018)

Eu tenho uma patologia não diagnosticada, vou contar para vocês. Eu sou a pessoa mais feliz do mundo quando tenho um novo carimbo no passaporte. Isso me faz imensamente feliz, minhas endorfinas aumentam e fico com um sorriso de olheira a olheira. Antes de vir ao Brasil, tinha só três carimbos: Cuba, Panamá, Equador. Conheci esses países por meio de eventos acadêmicos na graduação e por minha vontade de descobrir o mundo. Minha primeira viagem, produto do meu trabalho profissional, foi para Cuba, a minha melhor viagem até o momento. Mesmo tendo dificuldades econômicas, não deixo jamais que isso se torne um pretexto para não viajar. Viagens são como sonhos para mim, cada um deles convertidos em desejos de aprendizagens, de olhar de dentro e para dentro de mim. Dentre esses muitos sonhos, estava pronta para embarcar e conseguir um quarto carimbo cujo destino era o Brasil.

Não voltei a ter essa sensação de felicidade, que me traz as viagens e o movimento do desconhecido no espaço desde que me assumi Colombo-Brasileira e acampeei em São Paulo, que, mais que um estado, é um fragmento composto de partes de todo o Brasil.

Inicialmente o esquema foi assim: na Colômbia a graduação, mesmo quando pública não é gratuita. Paga de acordo a sua declaração de renda e com o seu estrato. A pós-graduação é toda paga e privada. Um curso de mestrado custa em torno de 25 mil reais, com aulas geralmente em apenas um dia da semana, ocasionalmente com aulas em dois em alguns poucos programas. Para mim, não havia possibilidade real assumir um curso como o que eu consegui fazer no Brasil, com a possibilidade de estudar um mestrado em uma universidade pública com uma bolsa que me possibilitasse dedicação exclusiva à pesquisa. Na Colômbia, as pessoas que optam pelo Mestrado e que não são abastadas acabam se vendo obrigadas a assumir uma dívida com o banco. Eu não queria uma dívida como essa para o resto de minha vida.

Inicialmente, no Brasil só consegui fazer disciplinas como aluna especial e, por não estar ainda regularmente matriculada no curso de pós-graduação, não possuía visto de estudante. Por conta disso, assumi alguns riscos.

No Brasil, de imediato, você pode ser turista por 90 dias. Depois você pode pedir uma renovação por outros 90 dias. Passados esses 90 dias o significado de imigrante começa a valer. Foi isso que virei, até o momento em que pedi meu visto temporário por dois anos. No momento de justificar como eu me manteria, coloquei que moraria com meu irmão e que este seria a pessoa formalmente – mas não na prática – responsável financeiramente por mim. Isso foi possível, pois, à época, ele fazia doutorado na UNESP, no campus de Guaratinguetá.

Logo percebi também as dificuldades da língua, cujo processo de aprendizagem é mais rápido ou mais lento dependendo do quanto você interage no idioma estrangeiro. Ao perceber isso, meu primeiro foco de dedicação foi praticar o português para ser fluente.

Há também o problema de lidar com uma estrutura administrativa estranha. Lembro que tive que preencher muitos documentos, tanto para a Polícia Federal como para a Academia. O primeiro documento acadêmico foi o currículo Lattes¹³, que não ajudou muito nesse processo de adaptação. A plataforma Lattes nem reconhecia minha nova nacionalidade *colombo-brasileira* e era o primeiro documento que precisava preencher para fazer parte da base de dados de pesquisadores do Brasil. É uma plataforma pública em que meu nome começaria a fazer parte. Tampouco tive a opção de escolher e deixar privadas algumas de minhas informações.

A screenshot of the Lattes registration form. At the top, there is a navigation bar with icons and labels: 'Cadastrar-se no Currículo Lattes', 'Informação pessoal', 'Endereço e contato', 'Formação acadêmica', 'Atuação profissional', and 'Área de atuação'. The main section is titled 'Cadastrar-se no Currículo Lattes' and contains instructions to read the terms and conditions. Below this, there are fields for 'País de Nacionalidade' (set to 'COLOMBIA-BRASILEIRA'), 'E-mail' (with a satirical email address), 'Senha', and a CAPTCHA. The CAPTCHA image shows the text '6h4T' in red. The form has 'Cancelar' and 'Próxima' buttons at the bottom.

Fonte: Imagem da plataforma, riscando uma sátira a Lattes

¹³ Currículo Lattes é uma plataforma de estudantes e pesquisadores com padrão nacional para o registro de seu percurso acadêmico. Atualmente é adotado pela maioria das instituições de fomento e universidades brasileiras.

Ao preenche-la com meus dados, me sentia em um encontro virtual às cegas, cedendo minhas informações, por vezes com uma sensação de que me vendia na plataforma, que me obrigava a dar respostas únicas.

Perfil: Sou tantas e há tanto o que dizer... Qual delas a plataforma quer conhecer?

Nacionalidade: Colombiana, perdida no Brasil. Melhor, colombo-brasileira.

Profissão: Docente de matemática, estudante de mestrado, mas também guia de museu, garçonne, cantora, professora de espanhol, balconista e muitas outras...





Fragmento #7

Entre um começo e outro, há sempre outro começo.

Tudo “começou” em julho de 2016. Eu estava quinze dias de férias e queria pensar em novos caminhos. Daí fui visitar meu irmão e conhecer o Brasil pela primeira vez, depois de dois anos sem que ele conseguisse ir a Colômbia, e também para definir coisas da vida. Sentia intuitivamente que esta viagem mudaria caminhos. Meu irmão, que nunca se contentou com pouco, foi minha inspiração e exemplo de persistência para pensar em um mestrado fora da Colômbia. Ele foi o primeiro a tentar e hoje em dia escolheu ser um acolhido a mais que este Brasil não desamparou. Agora, tem os títulos e luta para encontrar oportunidades. Essa luta continua, pois, as possibilidades estão cada vez mais difíceis, e novos desafios aparecem. Agora, por exemplo, ele tem que convalidar seu diploma de graduação, processo que também eu terei que fazer no futuro: Uma procura pela aceitação de um carimbo que valha em ambos os lados da fronteira entre Brasil e Colômbia, uma garantia de que o conhecimento adquirido seja válido tanto aqui como lá.

Ele me falou sobre fazer mestrado no Brasil e me parece que, de alguma forma, uma parte de mim já procurava por possibilidades de continuar meus estudos fora da Colômbia. Assim, eu já estava atenta a isso e, estando de visita em Guaratinguetá, cidade em que meu irmão fazia doutorado, fui a conhecer sua universidade e o Departamento de Engenharia de Materiais, em que ele estudava e considerava como segunda casa. Ele também me sugeriu procurar alguém no Departamento de Matemática, de maneira que fomos juntos para lá e tivemos um grato encontro com a única professora que não estava de férias no Departamento: a Profa. Rosa Monteiro Paulo.

A professora Rosa é professora do campus de Guaratinguetá, mas também credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática no campus de Rio Claro. Com esse encontro, que às vezes penso ser obra do destino ou mesmo uma conspiração do mundo, eu fiquei sabendo sobre o Programa de Educação Matemática em Rio claro.

Ela achou que eu era cubana por falar espanhol e por meus interesses em trabalhar com etnomatemática e com matemática para justiça social. Esses temas

estavam um pouco distantes do que ela pesquisava e, naquele momento, sugeriu que eu entrasse em contato com um colega seu, um professor loiro de Rio Claro chamado Roger Miarka. Esse dia foi muito marcante para mim: passei da animação à dúvida e da dúvida à decisão.

Na busca por possibilidades, também acessei a página do Programa, li sobre suas linhas de pesquisa e procurei pelas pessoas que mais se aproximavam de meus interesses de luta e de pesquisa. Além do Prof. Roger Miarka, encontrei duas outras pessoas, uma delas na linha de Inclusão em Educação Matemática. Mandeí uma mensagem para a senhora com cabelo acinzentado e para seu esposo, senhor com sotaque e nome dinamarqueses, que em toda minha graduação havia sido grande referência, ambos professores credenciados no Programa. Não tive resposta deles, porém acredito que isso aconteceu porque assim tinha que ser.

Além deles, também escrevi um e-mail para o professor loiro colocando todos os meus desejos. O Professor Loiro, afortunadamente sim, respondeu.

roger.miarka@unesp.br

Hola Jeime,

me alegro que estes com ganas de hacer una maestría. Hola Jeime,
me alegro que estes com ganas de hacer una maestría em Brasil y también
por pensar que lo podrías hacer conmigo.

No te preocupes con las fechas de la convocatoria, pues estas son para los
candidatos brasileños. Los extranjeros pueden aplicar para una plaza de
maestría o de doctorado en cualquier momento.

Rio claro no es tan lejos de Guaratingueta. Si te va, vente a visitarnos a mi y
a mi grupo de investigación para que charlemos un poco de nuestras
investigaciones y tú de tu interés. Tienes la posibilidad de venir para
quedarte aquí un rato?

Cordialmente

Roger miarka

Fonte: Elaboração da autora

Não sabia que seu passaporte também não era do país do samba, e talvez isso faça a diferença... Depois fiquei sabendo que ele já havia tido vários orientandos da minha nacionalidade. Dias depois vim para Rio Claro com a finalidade de conhecer o professor loiro e seu grupo, o Cronopi@s, um encontro sobre o qual quero falar um pouco a respeito.

Eu embarquei para a cidade de Rio Claro para meu encontro marcado com o Professor Loiro. Ele, muito solícito, foi me buscar de carro na rodoviária e me levou ao campus da universidade. Teríamos uma reunião na qual conheceria um pouco da cidade e da universidade. Da cidade, só percebi que era bem tranquila, bem pequena, e com casas com telhados e tetos da cor laranja. Conheci os grupos Imag@ e Cronopi@s, seus integrantes e estudos. Naquela tarde havia uma reunião em que discutiríamos o livro *O que é a filosofia?*, de Deleuze.

Em uma primeira impressão sobre o mundo acadêmico e os grupos de pesquisa, entendi que cada um de seus integrantes tinha suas singularidades, trabalhando com o que gosta e com algo que tinha a ver com suas vias, sem se adequar a um programa de pesquisa que impusesse pesquisas artificiais de interesse apenas do orientador. Isso chamou muito minha atenção, já que me permitiria estudar e pesquisar coisas que fossem de meu interesse. Além disso, percebi que meus colegas de grupo gostavam de literatura, de cinema e da vida boêmia, mas sem perder um foco de pesquisa emaranhado no mundo acadêmico de pesquisa com fundamentos em filosofia da educação e educação matemática.



Fonte: Elaboração da autora



Lutas e Resistências

Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro. Julgar é a profissão de muita gente e não é uma boa profissão, mas é também o uso que muitos fazem da escritura. (DELEUZE, 1977, p.16-17 [tr: p.8])



Fragmento #8

Rastros na procura sobre InfoPreta

Ao procurar em buscadores como Google Acadêmico e em bases de dados, encontrei quatro trabalhos que mencionavam a palavra InfoPreta: dois artigos, uma dissertação e uma tese, que utilizaram a empresa como inspiração ou como base para seus trabalhos acadêmicos.

Na procura do portal CAPES com palavra “InfoPreta”, não há nenhum artigo. No entanto, quando se procura com a palavra-chave “empoderamento”, há um total de 3.427 arquivos no período de 1995 a 2019 com 1.990 artigos revisados por pares. Ao tentar fazer um rastreio mais específico, adicionei mulher como outra palavra chave e consegui como resultado 1.634 artigos dos quais 849 se encontram revisados por pares.

Depois, para ser mais específica coloquei: empoderamento, mulher preta. O resultado entre período de 1999 a 2019 foi de unicamente 44 artigos nesse período de vinte anos, dos quais só 22 estavam disponíveis no Portal. Como última procura, usei três palavras-chave da minha pesquisa: mulheres pretas, empoderamento, vulnerabilidade. Encontrei dois textos.

Após esse percurso de exploração, optei por operar somente com os textos que falavam especificamente da InfoPreta, em número de três. Para cada um deles, elaborei uma ficha de caracterização, que entendo como uma espécie de análise não somente descritiva mas também produtiva. Nela, apresento três campos: trechos d@ autor@ do texto, trechos de entrevistas presentes nesses textos e, por fim, uma produção minha junto a esses textos de maneira articulada com meus objetivos de pesquisa. Não se tratou, assim, de um movimento de interpretação e nem de referência para minha pesquisa, mas de produzir junto.

.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO DOCUMENTO

TIPO DE DOCUMENTO	TÍTULO	AUTOR	ENFOQUE
ARTIGO	Política Nacional De Resíduos Sólidos Descarte De Eletroeletrônicos Com Foco Em Negócios Sociais: Caso Infopreta	João Henrique dos Anjos Oliveira Aluno de mestrado em Administração da FEI/SP	DEBATE SOBRE: Gestão, Tecnologias e negócios
ANO: JUNHO 2017			
TRANSCRIPCION DE FALAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE INFOPRETA DESDE OS AUTORES		FALAS DE TRECHOS DE ENTREVISTA INFOPRETA	CONEXÕES QUE A PESQUISADORA FAZ JUNTO SEU PROJETO DE PESQUISA
“[...] Entender como funcionam as empresas reconhecidas publicamente como Negócios Sociais dentro desse contexto. Afim de realizar uma contribuição para esse tema buscou-se analisar o caso da InfoPreta nasceu em 2013” (p. 126) “[...] intuito de proporcionar para todas as mulheres, preferencialmente moradoras de regiões periféricas em situação de vulnerabilidade social.”(p.121) “[...] o acesso facilitado a computadores e a manutenção de seus computadores com preços acessíveis e muitas vezes gratuitos"os computadores são obtidos por meio de doação, um indivíduo que não tem mais interesse naquele produto ou pro-cura colaborar com alguma pessoa		“A Infopreta hoje sobrevive principalmente de manutenção e formatação de computadores e também de projetos de TI e de automação, essas são as principais fontes de receita e a Infopreta hoje já uma empresa formalizada ela se constituiu como uma MEI (Microempreendedor Individual) Buh "Nossa empresa presta serviços de tecnologia, minha formação é robótica, e nos especializados em serviços de redes, instalação de sistemas em rede, manutenção de computadores, servidores, projetos todos	A infopreta sempre desde seus inícios a procurava não só ser uma empresa que preste um serviço de manutenção de computadores, aqui se pode ver uma preocupação que opera como camada social , é negocio colaborativo preocupado com as questões ambientais, com uma atuação conciente do ciclo de vida de um produto, o reaproveitamento de esses produtos doando para pessoas de baixa renda , ja é um modo de criar possibilidade de empoderamento, ademais que o lixo informático precisa ser eliminado e que melhor que incentivando por o impacto social e fazendo um uso do bem comum seja : gerando

que não possua um aparelho faz a doação para a Infopreta.”)p. 124) “[...] A sobrevivência da Infopreta como negócio propriamente dita é evidenciada pe-los projetos de manutenção de computadores efetuadas pela reduzida equipe, a maioria dos negócios da Infopreta são projetos.”(p. 126) “[...] A Infopreta também tem uma parceria para o descarte de lixo eletrônico de mui-tas peças que não são aproveitadas pela empresa durante a manutenção, essas peças são encaminhadas para um posto de coleta de lixo eletrônico e parte das peças tam-bém são encaminhadas a um parceiro.” (p. 126)	ligados à área de informática.” "Buscamos fornecedores com preço mais em conta para que nosso serviço consiga ser oferecido em um preço justo e acessíveis".	emprego para os catadores que estan ligados com pessoas de baixa renda empreendedor social é retirar as pessoas da situação de risco social, e, na medida do possível, gerando valor e uma logica de mercado , desenvolvendo as capacidades e aptidões naturais, buscando propiciar-lhes uma transformação social com plena inclusão.
PUBLICADO EM: Revista Fatec Brae em debate-gestão, tecnologias e negócios. 2017		
CITAÇÃO: dos Anjos Oliveira JH. POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS DESCARTE DE ELETROELETRÔNICOS COM FOCO EM NEGÓCIOS SOCIAIS. Revista Fatec SEBRAE em debate-gestão, tecnologias e negócios. 2017; 4(06): 119-.		

TABELA 2

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO DOCUMENTO			
TIPO DE DOCUMENTO	TÍTULO	AUTOR	ENFOQUE
ARTIGO	A Mobilização de Resistência das Mulheres Negras na Computação e Tecnologias	Mory Márcia de Oliveira Lobo gueiredo Cristiano Mac	TEMATICA: Computação e Sustentabilidade
UNIVERSIDADE E ESTUDO DOS AUTORES			
Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação–Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasi			
TRANSCRIPCION DE FALAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE INFOPRETA DESDE @S AUT@RES	FALAS DE TRECHOS DE ENTREVISTA INFOPRETA	CONEXOES QUE A PESQUISADORA FAZ JUNTO SEU PROJETO DE PESQUISA	
(...) Algumas áreas do conhecimento foram atribuídas como domínio masculino, tendo como exemplo a computação, campo historicamente dominado por homens brancos. (p, 63) (...) Pensar na mulher e negra como objeto de pesquisa empreende novos desafios sobre temas cada vez mais complexos. Neste sentido, surgem perguntas sobre questões importantes para a compreensão de fenômenos contemporâneos e consequentemente formulações abertas a contestações principalmente nos campos de pouca compreensão das ciências.(p, 1)	(...) É uma empresa brasileira localizada em São Paulo, com visão social criada em 2015 exclusivamente por mulheres negras. Entre suas missões estão o impulsionamento de mulheres(negras e de outras minorias)para a área de exatas e ajudar a conservar o meio ambiente com o descarte correto dos eletrônicos e outros materiais. (...) Com o reciclagem de aparelhos eletrônicos em geral, que são doados para mulheres periféricas. Também, se oferece palestras e cursos de tecnologia,	É importante destacar que é um artigo no qual coincidimos na manifestação de deconstruir a ideia do TI seja uma área só para campos naturalizados o seja para homens, branco e heterossexual. Aqui se ve que a inserção da mulher e preta são fatores a mais que dificultam sua inserção no mercado. Assim que Infopreta cria possibilidades propondo atuar como produtoras para dar oportunidade para essas minorias, acreditando, gerando confiança, fazendo capacitação em habilidades por meio de algumas estratégias de sucesso como modos de empoderamento que utiliza como o trabalho coletivo e parcerias em prol da equidade de gênero interseccional, desenvolver essas novas tecnologias como forma de resistência para	

(...) Diversas entidades sociais e técnicas da computação reconhecem que as mulheres negras enfrentam desafios únicos, tais como isolamento, falta de confiança e sobrecarga, seja no ambiente acadêmico ou na indústria. (p, 2)	inovação e empreendedorismo com foco em relações étnico-raciais, gênero e diversidade para mulheres. A empresa possui parceria com a Microsoft Brasil e recentemente foi classificada para representar o Brasil no G20 em Berlim. (p, 3)	sobrepõem tais problemas e atinge a uma formação de redes de mentoria e apoio para mulheres negras na tecnologia; a divulgação de role models e o reconhecimento da diversidade cultural na produção tecnológica.
PUBLICADO EM: Biblioteca Digital da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) Anais do XII Women in Technology (WIT 2018) Realizado em Natal. 26/07/2018		
DE OLIVEIRA LOBO, Mory Márcia; DA SILVA FIGUEIREDO, Karen; MACIEL, Cristiano. A Mobilização de Resistência das Mulheres Negras na Computação e Tecnologias. En 12º Women in Information Technology (WIT 2018). SBC, 2018.		

TABELA 3

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO DOCUMENTO			
TIPO DE DOCUMENTO	TÍTULO	AUTOR	ENFOQUE
TESIS DE DOUTORADO	Feminismo e cultura hacker: intersecções entre política, gênero e tecnologia	DANIELA CAMILA DE ARAUJO	Política Científica E Tecnológica
TRANSCRIPCION DE FALAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE INFOPRETA DESDE OS AUTORES		FALAS DE TRECHOS DE ENTREVISTA INFOPRETA	CONEXOES QUE A PESQUISADORA FAZ JUNTO SEU PROJETO DE PESQUISA
[..]esses são efeitos de uma Sociedade em Rede, que globaliza o consumo, a economia e, em alguma medida, os movimentos sociais see crea um fenômeno de ativismo político “transfonteiriço”, que por meio de mídias digitais e eletrônicas mobiliza atores locais em torno de um problema ou uma demanda, evocando outras partes do mundo que compartilhem das mesmas reivindicações. As redes locais ativistas são parcialmente incorporadas na rede global, seja pelas pessoas e instituições que conectam ou até mesmo pelos temas com os quais estão lidando e que têm relevância em nível global. (p.136) [...] “Existem umas barreiras de inclusão digitais uma delas o acesso e a segunda brecha digital” estão envolvidos fatores como renda, composição familiar, formação, idade, sexo, geração etc., e gênero a lacuna entre a inclusão de mulheres, e outros grupos marginalizados, como usuárias e produtoras dos recursos técnicos. Em outras palavras, mostra que esses grupos avançaram no uso das TICs, mas permanecem excluídos da configuração tecnopolítica dessas tecnologias. Superar essa distância é importante do ponto de vista da inclusão digital, mas também colabora para democratizar a participação das mulheres nos espaços deliberativos sobre ciência, tecnologia e direitos na Internet. (p. 17)		[...] com as oficinas quisimos dar o maior alcance de seleção de participantes, nas quais os grupos menos privilegiados têm prioridade nas vagas. Para a inclusão das mulheres negras, das moradoras da periferia, das mulheres trans, das mães com crianças pequenas, foi preciso pensar no suporte necessário para que essas mulheres pudessem chegar até os cursos e permanecer ao longo de todo um dia. P. 134 [...]“Acesso a computadores e a qualquer coisa que possa te ensinar algo sobre a forma como o mundo funciona deveria ser ilimitado e total”.(p. 134) [...]“Toda informação deve ser livre”. Entre os princípios da cultura hacker, este é o mais relevante. É com base nele que se desenvolvem o SL, o movimento de dados abertos e os inúmeros projetos colaborativos, cujo objetivo é o compartilhamento de conhecimentos. O ético hacker feminista também (p. 135)	Com essa tese, achei interessante o modo como o grupo faz um trabalho de inclusão digital e tecnológica com seu projeto social, consoante com o que eu percebi em campo. Uma da proposta foi ajudar no projeto de doação de computadores. Consegui doar um computador que logo fiquei sabendo ter sido encaminhado a uma pessoa do Rio para conseguir manter seus estudos. Também evidencia outros marcadores sociais da diferença, como raça e classe, além de atividades com participação exclusiva de mulheres organizadas pelo coletivo com o objetivo de criar espaços seguros e de acolhida, onde as mulheres sintam-se à vontade para compartilhar experiências e perguntar sobre o universo da tecnologia, para muitas delas por vezes ainda muito distante. A autonomia, em suas várias facetas, é

[...] empresa de mulheres negras que busca influenciar e ajudar jovens na comunidade que não tem acesso à tecnologia, preferencialmente focamos em estimular as meninas, mulheres e crianças para a área de exatas, mostrando que elas podem tudo. Fazemos oficinas e doamos notebooks, CPUs e itens de informática e montamos salas de aprendizado, bibliotecas e oficinas. (p, 135)	coloca esforços sobre esse princípio e trabalha pelo desenvolvimento de metodologias de aprendizagem que torne esse processo mais inclusivo. [...] projeto social da InfoPreta é o “Ressocialização Preta”, que visa empregar mulheres negras que estão em situação de rua e egressas do sistema carcerário brasileiro. O sistema penitenciário feminino é composto por mais de 68% de mulheres negras, com até 29 anos e sem o ensino fundamental completo, e algumas nem se alfabetizaram. O projeto ainda conta com cursos e bolsas para estas mulheres. Além disso, a iniciativa oferece palestras e cursos de tecnologia, inovação e empreendedorismo com foco em relações étnico-raciais, gênero e diversidade para mulheres. A empresa possui parceria com a Microsoft Brasil e recentemente foi classificada para representar o Brasil no G20 em Berlim.	vista como recurso fundamental para a manutenção da independência e liberdade do ativismo. Tal ideia de autonomia é vista com interdependência e corresponsabilidade, criando meios de apoio para o aprendizado e experimentação, e que em vez de dizer “faça você mesma”, diz “façamos juntas”.
PUBLICADO EM: REPOSITORIO DA ÚNICAMPIN ARAUJO, Daniela, et al. Feminismo e cultura hacker: intersecções entre política, gênero e tecnologia. Fevereiro 2018.		



Fragmento #9

Metodologia? Prefiro “um modo de estar em campo”

Todo sonhador solitário sabe que ouve de outra maneira quando fecha os olhos. Para refletir, para escutar a voz interior, para escrever a frase central, condensada, que diz o “fundo” do pensamento, quem nunca apertou fortemente as pálpebras com os dedos? Então o ouvido sabe que os olhos estão fechados, sabe que a responsabilidade do ser que pensa, que escreve, está nele. Poderá relaxar quando a pessoa reabrir os olhos. (GASTON BACHELARD, 1998, p,146)

Um dos meus interesses desta pesquisa é relatar histórias de vida, sejam minhas, sejam das pessoas com quem me encontrei na InfoPreta, com o objetivo de problematizar e discutir questões como o gênero na educação matemática, na tecnologia como possibilidade de empoderamento de mulheres, nos diversos modos de ser feminino, no trans, no queer, nos corpos frágeis que estão nas margens, com suas diferentes camadas de vulnerabilidade social, e refletir para desnaturalizar as diferenças ante as fronteiras para chegar a uma transgressão educativa, uma desobediência necessária ante a fratura de nosso aparelho de estado.

O formato desses relatos são fragmentos desconexos. Pensar em uma pesquisa com narrativas que falem de experiências de vida pode ser um tipo de pesquisa qualitativa. Tais narrativas falam de encontros, de momentos, de impressões, de falas, de conversas, de silêncios... Organizei as palavras produzidos em meus encontros de pesquisa de duas formas: como fragmentos de narrativas das pessoas que fazem parte da investigação e como fragmentos narrativos problematizadores de meu encontro com essas narrativas. Afinal, por que um desdobramento teórico não pode em si ser uma narrativa também?

Para esse processo de acompanhamento da InfoPreta, apresento a Cartografia como um método no qual me acolho para operar. Tomo-a como prática que busca a construção de mapeamentos de territórios sociais, um modo atento para compor com as conexões que me agenciam neste percurso de pesquisar, que busca e abraça as complexidades da vida. Com esse método, que alguns preferem chamar de atitude, me atentei aos diferentes modos de habitar e operar com aquelas pessoas durante as muitas horas de acompanhamento na InfoPreta, que não se encerravam em seu espaço físico.

Com a Cartografia, estive atenta às relações que se mostram na InfoPreta, seja de trabalho na contemporaneidade ou outras que vierem a se mostrar, como produções de

subjetividade, que impacta, como se verá adiante, não apenas em “horas de trabalho”, mas na vida integralmente.

Assim como Suely, em alguns trechos de *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo* diz: O pesquisador que assume a Cartografia como método “leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações - este cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente” (ROLNIK, 1989, p.69) . Portanto, quando se tem outros resultados, sendo estes de significado aproximando perspectivas conceituais e metodológicas, dando um enfoque científico de abertura a outros movimentos, não será possível fugir das subjetividades, sem dizer que se deslegitima a importância científica, porém, coloca em outro patamar, a pesquisa com uma proliferação de outras formas de teoria, outros espaços que debatam a definição do corpo e da vida.

Para manifestar essas descobertas a pesquisadora assume a cartografia como método científico, como prática de acompanhar o processo na InfoPreta, como um modo de pesquisar na academia. Com a cartografia, busquei pensar, sentir e acompanhar o processo em que estava envolvida.

O Método Cartográfico valoriza aquilo que se passa nos intervalos e interstícios. O que interessa é o que se passa *entre*, como uma experiência de pesquisa no sentido dado por Deleuze e Guattari no volume 1 de *Mil Platôs*. Para estes autores, o ato de construir um mapa não é um decalque: “Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói.” (DELUZE; GATTARI, 1995, p. 2) Portanto descobrir todas essas matérias de expressão que compõem e passaram por um processo real que foi afetado, que produz: no/o campo, nosso/o habitar, um/os olhar(es), uns fragmentos que ziguezagueam no mapeamento de sensações experienciadas no caminho, no trajeto, em cada lugar específico e não específicos. Vento, chuva, neblina. Um corpo que sente e que pulsa.

A produção de dados contou com ajuda da oralidade, considerada uma fonte de expressão de comunidades em que sua cotidianidade tem relevância nos modos como acontece. “Trata-se da vida, mais precisamente, das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc.” (PELBART, 2000, p. 37).

Essas expressões na cotidianidade são elementos que podem ajudar a visibilizar e a marcar uma identidade. Com elas, procuro gerar uma memória dos acontecimentos que se têm do passado do indivíduo. Cabe ressaltar que não desejo explicitar categorias, mas produzir textos que sejam **pele/membrana**, que sentem que tocam que têm cheiros diversos, que ficam expostos a diferentes contextos.

Quero dar a ver histórias singulares de personagens que serão meu público, que têm cores, vida. Ou seja, parafraseando Deleuze, que fala que os processos de criação envolvem a tessitura dos processos criativos, que trazem um mosaico de forças sensíveis, anedóticas e descritivas, que perpassam essa superfície da textualização nas fissuras das porosidades. Deleuze, diz que

[...] Um cristal não se desenvolve a não ser pelas bordas. Sem dúvida, não é o mesmo que se dá com um organismo; este não cessa de se recolher em um espaço interior, como de se expandir no espaço exterior, de assimilar e de exteriorizar. Mas as membranas não são aí menos importantes: elas carregam os potenciais e regeneram as polaridades, elas põem precisamente em contato o espaço exterior independentemente da distância. O interior e o exterior, o profundo e o alto, não têm valor biológico a não ser por esta superfície topológica de contato. É, pois, até mesmo biologicamente preciso compreender “que o mais profundo é a pele”. (DELEUZE, 2000, p. 106)

Neste tipo de pesquisa se tem diferentes elementos combinados em uma composição, documentos pessoais e sociais, produzidos junto aos seus diferentes participantes. A memória dos sujeitos é entendida como uma produção ativa de significados e interpretações, de caráter estratégico, com a capacidade de produzir outras linhas de força no presente.

Tal modo de proceder envolve necessariamente estar junto, ou seja, um trabalho de campo. Como cheguei ao campo? Inicialmente eu cheguei na InfoPreta para descobrir seus tempos, suas rotinas, sua organização. Queria saber quem eram as pessoas que ali trabalhavam e a quem atendiam. Era um novo território para mim. Queria saber mais desse processo e produzir a partir de suas práticas, as quais via como invenções de “artes de existência e de resistência”. O campo foi produzindo e sendo produzido no passar dos dias.

A intimidade ajudava. Elas me perguntavam coisas diferentes de como se falava em espanhol, sobre músicas... Era um processo de reconhecimento mútuo. De início não sabia bem o que fazer com elas. Também elas pareciam não saber muito bem o que fazer

comigo. Eu falava que podia ajudar no que precisassem. Um dos instrumentos que eu utilizei foi o diário de campo. Em um caderno de folhas brancas, escrevia sobre o processo descritivamente, o que sucedia em minhas observações, o que eu fazia depois de estar lá.

Organizei uma rotina. Eu chegava às 11 horas da manhã, para almoçar com elas, e terminava umas 16 horas. Quando a cidade começava com seu horário de rodízio, as tarefas terminavam para todas, já que elas também finalizavam seu afazeres para sair às 17 horas para regressar a suas casas que ficavam em Osasco, uma cidade vizinha.

Nos momentos do almoço, eu levava uma vasilha com fruta picada para acompanhá-las em seu horário de almoço, cujo assunto frequentemente tratava de diferentes cardápios para entender o que pode ser um menu básico de trabalhador, que acorda cedo para fazer sua marmita, ou a deixa feita na noite anterior, guardando-a na geladeira. Em geral, tinha arroz, feijão e ovo; mas havia dias em que mudavam o cardápio para massas com fatias de calabresa. Sentávamo-nos eu e alguns de seus participantes – como Akin, Monica e Danielle – na cozinha ou na sala que fica no primeiro andar da casa. Falavam da organização de um curso que começaria nas próximas duas semanas ou sobre os clientes que não conseguiam trazer o notebook. Pensavam em estratégias para acudir esses diferentes usuários e como trazer diferentes notebooks para serem utilizados no processo de conserto.

Em alguns intervalos, olhavam o site, postavam imagens. Esse era o meio de comunicação mais potente delas com seus usuários. Logo se lembravam de alguma música. Tais paradas eram de uma hora e meia, que passavam muito rapidamente. Para mim, esse momento era bom para compartilhar com elas. Sentia-me mais próxima. Muitas vezes, ligava meu gravador de voz com o consentimento delas, mas nem sempre. Em nome da espontaneidade, às vezes ficava apenas escutando suas falas e os tempos de conversações coletivas. Por vezes, o que captava eram momentos em meio das conversações, com alguma integrante recebendo instrução de como realizar a manutenção dos notebooks. Em meio a tudo isso, íamos conversando sobre como funcionaria a construção das entrevistas e seu processo metodológico de textualização, inspirados na História Oral.

A maioria desses textos não foram construídos a partir de um único áudio, mas como compilação de vários em diferentes dias e momentos, como composições de conversas a destemplos e entrevistas. Afinal, era assim que o grupo funcionava. Posteriormente, ao escutar os áudios, notei que havia muitos silêncios, mas também risadas

e humor que não conseguia acompanhar. Havia também perguntas que eu fazia. E, nesse processo, os textos desafinados iam aos poucos surgindo...

O que eu chamo de entrevistas eram tempos de conversa enquanto elas trabalhavam com notebook fazendo consertos. Não foram entrevistas estruturadas com tempos definidos. Podiam transcorrer em um dia apenas cinco perguntas a uma pessoa específica junto a diversos silêncios, entendidos também como resposta. Havia dias, contudo, que organizava rodas de conversas com muitas pessoas. Nessas conversas, falávamos de como funcionava a empresa. Por meio de perguntas com um toque sutil, eu ia entendendo o território de InfoPreta, aquelas pessoas, suas vidas, suas escolhas.

No almoço, eu nunca filmava ou utilizava o gravador. Achava que era um momento muito íntimo delas e não queria invadir todos os seus momentos com os artefatos da pesquisa. Cada uma levava seu próprio almoço, que era compartilhado entre todas. Falavam de seu cardápio futuro. No almoço não havia momento de silêncio como quando trabalhavam. Entre elas se sentia uma afinidade, uma amizade clara e genuína. Possuíam brincadeiras que só elas entendiam. Eu ria junto, mesmo quando não as entendia, contagiada por sua alegria.

Assim era essa casa roxa que abrigava a InfoPreta. Cada dia do campo que passava fazia eu me sentir mais à vontade nele. Era um um espaço resgatado e conquistado, cuja pele é como uma a casca de um ovo, frágil e ao mesmo tempo resistente. Eu gostava de estar dentro desse ovo, desse espaço físico. Meu lugar preferido era a cozinha, onde escutei muitas de suas piadas e histórias. O almoço esfriava e, em vasilhas, o requentavam. Essas muitas horas e meias que tomaram de almoço me ajudaram a compor mudas das textualizações dessas falas desafinadas.

A proposta deste tipo de investigação foi se dando e compondo desse jeito. Buscava combinar diferentes elementos que iam falando sobre seu processo de vida, juntando elementos de suas vidas sobre os quais me contavam, sobre situações sociais, imaginárias, com o intuito de dar memória a uma produção, conhecendo histórias de vida. Em alguns momentos, essas histórias se juntavam em um encontro meu com elas. Algumas dessas histórias passavam a ser nossas.

As composições desse texto por meio de uma cartografia como método se deu pela possibilidade de despertar exigências da sensibilidade e rigor teórico entre uma narrativa de acontecimentos, para tentar dar voz a pessoas tão comuns – e por isso também tão

diferentes – que têm uma história com outros elementos e perspectivas que contam acontecimentos interessando-se pela atividade humana.

Resulta necessário manifestar que para mim, Jeimy, ir a campo e envolver-me com essa empresa, e fazer uma vida no hostel foi pensar todo esse processo de campo, como um tipo de pesquisa experimental, pelas descobertas de cada dia. Em meio a esse processo complexo, a cartografia se mostrou como um método na forma de procurar esses cenários como vida e pesquisa por três meses de acompanhamento, permitindo-me sustentar uma visão a partir do cotidiano, da existência e percebendo suas vivências e como elas são potentes e essenciais desde a experiência para assumir a vida como acontecimento.



Desafinados

PRETO NO BRANCO



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na sociedade.”

Lampejo I: como sentir o racismo? Pisada Humana

Usar sapatos, com ou sem meia, podem produzir conforto ao caminhar. Claro, há quem prefira andar descalço. Mas e quando o caminho é difícil e não temos a **opção** de calçar um sapato? Imaginemos um caminho cheio de pedrinhas e vidros...

Agora olhemos para o caminho realizado. As pegadas deixaram marcas? Poderíamos pensar que quem deixa marcas são as pedrinhas? E os pés como ficaram com as feridas?

Suas cicatrizes ficaram como um “mkorogogo” ¹⁴, que dizem dos gritos de um tempo que passaram apagados com uma pomada clareadora, criado para deixar para trás uma melanina esquecida, machucada...

Outros preferem viver com a dor e fazer dela indolor
 Grita , pulsa, vibra, pesa, range... a pegada de um pé:
 Pisada humana que é pele!
 Pele que não se corta,
 Os pés escuros não se cortam
 Nenhum pé se corta
 Quando são mais fortes que o caminho.
 Uma professora do Ensino Infantil pergunta:
 qual é o coletivo de pés pretos, crianças?

¹⁴ Termo inspirado por o documentário em yellow fever, termo utilizado para falar de uma mistura entre o negro o amarelo, como uma tentativa de mudar a cor com produtos de beleza. Disponível em <https://vimeo.com/122574484>



Fragmento #11

Campo-versando: um eu em invenção e experimentação de territórios

6 de setiembre del 2018

Dejé cajas de libros, ropa y algunas cosas más, para luego volver a ellas. Hoy inicia el campo. Es un Jueves 11 de la mañana, gano un beso y un abrazo del hermano que me dejó en la rodoviaria de su ciudad. Él no entiende mucho de como puede un campo durar tres meses y me hace preguntas del tipo *¿Cómo así que va a vivir en un hostel?* y además, *¿Relizará un trabajo de campo con un grupo de personas en esos meses?* Sus palabras al mismo tiempo reconfortan y me generan miedo, pero las disimulo tras la maleta amarilla de mochilera viajante.

En los ojos tengo el asombro, aunque mis hombros están rígidos. Hago movimientos circulares de nuca y cuello, que guardan la zozobra de lo que puede ser un campo experimental. Él vuelve e reitera en su despedida con un *¡Mucho cuidado!* Y nos despedimos desde otra ciudad, la misma donde he comprado el tiquete de bus.

Me despido de esa ciudad que sirve para comenzar mi vuelo en compañía de las “muchas garzas blancas” que son su símbolo. Paso por ellas, atravesando todo el centro de la plaza en dirección a mi destino: São Paulo, la capital. Recuerdo que mi hermano me había dicho que las garças son el significado del nombre “Guaratinguetá” en la lengua tupi. ¿Con qué me iré? Con una mochila en las costas, ropa, zapatos, el computador, una cámara fotográfica prestada, una grabadora de voz, algo desactualizada, muchas hojas blancas y nada más. Esos serán mis elementos de investigación junto a mi diario de campo. ¿Tengo nervios? Sí, me muerdo el labio inferior de la boca como gesto de que todo está en marcha. ¿Qué más necesito? Voy a entrevistar, pero lo primero que haré será observar. Sí, haré eso o ¿viceversa? ¿Qué necesitaré? ¿Será suficiente la curiosidad y la mirada atenta para realizar una intervención, inicialmente participativa e investigar un grupo? ¿Qué debo llevar? Mmm (sonido de pensamiento meditabundo)... Respiro y suspiro fuerte, después mi mente estar a mil por hora. Olvido esos detalles y viajo para otros cuestionamientos. No conozco São Paulo, ¿será que me perderé? Me duele la espalda, traje muchas cosas. Si me

pierdo, seguramente me cansare más por el peso, que por la angustia de no saber donde estoy, ¿Qué hago con toda esta maleta? Sé que hace parte de esa construcción en mi proceso de campo... ¿Miedos? No. Tengo, solo expectativas. Llegaré al hostel, preguntaré por Silvia, persona que me aceptó en esta aventura.

Viernes, sábado y domingo. Tres días para adecuarme al hostel, Trabajaré este fin de semana como parte de lo acordado en cambio de una sitio. Podré vivir el tiempo necesario aquí en “Ô de casa”, un hostel del barrio de Vila Madelena. Tendré una cama en un camarote compartido con turistas y viajeros. Trabajaré viernes, sábado y domingo en el bar del hostel, haciendo caipirinhas. Los demás días son dedicación completa para mi campo.

El lunes iré al encuentro de InfoPreta. Hoy leí una cosa que ni sé donde está citada. No la encontré en medio de tantas lecturas, pero la transcribo aquí. Dice que fue Foucault quien dijo: “debemos ocuparnos de nosotros mismos: entender lo que pensamos, sentimos o hacemos como elementos de la comprensión global de la que formamos parte”. Yo me siento en ese mismo proceso...

Buen inicio de campo, Jeimy!





Fragmento #12

Acompanhamento das atividades da InfoPreta

Nesse caminho de mapeamento de sensações e modos de interação, comunicação e cooperação, participei de diferentes momentos que quis plasmar aqui como um cronograma das diferentes atividades, para evidenciar o processo do percurso que percorri junto à InfoPreta nos dois anos que aconteceram para a realização desta pesquisa. Foi uma chuva de encontros dos quais fiz parte nas atividades junto ao Grupo. O encontro com InfoPreta também me ajudou a entrar no mundo de outros coletivos que atuam na cidade de São Paulo.

DATA	E	LOCAL	ACTIVIDADE NOS ULTIMOS DOS ANOS
Maio 2017		São Paulo	Encontro com InfoPreta na sede do centro, acompanhada do meu orientador Roger Miarka, no qual apresentamos nosso interesse em conhecer melhor o empresa InfoPreta.
Outubro 2017		São Paulo	Encontro com Buh (criadora da InfoPreta). Foi uma visita à nova sede em Pinheiros, em que contei de minha pesquisa.
Novembro 2017	Rio Claro		Exploração e compilação de informações da internet sobre a InfoPreta, a participação delas em eventos, as funções do grupo. Assisto e estudei suas postagens para conhecer o grupo a partir das tecnologias e publicações.
Abril 2018		São Paulo	Visita à InfoPreta para negociar meu trabalho de campo, a ocorrer a partir de setembro, tempo que moraria em São Paulo e faria um acompanhamento frequente no laboratório e nas atividades de formação programados.
Junho 2018		são Paulo	Participação em um curso com Buh no SESC da av. Paulista, chamado “LabReparo: Conserto de notebooks”. Havia seis pessoas no curso. Esse curso me ajudou habitar espaços externos ao Laboratório e conhecer seus projetos de formação.
Setembro 2018	São Paulo		Produção de dados em campo com o uso de gravadores. Durante o mês, compareci seis vezes no laboratório e três vezes em diferentes SESCOs, em que promoviam cursos de conserto de notebook para a comunidade, administrados pela Monica, integrante da InfoPreta.

Outubro 2018	Encontros durante as tardes no laboratório. Elas não tinham ideia do que eu podia fazer. As conversas inspiravam meu diário de campo. Eu ajudava na organização de tarefas, na classificação de avaria em notebooks, na mídia como uma das ferramentas para captar seguidores e dar visibilidade, na jornada laboral com seus clientes, em tarefas gerais etc.
Novembro 2018 são Paulo	Curso no SESC de Osasco, nesses cursos minha participação foi só de observação em eles era cursos só para mulheres, administrado por Danielle e a Monica. Akin, vai passar três meses em na china, so poderei voltar a falar com ele em outro momento dele voltar. O curso reunia vários coletivos de TI Entre eles empoderamento de Mulheres tech: Hardware + Mulheres + Conhecimento & Autonomia Oficina de manutenção de computadores para mulheres com a InfoPreta. Introdução aos conceitos de funcionamento e manutenção de computadores (desktops e laptops) Empoderamento feminino através de ferramentas on-line (Wordpress + CSS + HTML5) Uma oficina para criar sites, blogs ou revistas online com ferramentas gratuitas e a partir do zero. A oficina abordou a história das mídias femininas e feministas, a mulher no universo da comunicação, imprensa e redes sociais e o uso do Wordpress. Criação de Jogos Digitais Nessa oficina gratuita para mulheres e pessoas trans foi mostrado todo o processo de criação de um jogo usando a ferramenta Unity3D!¹⁵

¹⁵Unity 3d é um plataforma online, que, por meio de rotinas de programação, pode ser utilizado para criar um videojogo online.





ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES DA INFOPRETA



Fragmento #13

Histórias de Vida produzidas com Inspiração na história oral

Em determinado momento me questionei como trabalhar com as histórias de vidas daquelas mulheres de uma perspectiva metodológica. Afinal, elas escapavam da academia, tinham um vocabulário e práticas próprias. Pensei em entrevistas, mas tudo ali funcionava coletivamente. Assumi as conversações gravadas. E a partir daí? Assumi uma inspiração. Uma inspiração na História Oral.

Vestígios da História Oral surgiram quando vi meus dados, ou seja, os áudios, as fotografias, e os rabiscos que escrevia a partir dos afetos que me atravessavam, em busca por produzir histórias da InfoPreta. Como manifestei nos diários de campo, meu objetivo era escrever os meus sentires, tocada pela experiência, que tem muita relação como alertado por Larrosa (2002): “a experiência não é o que passa o que toca, o que afeta - é o que nos passa, nos toca, nos afeta e, de algum modo, nos transforma”.

Nesse movimento, entendo as narrativas como histórias contadas sobre suas vivências e experiências. A inspiração na História Oral implica uma problematização de escrita narrativa sobre um passado recente e a criação de discursos plausíveis sobre assuntos do presente. Com isso, aos poucos fui percebendo que outras mulheres povoavam o trabalho e que eu era uma delas! Elas (que me incluem!) me ajudavam a problematizar o tema de pesquisa, que envolvia questões de gênero, raça, sexualidade e condições de vulnerabilidade social.

Assumi que o fio condutor que perpassa a fundamentação em narrativas seria a experiência humana e como referência encontrei acolhimento junto ao Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM)¹⁶ e seus interesses de pesquisa. Seu trabalho respalda uma metodologia para a produção de documentos históricos a partir da oralidade, vistos como narrativas entendidas como novas experiências, por meio de um processo rigoroso de negociação entre entrevistador e entrevistado.

Essas narrativas produzidas buscam atribuir significado ao vivido, envolvendo argumentações sobre a vida, memórias, tons, contextos, circunstâncias, efeitos práticos,

¹⁶ Criado em 2002, sua intenção inicial foi reunir pesquisadores em Educação Matemática interessados na possibilidade de usar a História Oral como recurso metodológico para a produção de documentos históricos.

interesses individuais e coletivos. Nesse processo não há a pretensão de o pesquisador legitimar a veracidade do narrado, mas de se lançar ao sensível cuidado de escuta e de produção textual sobre esse encontro, que envolve, após a entrevista, sua transcrição e posterior textualização.

Para a elaboração da textualização, Silva (2010) afirma que seu desenvolvimento pode ser visto como um processo de colaboração entre o entrevistado e o pesquisador-entrevistador, em que este busca por uma forma final do texto produzido legitimado pelo entrevistado, que deve considerar que a escrita transformada pelo pesquisador nesse processo poderia ser sua. No momento da legitimação e finalização da textualização, trabalha-se com um novo objeto, o qual o entrevistado tem a oportunidade de ler, sugerir acréscimos e alterações, podendo, inclusive, adicionar novos elementos ao texto.

Neste trabalho, em específico, as textualizações das participantes da InfoPreta foram construídas com base em conversas e discussões em diferentes tempos, dadas as características organizacionais da InfoPreta, cujo processo posterior passou a legitimação desses textos, negociada junto ao grupo e, dando, assim, origem a narrativas ou histórias de vida. Há no entanto, outras narrativas, produzidas a partir de outras experiência de vida, que atravessaram minha pesquisa.

Essas narrativas foram mobilizadas como **Desafinados**, como **Amores Malsanos** e como **Acalento**.

Como **Desafinados**, apareceram como textualizações, narrativas contadas em primeira pessoa, negociadas entre Jeimy e seu entrevistados, podendo ser entendidas como histórias de vida que dão visibilidade a temas caros aos entrevistados, como ser mulher, vulnerabilidade, empoderamento etc.

Como **Amores Malsanos**, trouxeram marcas de minha experiência, como se todo o processo de entrevista, textualização e negociação dessas narrativas tivesse entrevistador e entrevistado como mesma pessoa.

Como **Acalento**, foram operadas pela potência que carregam sobre os modos de empoderamento, que se vem no processo do acompanhamento. Tratam-se de criações a partir de **Desafinados** e **Amores Malsanos**, produzidos em agenciamentos¹⁷ entendidos como devires que se concretizam. Com isso me refiro a todos esses conjuntos de singularidades cravados na historicidade que rompem com o vetor linear do tempo e criam

¹⁷ Agenciamento para Deleuze e Guattari: “O agenciamento — afirmam Deleuze e Guattari — é todo conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo” Mil platôs. Vol. 5. Op. cit. p. 88.

invenções de transformações, de modo positivo, potente e militante. Fluem individualizantes que trabalham por forças de esperança de mudanças coletivas. São discussões e análises que tentam fluir entre e para além de máquinas e lógicas dualistas. Tratam-se, nesse viés, de testemunhos e ensaios operados na tentativa de responder minha pergunta de pesquisa.

Ao tomar a composição dessas narrativas como **Desafinados**, como **Amores Malsanos** e como **Acalento**, busquei dar vida aos conceitos caros a essa pesquisa, tratados juntamente a operantes teóricos que já tratam sobre o tema, que foram postos como elementos de diálogo e não de referência. A opção aqui é que as narrativas sejam as protagonistas, e não o que já se falou sobre os temas que nelas emergem.

Com isso, pretendi contribuir dando a ver vivências, práticas e compreensões que possam lidar com essas diferentes camadas de vulnerabilidade em que essas mulheres da InfoPreta – e outras, como eu-imigrante – estão (ou, melhor, foram por meio de uma série de dispositivos sociais) situadas.



Fragmento #14

Quem sou eu, x meninx de cabelos moventes?

Eu sou Akin. Antes de me reconhecer e me aceitar, era Buh, uma mulher lésbica, preta, moradora de Osasco em São Paulo. Em 2018, passou muita coisa pela cabeça de Buh D'Ângelo. Foi quando assumi minha identidade sexual trans. Ainda tenho muita coisa. Sou maravilhosa, mas depende do dia. Nasci em Guarulhos, São Paulo. Nasci entre livros. Acredito que por isso gosto de ler, já que ficava tempo todo no serviço de minha mãe. Eu lia enciclopédias alucinadamente. Minha mãe é bibliotecária, então eu ficava no trabalho dela lendo sem parar.

Tenho um pai que deixava fazer muita coisa sem precisar dizer por que fiz. Ele sempre me incentivou aos números e às ciências exatas. Eu, sobretudo gostava de desmontar equipamentos. Eu tinha fome de descobrir coisas. Lembro que a primeira coisa que eu desmontei foi um carrinho que eu tinha. Queria descobrir como ele andava. Acredito que foi aí que começou meu encanto pela tecnologia. Vi muitas meninas que insistiram na área e acabaram se masculinizando para se protegerem dos abusos que acontecem. No meu caso, desde criança sempre fui viciada em programação, robótica, ciência. Quando chegou a hora de escolher o que fazer da vida, meus pais me incentivaram a fazer comunicação visual. Eu falava: “Mas, pai, eu não sei desenhar nada” e ele respondia: –“Você tem que ir para lá, porque é uma área feminina, e você é mulher, tem delicadeza”. E eu rebatia: “Mas, pai, olha o meu tamanho, você acha que eu sou delicada?” Acredito que a tecnologia é um bom começo para entender e dar prioridade à mulher. É só usar a força de união da tecnologia para transformar o mundo.”



18

¹⁸ Monica Creme, é uma ilustradora, fez parte da InfoPreta e faz desenhos e ilustrações em seus tempos livres com a temática do empoderamento feminino.

Agora sou filho único. Hoje falo isso depois de um processo de aceitação de que sou um homem trans. Aceitei minha transexualidade nos meses finais de 2018. Com essa transformação, decidi apagar muitas coisas após assumir o corpo que me representava em meus atos.

Não me sentia à vontade ao ver o que mostrava no sentido físico em todas essas entrevistas quando eu ainda não me reconhecia como homem trans. Era uma menina fazendo uma visibilidade para as outras mulheres que fazem parte da área de tecnologia.

Gostaria de perguntar *quantas mulheres você conhece que trabalham com tecnologia?*. Posso ter certeza que em sua mente não tem um cardinal nem de falanges de uma mão. Ah, mas pera aí! Faço ainda uma pergunta mais: *e pretas?*

Bom, esse sou eu, inicialmente uma mulher, que justamente por estar inserida em um dos mercados com maior taxa de desigualdade racial e de gênero do mundo, senti a necessidade de criar o que hoje se conhece como InfoPreta, que nasceu em 2012 como um laboratório experimental de aprendizagem de trocas de conhecimentos na diversidade. Nele sentimos que cada dia nos aceitamos e nos ressignificamos como uma agência digital que incentiva, treina e contrata integrantes de outras minorias, com preferência para mulheres negrxs, mas também de nordestinxs, LGBTQI+ e pessoas com problemas psicológicos, como dislexia e problemas de atenção, já que a sociedade insiste em deixar essas pessoas fora do mercado. A maioria são mulheres, mas também há homens que foram excluídos de sua liberdade, e estão aprendendo para logo sustentar-se.

Eu faço parte do grupo, mas somos um todo porque aqui trabalhamos todxs. Dá-se um treinamento e um salário digno, consertamos computadores de maneira presencial. Também criamos plataformas e aplicativos e oferecemos palestras sobre gênero, diversidade e sobre a mulher, manutenção, assim como cursos em TI.

Eu não fui para a universidade pública porque o ingresso é difícil, ainda mais para pessoas como nós, mas eu me formei em vários cursos técnicos. Sou da área de hardware da indústria e fui para a área de software. É uma área escassa de emprego, principalmente

para a pessoa preta, pior ainda se for mulher e eu não sou nada padrão. Sou uma pessoa bem differentinha. E aí nunca me contrataram.

Meus pais apoiaram sempre o que eu queria fazer, me deram educação e sempre fui uma menina bem boazinha, mas sempre tive dificuldade para me relacionar. Assim, passei a vida e os anos sozinhos. Eu comecei a reparar que a sociedade é cruel e isso aconteceu na busca pelo primeiro estágio na área de tecnologia. Tinha uns 16 anos com toda a ilusão que conseguiria arrumar um estágio, mas saí sem nenhuma resposta, sem nenhum elogio, e fiquei com a cara no chão, com a cabeça inclinada para baixo e pensativa. A única vaga mesmo de técnica foi de lavar banheiros por meses, mas isso não deixou que eu desistisse. Foi um começo para que mudasse esse tipo de situações nesse cenário.

Meu cabelo é símbolo de mudança minha e na vida. O tempo todo muda de cor, de visual. Deixo crescer e os deixo livres, assim como as pessoas que me acompanham em meus sonhos. Aí meus cabelos posicionam-se rapidamente como eu desejo, e mesmo que não seja assim na vida, aqui “Nois eh correria, mas também é amor”. Eu já passei muito tempo considerando que a solução está nas lutas a cargo das mulheres, está em nós mesmas, em nos juntarmos. Eu sou apaixonada pelo que faço. Quando eu vejo uma máquina eu sinto que posso dar uma história de uso. É uma ferramenta que vai ajudar. As pessoas precisam de notebook, só que não sabem mexer e aqui é caro arrumar uma máquina. Eu gosto de desmontar máquinas e de programar. Eu vejo códigos em cada máquina. Eu me apaixono cada vez que trazem algo para entender cada bagulho aí e ensinar para quem quer aprender. Eu já vivi uma história de exclusão. A vida é triste. Daí você tem que dar um jeito, e se puder mudar algo para os demais já é ótimo.



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo II: #BlackLivesMatter

Brigar por respeito. Disso diz Elza Soares em sua música:

// A carne mais barata do mercado é a carne negra//

//E esse país vai deixando todo mundo preto//

//E o cabelo esticado//

//Mas mesmo assim ainda guarda o direito//

Dura realidade vivem as pessoas pretas. Parece que praticam o crime de serem pretos e moradores pobres de periferia. Além disso (ou talvez por causa disso) enfrentam a vida iniciada na miséria e, mesmo entre medos e sofrimentos, permanecem em pé.

Pergunto-me “*As vidas pretas importam?*” e tenho uma resposta (in)direta “*Os negros são os que mais morrem e também são a população em que a taxa de mortes violentas mais cresce*”.

As cifras do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) assustam: no Brasil, 30 mil jovens são vítimas de homicídios por ano; destes 77% são negros. O assassinato de mulheres pretas aumentou em quase 55% enquanto da mulher branca caiu em 10% no mapa da violência de 2019. Acaso o corpo estendido no chão não tem a mesma compaixão que o branco? Vida negra importa? Qual é “a carne mais barata do mercado?”



Fragmento # 15

“Clandestinxs-migrantes-beaner-frijolero” ou “O Imigrante como Camada de Vulnerabilidade”

Já dizia Manu Chao:

//Solo voy con mi pena

Sola va mi condena//

Depois de intercâmbios de e-mails, veio a escrita de um projeto. E foi desta maneira que o homem loiro e a professora militante com olho existencialista empreenderam juntos uma viagem, aqui transformada em história.

Sair de Colômbia foi uma decisão acertada, ainda sabendo que teria que tomar riscos. O ser imigrante deixa uma fragilidade em você de adaptabilidade, de oportunidade, de demarcação de território. Você se dá conta que está no meio. O Brasil é um país simpático. Penso que temos muitas coisas em comum, e que se saí do meu é porque meu país não me oferecia oportunidades. Ninguém sai de seu país porque quer. Aqui achei melhores oportunidades por mais que o atual panorama do Brasil seja triste. Mesmo com as dificuldades, tenho a certeza de que está em uma situação melhor em termos de educação superior e de oportunidades que o meu.

//Solo voy con mi pena

Sola va mi condena//

Apesar do que escrevi há pouco, sei que não é legal entrar em comparações. Os países da América Latina são constituídos de muitas misturas. A migração se tornou parte da rotina de nossos países. Trata-se de uma condição política contemporânea transversal. É uma luta constante por adaptabilidade, pelas fronteiras de habitar espaços intermediários, deslocamentos geográficos e exílios de língua materna. Essas transições se justificam por trazerem força e por tornarem-se parte de uma estratégia de combate. Atualmente se tem uma das maiores crises junto a imigrantes do país vizinho, a Venezuela. O Brasil também tem recebido muitos de países como Haiti e Argentina. Nós, colombianos, somos muitos e

considero que até chegamos ao Brasil em melhores condições porirmos essencialmente para estudar, por mais que logo tenhamos que procurar por carimbos que possam convalidar e legalizar os títulos aqui obtidos.

//Correr es mi destino
Para burlar la ley
Perdido en el corazón
De la grande Babylon//

Cheguei ao Brasil em março de 2017 sem garantia de bolsa, para começar disciplinas e a escrita do projeto que hoje desenvolvo. Conheci o Samba, o Carnaval, a praia de Copacabana, o Quintal de Teresa. Tirei foto com Clarice e seu cachorro. Tenho um visto que o mesmo homem loiro ajudou a conseguir, acordando às duas horas da manhã por uns dias para me levar à Polícia Federal, que se localiza na cidade em que ele vive. Lá chegaram a me dizer que eu, assim como todos ali, éramos *refugiados*. R-E-F-U-G-I-A-D-O-S! Dei-me conta que ser imigrante também me colocava em uma camada de vulnerabilidade. Por sorte, tive apoio para que essa vulnerabilidade não se tornasse um obstáculo, mas um símbolo de luta.

A vida de imigrante não é fácil, porém eu me senti bem recebida pelo Brasil, por sua comida, suas pessoas, os quintais de Teresa, o bar Sujinho's – localizado na mesma rua do campus –, que fizeram parte de uma adaptação, ajudando a criar um amor raro pelo Brasil. Como acontece também pela Colômbia, são um tanto de ilusões e insanidades como nos contos de Allan Poe, que fala de sociedades de loucura em que se produzem hábitos e estranhamentos, mas que, com imaginação, também produzem sistemas da doçura.



Fragmento #16

InfoPreta, de pretas para pretas... y muchos más!

“A arte e a prática de amar começam com a nossa capacidade de nos conhecer e nos afirmar. (...) A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interno.”

– bell hooks

Entrar em uma casa roxa em Pinheiros em que a maioria de pessoas são pretas me fez perceber que há necessidade de espaços para visibilizar “minorias”, palavra esta mal posta, uma vez que muitos nessa condição fazem parte de estatísticas de desigualdade.

Essa chamada “minorias” – que muitas vezes é maioria – carrega consigo feridas e marcas do preconceito que essas pessoas sofrem e sofreram ao longo da vida. No “lab de pretos para pretos” encontram um refúgio “feito por pretos” para que “outros pretos” não sejam afligidos por novas feridas em seus corpos.

Poderíamos nos questionar se um espaço criado para um grupo específico de pretos por outros pretos não acarretaria um novo tipo de segregação, agora promovido entre eles mesmos, o que poderia ser chamado de um microrracismo. Em meu primeiro dia no Lab já percebi que essa questão não se mantinha. Ao olhar as pessoas que ali trabalhavam, qual não foi a minha surpresa quando vi que no “lab de pretos para pretos” havia um homem homossexual branco nordestino dentro do grupo?!

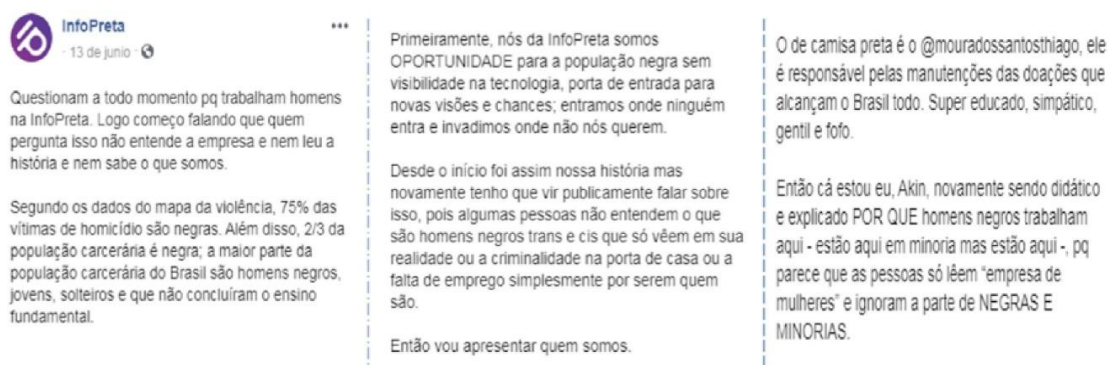
Com isso, percebi que não se tratava de um grupo que buscava por proteção privilegiada para certa camada de vulnerabilidade social. Era mais que isso. Era um grupo que se formou com pessoas feridas pelo preconceito, mas dinamicamente atentas a outras camadas de vulnerabilidade.

Dinamicamente, pois o preconceito está estruturalmente na sociedade, atualizando-se e reconfigurando-se. Como combatê-lo? Não há fórmula mágica, mas a “InfoPreta é uma voz a mais para mulheres negras continuarem na área. Que a dificuldade seja um combustível. Tamo aqui por todas as vozes caladas e olha onde tô, fiiiii”, diz Akin em uma conversa.

Eis a InfoPreta, um grupo cansado de relações de poder que hierarquizam pessoas a partir de sua raça, expressão de gênero ou de modos de vida que escapam de uma norma.

Mobilizam forças para garantir um espaço de oportunidades e afirmação de vidas de pessoas que passaram a vida em situação de vulnerabilidade em suas carreiras.

Ante os questionamentos de pessoas falando sobre a InfoPreta ser um lugar que promove o microrracismo, Akin apresenta a seguinte fala nas redes:



19

Também percebi que é um grupo que sempre está convidando as pessoas a conhecer esse lugar em suas redes sociais. A empresa tem essa dinâmica e, por essa razão, há uma variabilidade grande de pessoas que ali trabalham. Essa variação do grupo não acontece apenas com a troca de funcionários. Algumas vezes uma visitante se torna liecnente frequente, depois passa a ser amiga e logo se torna parte da equipe. Trata-se de um lugar disponível e com disposição, que opera por vezes como um refúgio.

Esse espaço não tem uma organização fixa. Pode ser econômico, laborativo ou de formação. Ali se aprende um fazer técnico, mas também é um lugar de escuta. Ali pode-se até passar as horas olhando como a equipe monta e desmonta notebook e como, durante as pausas, se diverte criando coreografias. É um lar!

Se um dia você estiver caminhando pela Rua Fraudique Coutinho com a Rua Artur Azevedo em Pinheiros e achar uma casa roxa com janelas amarelas, esteja certo que ali é mais que um laboratório ou uma empresa. Você terá encontrado um lar para pretas, mas não somente pretas. Encontrará um lar para uma maioria de minorias que precisaram se juntar para afirmar sua sua existência no mundo.

¹⁹ Fotografia de seu Instagram na que Akin faz uma aclaração quando se questiona que seja uma empresa para mulheres pretas, na que quer ressaltar a importância de entender que é uma empresa que se caracteriza por oferecer uma oportunidade para a população preta



GÊNERO

RAÇA

CLASSE

**IN
F
O**

Silêncio

perdia, las
sueños, el
com só
quando
perdia
serem
nacieron
Fui, e Fui.
sonhos
sim e
sombras
soy
mentia
aprendi
sabendo
ficando
arumados
misterio
rastros. eu
meus
que
nas
que
seré
assí
soube
valerem
mim
os
huellas,
seduzir,
sentir
mim
mim
de
de
mas
por
de
cuerpo
de
por
de
umbrais,
instinto.
aquilo
de
poucos
pedaços
de
a viento.
Fui,
meas, los
al
saíam
não



Fragmento #17

Camadas de vulnerabilidad: raza, género, clase, inmigración.

El término *vulnerabilidad* ha tenido aportes en diferentes campos en los que se ajustan mencionando que “dicha expresión suele acotarse a partir de una serie extensa de elementos como el riesgo, las estrategias para enfrentar a este, susceptibilidad, adaptación, resiliencia, sensibilidad, estrés, entre otros” (RUÍZ, 2011, p. 34).

Entre los lineamientos teóricos sobre la vulnerabilidad social desarrollados por la División de Población de la Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL-CELADE), la vulnerabilidad social es definida como

[...] la combinación de: i) eventos, procesos o rasgos que entrañan adversidades potenciales para el ejercicio de los distintos tipos de derechos ciudadanos o el logro de los proyectos de las comunidades, los hogares y las personas; ii) la incapacidad de respuesta frente a la materialización de estos riesgos; y iii) la inhabilidad para adaptarse a las consecuencias de la materialización de estos riesgos”. Entre las diversas fuentes de vulnerabilidad social se encuentran el mercado del trabajo (precariedad laboral), la volatilidad de los ingresos, la inequidad en la distribución de los activos y el debilitamiento de instituciones sociales (familia, Estado, partidos políticos, sindicatos y gremios) (CEPAL, 2002, p. 20-21).

Con el ánimo de comprender todo ese sustento cognoscitivo se resaltaré en este fragmento, los diferentes y grandes aportes de contenido conceptual que se tiene a lo largo de grandes investigaciones en América Latina, con la finalidad de poder comprender a que nos referimos con este término que en muchas ocasiones y movimientos se ha llamado de otras maneras. Con eso, se pretende identificar esos rasgos, características y conocimiento teórico para operar en una investigación en la cual se habla de sus manifestaciones en un grupo que opera con la bandera de la colectividad y evidencia elementos de riesgo que son considerados de vulnerabilidad social.

Busso (2001, p. 79) y Moreno (2008, p.37) determinan la vulnerabilidad social como alternativa teórico conceptual para explicar el conjunto de transformaciones derivadas de los ajustes estructurales y aspectos distintos de la globalización, causantes de la incertidumbre socioeconómica que aqueja a sectores amplios de la población, sobre todo aquellos con ingresos medios y bajos.

Mencionan que la vulnerabilidad social denota una consecuencia del modelo económico de una persona, hogar o un grupo. Una de las consideraciones al hablar de vulnerabilidad es la condición de riesgo a partir del medio social. Los espacios donde se habiten y con ello llegan las interpretaciones de *fragilidad* asumiendo que la vulnerabilidad es una parte esencial de la precariedad o indecisión de comunidades vinculadas. La segunda trata de los posibles *factores de riesgo* que asumen comunidades sociales en procesos de tomada de decisiones, generando así consecuencias de esas concepciones que perjudican a otros.

Carolina Mosser (1998) realiza críticas y aportes a los conceptos de vulnerabilidad social. Menciona que existen fenómenos de exclusión en la que la vulnerabilidad social se identifica con el conjunto de limitaciones o desventajas que las personas encuentran para acceder y usar los activos que se distribuyen en la sociedad. Desde este enfoque de “activos y vulnerabilidad”, Moser propone la definición de políticas sociales centradas en la promoción de las oportunidades de las familias pobres para acceder a los activos, y al fortalecimiento de sus propias lógicas de administración. (MORENO CROSSLEY, 2008, p 29-32).

Entre las teorías metodológicas la mayoría de estudios latinoamericanos, proponen el trabajo de la investigadora Mosser que habla sobre activos y vulnerabilidad. La autora propone prestar mayor atención a lo que los pobres poseen, más que a lo que carecen.

Los investigadores deciden caracterizar tres tipos a los activos: *capital físico* (financieros y propiamente físicos, como en el caso de la vivienda); *capital humano* (trabajo, salud y educación); y *capital social* (redes sociales). Estos activos son generados por tres principales fuentes: el Estado, el mercado y la comunidad. Esta estructura conforma la llamada “estructura de oportunidades” (KAZTMAN et al., 1999, p.10).

Aquí señalamos dos supuestos que deben entenderse de manera complementaria y orgánica para comprender la vulnerabilidad social. El primer supuesto debe ser percibido como un riesgo de ser lesionado o dañado por el cambio o la permanencia de situaciones indeseables, como los impactos externos adversos. El segundo se refiere a la capacidad de los grupos sociales para responder a los cambios y desafíos que impone el entorno natural y social expresado en los individuos como sentimientos de indefensión, miedo e inseguridad en vista de los riesgos de vivir en sociedad. (BUSSO, 2001, p. 45).

Abramovay (*apud* Guareschi, 2007, p 78) define situaciones de vulnerabilidad social en las que ciertos grupos, familias e individuos no pueden hacer frente a las circunstancias cotidianas de la vida en sociedad y moverse dentro de la estructura social. Estas situaciones no se limitan a los determinantes económicos, ya que también impregnan las organizaciones simbólicas de raza, orientación sexual, expresiones de género y etnia.

Es importante destacar que *vulnerabilidad* es un concepto que aún no tiene única definición, ya que admite diferentes posiciones según cada movimiento explicativo, debido a que se encuentra en diferentes campos sociales y políticos, lo confunde.

Más que definirla con una referencia fuerte, se trata más bien de intentar establecer desde qué ángulo de los diversos enfoques o posturas al respecto de la vulnerabilidad, reflexionamos o incidimos en la realidad de los grupos o culturas de estudio.

En las palavras de Akin, *“Eu tentei ir para a área de tecnologia. E como a indústria, a área de tecnologia é cheia de homens. A única diferença é que na indústria são homens negros ou nordestinos, e na tecnologia um monte de homem branco rico”*.

La vulnerabilidad más evidente del grupo investigado es la raza. El prejuicio de la sociedad es evidente en las declaraciones de Akin cuando muestra las posibilidades de conseguir un trabajo. Cuando ingresó la universidad y buscó trabajo, ni siquiera fue llamada para una entrevista.

“Um colega meu foi chamado para 12 entrevistas, eu não fui chamada para nenhuma. Eram mais ou menos 22 vagas. Eu tinha experiência. Meu currículo era bem mais completo. Ele tinha só o primeiro semestre da faculdade. Eu falei: ‘bom, já que vocês não me querem, eu vou entrar à força’”.

Akin denuncia que *“ninguém olha para moradora de rua e elas não têm a oportunidade, que é o que mais falta para todo mundo”*. Afirma que abrió la empresa para crear empleo para aquellas personas en diferentes camadas de vulnerabilidade, tais como para mulheres, pretxs ou pardxs, transgênerxs, moradoxs de rua, perssoas ditas comn algum problema cognitivo, ex-presidiárias y hombres nordestinos pretos homossexuais.



20

²⁰ Obra: recuperando María conejo, evocando La vulnerabilidad y las diferentes camadas de ellas.
<https://www.instagram.com/p/u4724Lxnk/>



Fragmento #18

Somos corpos cansados que buscam afirmar sua existência

[...]“Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. “É a chave dos outros devires” (DELEUZE; GUATTARI , 1996, p, 68)

Talvez possamos ser a porta de entrada do devir. Ele não está diante de nossos olhos. É a força que atravessa nosso corpo, que entra pelas fissuras.

Corpos pretos, corpos com dissidências, corpos desafinados. Retornar ao corpo e pensar nele e com ele, e se surpreender de quanto pode, de como tem potência. Valorizá-lo reafirmando nossos espaços dele cuidando. Somos o que para Espinosa é conatus, “(expansão da potência)[...] o único critério da ação humana, o que invalida completamente uma moral normativa. É o homem, o conatus, que impõe valor às coisas. (LEME, 2013. p 121), um critério de avaliação imanente da vida afetiva, uma afirmação libertaria. Espinosa diz que “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar no seu ser o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que sua essência atual” (ESPINOZA, EIII .p, 6).

Espinoza nos dia de um esforço de perseveração de uma existência, tratada como potência de sermos afetados por nosso desejo de resistência como uma mostra de corpo conectado que se expressa de diferentes modos.

Pode-se entender e pensar o próprio corpo como um espaço de ativação política? Esta foi uma das tantas perguntas que me surgiram em meus últimos dias de pesquisa. InfoPreta foi uma passagem para afirmar esse espaço de militância. Quando um grupo se organiza assumindo uma situação de desvantagem, alguns elementos se tornam evidentes e passam a formar o chão de força para uma discussão permanente, em que a exigência de seus direitos e sua presença na sociedades estejam sempre em pauta. Partir de nossas lutas e necessidades básicas, nossas trajetórias corporais, narrar em primeira pessoa, tanto singular como plural, é um desafio ao que diferentes ativismos estão nos chamando e que nossa história em nossos dias, nossa realidade corporal, precisa.

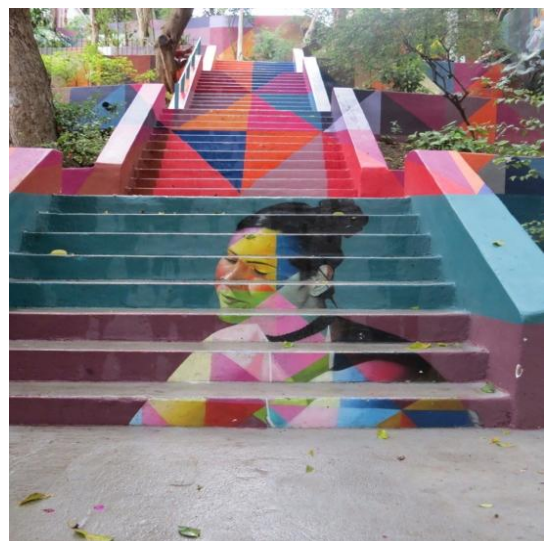
A experiência de vida que iniciei com essa luta de mestrado me ajudou a formular algumas perguntas: Podemos pensar em uma história coletiva para e com nossos corpos? Quais são os dispositivos que produzem corporalidade que afirmam nossas vidas?

Talvez as respostas a essas perguntas sejam agentes de efeitos que nos ajudem a conceber mecanismos para criar novos modos de produzir corpos, de resistência a dispositivos de segregação desta sociedade, muitos deles invisibilizados em meio a um conformismo, que frustram a afirmação de muitas vidas.

Somos corpos cansados de estar todo tempo em risco. Somos corpos cansados de provocações que colocam em xeque nossa capacidade. Somos corpos cansados de produzir para satisfazer o desejo dos outros. Somos corpos cansados, tentando afirmar sua existência pela união de nossos corpos. Para isso, buscamos uma estratégia que possa promover nosso bem comum, desejo que atravessa todos os nossos corpos. Talvez assim logremos produzir ferramentas para que nossas vidas operem em um espaço mais habitável e feliz.



Esta foto mostra esse mundo habitável que essas mulheres encontraram no corpo InfoPreta, um espaço de resistência, em que juntaram suas forças de modo a cuidar uma da outra como estratégia de caminhada coletiva. Sem o apoio e a confiança entre elas e em si mesmas, a InfoPreta não seria o que é hoje em dia. Trata-se de um corpo produzido junto a outros corpos, conformando-se como uma empresa-bando precursora da diversidade no mundo digital, que atualiza, afirma e reafirma vidas outrora marginalizadas.



Acervo pessoal

21

²¹ Caminhadas desde o hostel a InfoPreta, observações de arte urbano na cidade de mulheres. Manifestações de mulheres em contra do presidente atual, no momento do campo o país tinha manifestações opositoras.



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo III: o racismo é histórico.

Toni Morrison é a única mulher preta ganhadora do Prêmio Nobel com um livro chamado “Amada”. Nesta obra, ela conta, no contexto logo após o fim da guerra civil estadunidense, uma história que revela como a escravidão castigava a população negra. Narra os acontecimentos a partir de uma casa de número 124, onde moravam três mulheres negras, com seus traumas produzidos pela escravidão em meio a uma guerra que devastou o país. Uma passagem bastante intensa diz de uma criança morta como ato de resistência, quando sua mãe preferiu abrir mão dela a vê-la crescer escravizada.

No livro estão presentes o Rio Ohio, barcos, escravos, ex-escravos, percursos dos escravos... Tudo isso com a presença de uma casa com características humanas, uma casa sem nome, mas com um número, que contrasta com a fazenda “Doce Lar”, de brancos, e suas memórias de escravidão. Nessa casa sem nome mas com número, convivem Sethe e suas duas filhas, uma viva e solitária e a outra, Amada, o fantasma da filha morta por suas próprias mãos, carente de todo o afeto que nunca pôde ter. Em comum, as três são sujeitos que vivem efeitos da escravidão.

Ao ler o livro, não são encontradas explicações sobre as personagens. Elas simplesmente aparecem em diferentes focos narrativos. Sethe exclama o tempo todo pela existência de coragem. A temporalidade é rompida. Não se sabe com clareza se trata-se de um hoje, um ontem ou de décadas. Essa temporalidade me faz lembrar a própria história da escravidão. Suas marcas não somem com o tempo e nem se cicatrizam. As marcas produzidas no corpo se estendem para outras gerações, até para quem não viveu as chibatadas ou teve uma vara batida nas costas como castigo. A ferida dessa árvore ocupa essa casa humana: a casa 124. Essa casa clama por justiça, conta da dor, grita o sentimento de amor pela carne negra. “Aqui neste lugar nós somos carne; carne que chora ri, carne que dança descalça na relva. Amem forte, Amem isso. Lá fora não amam a sua carne. Desprezam a sua carne. Vocês têm de amar vocês!” (MORRISON, T p, 143, 2018)

Essa casa, a 124, fala dos fantasmas de todo um povo. Fala do medo que os negros sentem ao lutar pela afirmação de suas vidas, porque estas, mesmo depois da libertação da escravidão, parecem ainda estar sempre sujeitas ao “homebranco”, um fantasma que, diferentemente de Amada, dá medo, traz dor, produz feridas e fragmenta a humanidade em vidas que importam mais que outras.



Fragmento 19

Ritornello do campo, um bepop, um jazz

19 de setembro 2018

Hoje acordei às 5h30. Soube por que olhava meu celular repetidamente aguardando que o tempo passasse sem sono. Queria ter acordado mais tarde, mas foi impossível. Tampouco consegui dormir mais. Meu corpo reagia a tudo, como a uma porta que rangia cada vez que a abriam e fechavam. Não conseguia livrar-me e desentender-me daquele barulho àquela hora ensurdecador e perturbador da porta de madeira. Um pouco velha, sentia que seus parafusos estavam para a cair. Parecia que a vida útil da porta resistia, o que se manifestava por meio do barulho. Pedia, gritava, urgia por uma troca.

Parecia que essa resistência e esse clamado apenas irritavam a mim em meu beliche. Sentia o som cada vez mais forte. Por fim, fui compreendendo que passaria uma temporada naquele quarto e esse som fazia parte do reconhecimento do espaço que agora eu ocuparia. Era tão somente uma nova integrante não acostumada a essa fragilidade de coisas mínimas, tomando-a como um pretexto para desvelar e não deixar continuar com meu sono. Tentei pensar em outra reação. Encontrava-me ansiosa, pois naquele dia iria ao encontro da InfoPreta e o curso de manutenção de notebook só para mulheres que elas ofereceriam durante seis quartas-feiras das 19h às 22h no SESC de Osasco.

Os cursos acontecem à noite, pois seu público se compõe de pessoas que trabalham e só depois de sua jornada laboral fazem o curso de manutenção. Eu chegarei ao albergue todas as quartas entre 23h e meia-noite de metrô. Estava disposta e entusiasmada para começar o curso. Fazia parte esse corpo de disponibilidade que assumi para pesquisar em campo, além de entender essa cidade à qual fazia apenas duas semanas que tinha chegado e que ainda estava conhecendo. A porta do quarto do hostel era só uma distração (ou seria a chave para a invenção de uma nova rotina?). Efetivamente estava sem a devida manutenção, mas ainda assim era parte do lugar em que eu, uma estranha, iria ocupar meus meses de campo e de pesquisa.

Tratava-se de uma nova experiência de vida. De novos encontros, novos pensamentos, delírios, invenções. Especialmente aquele era o último quarto do interior de uma casa herdada e transformada em um albergue. Chama-se Ôdecasa e fica no bairro Vila Madalena em São Paulo. Recebia cidadãos de todo o mundo, tendo sido considerado o

melhor hostel em São Paulo, com uma proposta de deixar algumas pessoas morarem ali sem pagar aluguel em troca de horas de trabalho. Era o meu caso.

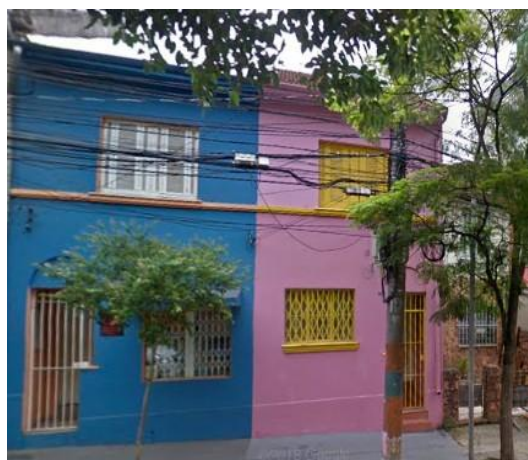
Como bolsista de mestrado sem nenhum outro ingresso econômico, não tinha as condições financeiras para morar em uma cidade como São Paulo. Ou seja, alugar um quarto pelo tempo de campo não era uma opção. Essa possibilidade de trabalhar umas horas em troca de moradia me favorecia. Ademais, a localização ajudava, uma vez que era muito perto de onde fica o laboratório da InfoPreta. Mandeí a mensagem para esse hostel explicando meu interesse.

Seria meu novo lar. Só naquele momento compreendi que estava morando em um hostel com seis pessoas de qualquer parte do mundo. Os idiomas não importavam ali se não fossem dominados por um rosto sorridente de bom dia ou por um frequente ‘Hello’. Existia um respeito por um silêncio sem necessidade de licença para os demais que dormiam. Como eu passei a amar aquele dia! Era um jeito de definir simpatia, por vezes indiferença, com o outro. Dormia no meio de um beliche de três andares. No quarto, um total de três beliches, nove camas, ocupadas por seis humanos com poucos pertences, em geral apenas uma mochila com alguma roupa, mas cheias de lembranças.

Dava-me bem com a cidade. Sou bem urbana, então o caos da cidade e eu parecemos nos entender bem. Sentia-me privilegiada por estar perto do metrô. Morava em um dos bairros mais valorizados da capital. Nem precisei pegar ônibus para chegar à InfoPreta nos três meses que a acompanhei. Do albergue, descia a Rua Ignácio, em Pinheiros, descia pela Rua Fradique Coutinho até chegar à Rua Teodoro Sampaio. Preferia andar dois quarteirões a mais até a Rua Artur Azevedo e caminhar em linha reta no sentido contramão. Aí chegava à casa roxa, o Lab da InfoPreta. A pé eram 20 a 25 minutos

Claro que não foi uma coincidência. São Paulo é grande para coincidências. Para que isso acontecesse, fiz toda uma pesquisa e procurei um hostel que ficasse perto. Encontrei quatro próximos do lugar em que meu campo aconteceria. Encaminhei meu currículo e mensagens para cada um deles, falando do que eu precisava e do meu interesse em fazer uma pesquisa. Dizia que aceitava trabalhar alguns dias em troca do alojamento. Dos quatro, apenas um respondeu aceitando a proposta. Acredito que as coisas quando são para ser, são! Fui bem sortuda mesmo!

Quando retorno na memória do campo, vejo-o como foi um jazz, uma angústia constante mesmo em sua leveza. Surgem-me lembranças do bar que costumava frequentar nos fins de semana na Vila Madalena, um bar secreto com porta de madeira sempre fechada, que descobri seguindo notas de um saxofone misterioso. Subterrâneo, alguns músicos desse pequeno espaço tocavam Charlie Parquer a ritmos de bebop e improvisações que só um ouvido atento percebeu.



Fonte: Acervo pessoal



La utopía esta en el horizonte, y en las profundidades de nuestro pensar, anda, camina, escucha estos sentí pensares, me consuelo pensando que nos miramos con curiosidad, pequeña muerte llaman en Francia, cuando termina un abrazo, aun tenemos tiempo de remediar (JEIMY SUÁREZ, Insight, 2019)

Fragmento #20

A amizade como compaixão: fortalecedora de corpos desafinados

“A gente cria um círculo de amizade.” Podemos contemplar a amizade como uma sensação de conforto frente ao esquecimento do Estado. É um coletivo onde se torna mais vivível esse furacão das angústias.

Ao tomar a amizade como arma de vida e de luta em nome da produção transversal das diferenças, nos perguntamos sobre os modos pelos quais se dá e o que produz a constituição social que envolve raça e gênero, para formular estratégias que a desafiem.

Amizade não é virtude. Trata-se de um tecido relacional com estratégias de apoio entre seus membros. A comunidade se torna uma rede coletiva. InfoPreta trabalha a compaixão. Uma compaixão com-paixão, operada como na palavra correspondente alemã *einfihlung*, também traduzida por “sentir junto”, como uma unidade de paixões indissociadas entre seus membros, que sentem juntos a vitória e os embates uns dos outros.

[...] o interesse pela amizade está se tornando muito importante. [...] Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que "um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética"

(FOUCAULT, 1981, *online*, grifo meu)

Monica, quando se refere à amizade e ao encontro com Daniela e Akin, diz dela como uma parceria construída a partir das feridas que tinham, em que a compreensão está sempre presente. “*Nesses três anos juntos já crescemos tanto que quando penso na nossa amizade, em nossa convivência 24 por 7 (morar e trabalhar com as mesmas pessoas é isso, né?!), eu fico apenas grata, grata por ter conhecido vocês e por contar com vocês sempre. Três pessoas que apesar das dificuldades, fazem de tudo para apoiar o outro. Estão ali pra tudo, para aconselhar, para puxar orelha e, acima de tudo, para amar. Amor esse que várias vezes aparece na forma de ódio ou irritação, que dura algumas horas ou talvez dias; já houve meses...*”

Falar de amizade é um tipo de “charme” de relação – no sentido de encantamento, de atração, de sedução mútua –, com a percepção de que a companhia produz um vínculo de proximidade e de fortalecimento dos corpos, que não se baseia necessariamente na

linguagem, ou não apenas na linguagem, mas na atenção ao outro. Segundo Deleuze, “toda amizade tem essa base: ser sensível aos signos emitidos por alguém. A partir daí, pode-se passar horas com alguém sem dizer uma palavra ou, de preferência, dizendo coisas totalmente insignificantes. Em geral, dizendo coisas...” (DELEUZE, 1996, p. 234).

A amizade, produzida em um processo de vivência, se mostra como potência que caracteriza ao grupo. Isso se evidenciava durante a produção de dados, em que as diferentes facetas dessa relação estavam presentes. Havia tensões, torcimentos, silêncios, rostos com as sobrançelhas franzidas, expressões que diziam tanto de alegrias como de desconfortos laborais, como o acúmulo de notebooks para formatear ou a presença de um cliente mal-humorado.

Dei-me conta de que essa amizade também se estendia às pessoas para as quais prestavam serviço. Trabalhar com usuárixs envolve lidar com dois elementos, um deles é que se o equipamento não é seu, deve-se cuidar e tratar dele com “charme”, palavra recorrente nas falas delas e aqui utilizada com o sentido de “delicadeza” e “cuidado”; a segunda é gerar satisfação no serviço para gerar confiança. Cuidado e confiança como produção e manutenção de uma relação de amizade.

Amizade também pode ser entendida como uma possibilidade de comunicação com o outro como combate ao sofrimento – um *pathos* – por vezes solitário de pessoas feridas no mundo. O *pathos* movido pela amizade é um padecimento comum, uma com-paixão, seguida de uma angústia narrada como desejo de união.

Novamente a amizade sendo traduzida em seu potencial terapêutico e indicada como tratamento para essa solidão. A amizade produz um presente, atuando ora como narcótico que permite uma existência local, ora como remédio para fortalecer corpos para lidarem e transformarem uma teia de poder em que seus membros se veem marginalizados. É também um exercício de se colocar no lugar do outro, de sentir compaixão, de juntos sentirem as paixões do mundo. É um exercício, pois envolve experimentação, um deixar experimentar a miséria, sentir que ela faça parte de todos nós...

Eis uma revelação da potência da amizade. Não basta a denúncia das mazelas sociais. Mostra-se necessário induzir as pessoas, o leitor e o mundo a epifanias, a revelações que despertem ora náuseas ora sorrisos. Para isso, trago histórias que a InfoPreta tem a contar, histórias que só produzirão em toda sua potência junto a atos de empatia, de compaixão, de com-paixão; em suma, de amizade.



Fonte: acervo pessoal



Fragmento #21

Habitando a InfoPreta, uma empresa de mulheres, um espaço de corpos itinerantes

Nadie sabe quién soy, soy una extraña en pinheiros, un barrio de São Paulo, pienso que somos tan extraños en el mundo que habitamos el de esa misma manera, aunque el mundo nos acepta siendo unos desconocidos... Entro a un café desconocido, veo transeúntes desconocidos, nos encontramos con el mismo fin tomar un café, me pregunto cómo ¿abordar mi grupo de pesquisa? (JEIMY SUÁREZ, Insight, 2018)

É dia 10 de Setembro de 2018 e finalmente cheguei ao Lab da InfoPreta! Do hostel para a InfoPreta são uns 25 minutos caminhando pela Fradique Coutinho, no bairro Pinheiros. Mandeí uma mensagem antes, avisando a Buh que iria umas 11 horas da manhã. Ela respondeu: “Só chega aqui, amiga! ”

A InfoPreta se compõe de uma casa com dois andares, com as janelas pintadas por elas mesmas de roxo e de amarelo. Pagam um aluguel da casa, que é antiga. O primeiro andar tem uma sala, uma cozinha e um banheiro. No segundo andar há dois quartos, que são onde as participantes da InfoPreta passam seus dias arrumando notebooks, recebem pessoas e usuárixs. Há vários móveis com muitos computadores, cabos, peças de notebook e ferramentas para desmontar equipamentos.

Na casa não há placa que indique que é InfoPreta. Elas estão tentando ter uma espécie de autorização em São Paulo para colocar essa placa. O Akin me falou que esse processo vai demorar... Então, enquanto isso, para chegar ali, as opções são: ou você conhece a empresa pela Internet ou então alguém lhe falou dele. Ou seja, a lógica de seu descobrimento se dá pela exploração na mídia ou por recomendação.

Eram 11 da manhã quando toquei a campainha pela primeira vez. Elas abrem a essa hora de segunda a sábado. Fui recebida com beijos e abraços, que me fizeram sentir que não estava sozinha em São Paulo, que tinha um lugar para chegar. Esse lugar era lá. Anunciei que essas duas primeiras semanas seriam um acompanhamento de reconhecimento. Nesse dia, encontrei três mulheres, Buh D’Angelo, Danielle Esli e Monica. A Monica jamais falou seu nome completo, que só fui descobrir algum tempo depois por acaso, quando tive acesso a seu trabalho de conclusão de curso na universidade. Acho que algumas pessoas fazem isso, como alguma coisa que podemos guardar para si. Eu respeito isso e não pergunto seu sobrenome, como modo de reafirmar que não vim tentar invadir seus espaços. Apenas pretendo habitar aquele espaço em nome de uma ciência nômade e ambulante, caminhando por linhas imanentes, constitutivas da sociedade, grupos e indivíduos. Certamente nunca saberei tudo delas. Não almejo histórias de vida completas, nem mesmo os seus nomes completos. Busco por blocos de sensações, sobre os quais vou contar um pouco.

Buh D'angelo, posterior Akin Bakari, com 25 anos de idade, é da cidade de Guarulhos. É formado em eletrônica, automação industrial, manutenção, tecnologia da informação (TI) e robótica, certificados de cursos técnicos que ajudaram a ter toda uma preparação de estudo para sua carreira. Mesmo com tantos diplomas e preparação, não era aceita em lugar algum para estagiar. Cansada de respostas negativas, começou, em seu quarto de casa, a arrumar os notebooks de amigos e de algumas pessoas que sabiam que ela entendia muito de TI.

Logo se juntou a uma menina, Danielle Esmi, que passou a ser sua sócia, e formou uma empresa que chamou de InfoPreta, com o objetivo de acolher pessoas de diferentes partes do Brasil, dando-lhes formação e emprego. Esta é conhecida no Lab como Dan, tem 24 anos de idade e é formada em Ciências Sociais.



Buh D'Angelo, em ilustração exclusiva de Priscila Barbosa para TEAR²²

Passei quatro horas com elas. Minha tarefa do dia era observar os diferentes processos. Se tivesse espaço, aprenderia de bom grado a abrir um notebook com ânimo para colaborar nas tarefas e conhecer a manutenção básica de um computador. Em diversos momentos, a tarefa mais fácil para elas e a mais entediante para mim era dar seguimento nas redes de perfis de tecnologia pelo Instagram. Isso porque, nos tempos atuais, se faz importante o uso das redes por meio de seguidores para vender marcas, produtos e serviços como o que eles fazem. InfoPreta sabe que precisa dar visibilidade a seu site. Eu podia ajudar a fazer essa tarefa enquanto reconhecia meu novo território de pesquisa, tentando conhecê-las e fazer perguntas.

²² Tecer um espaço feminino e “atear” fogo no debate. Neste espírito contestador, nasce, em São Paulo, a Tear, uma rede de iniciativas femininas que engloba canais de conteúdo, conexão de iniciativas de mulheres, educação empreendedora e casa colaborativa.

Minha função do dia era desenrolar carregadores de notebook e testar se os notebooks ligavam ou não. Em meio a esse afazer, eu perguntei o que achavam da universidade pública. A maioria das respostas coincidiu. Não haviam tentado Universidade Pública, por entenderem que não era para elas. Já tinham uma resposta negativa de antemão, em que aquele espaço era apenas para “filhos de ricos”. Isso me deixou pensando, para quem é pensada a Educação Superior Pública em cidades capitais como São Paulo?

Continuei falando com a Dan sobre suas funções na InfoPreta. Ela me contou que é a pessoa que ajuda na parte de apoio social da empresa. Considera-se a precursora de vários projetos que acontecem no interior da empresa. Um deles se chama *Notebook Solidário*, que consiste em dar a certas pessoas o apoio de um notebook para continuar seus estudos. Após passarem por um filtro de necessidade e participarem de um curso gratuito, computadores são doados para a pessoa dessa forma, de modo a ajudá-la a continuar com os seus sonhos. Eu mesma apoiei a campanha, obtendo um computador doado por uma argentina de Rio Claro.



Acervo pessoal

23

Fui percebendo que cada pessoa da InfoPreta tinha um papel diferente. Buh – como conheci na época e que voltou a se apresentar para mim como Akin três semanas depois, após

²³ Trabalho colaborativo é uma das estratégias que mais utiliza o grupo, e aqui se vem parte das pessoas a quem chega as ajudas com seu programa de notis solidários

a realização de sua transição de gênero – se descreve como um apoio de força e organização na empresa. Fala de si considerando-se uma mente emocional, afetiva, e de trabalho colaborativo na empresa.

Danielle Esli me contou que tenta trazer uma iniciativa social para a empresa que busque oferecer oportunidades e treinamentos. Um exemplo disso foi o modo como o grupo ajudou Thais, que fez parte de outro projeto que a InfoPreta chamou de *Mulheres Ex-Presidiárias*.

Thais Martins, de 27 anos, funcionária da unidade de Pinheiros é ex-presidiária e moradora de rua. Teve seu currículo enviado à InfoPreta por uma assistente social que a conhecia do viaduto onde morava. “Cheguei aqui atrasada, dizendo que morava no Brás, contando um monte de mentira. Tinha medo de falar a verdade”, dizia Thais, quando tive a oportunidade de conhecê-la. “Também achei que ia trabalhar como faxineira, que era a única coisa com a qual já tinha trabalhado. Não sabia nem ligar um computador”.

Isso foi em outubro de 2018. Logo em seguida, Thais voltou a estudar e se preparava para alugar um apartamento com a avó, deixando para trás a vida debaixo da ponte. “Até meu jeito de falar mudou”, conta. “Antes era só mano, mano, firmeza, truta, parça. Não conseguia nem atender um cliente”, conta. “Agora é só ‘miga’ pra todo lado”.



24

Monica foi a pessoa do grupo com quem fiquei mais tempo. Ela me ensinava a montar e desmontar notebooks, a tirar e colocar parafusos. Nesses momentos juntas, conversávamos e conforme surgiam questões, fazia perguntas buscando conhecer o coletivo, bem como cada uma delas. Numa dessas conversas, soube que Monica veio para a Grande São Paulo se juntar

²⁴ Imagem do instagram da InfoPreta, falando e questionando o que são minorias.

à InfoPetra por meio de uma chamada nas redes sociais, que solicitava uma técnica em sistemas. Monica já seguia o coletivo em suas redes sociais e viu no anúncio uma oportunidade, já que estava desempregada.

Monica deixou Belém do Pará para se juntar ao grupo. Acabou se tornando amiga de Akin e Danielle, considerada parte da família. Em nossas conversas, ela relatava sua história de ingresso no grupo com lembranças que narravam um gesto de agradecimento pela oportunidade. Não tinha emprego até então e não via possibilidades de conseguir um pelas mesmas razões que outras pessoas do grupo: poucas mulheres na TI, formação sem possibilidades de crescer no campo etc. Ela manifestava que, sendo mulher, o campo ficava cada vez mais fechado. Além disso, dizia ter problemas de atenção, dispersão e dislexia, o que tornava ainda mais difícil arrumar um empregador que acreditasse em sua capacidade.

Sua entrevista para o ingresso na InfoPreta foi realizada por Buh via Skype. Monica foi aceita, veio morar na cidade de São Paulo e hoje, manifesta que sua família e amigas são o casal Akin e Danielle, as pessoas que a acolheram e que durante três anos jamais olharam para ela por qualquer viés que fosse de alguma suposta deficiência, como era usual acontecer com as empresas de TI que tentou trabalhar.

Em minhas conversas com a Monica, percebi que, às vezes, ela não compreende o que pergunto, mas mesmo assim, ela acena com a cabeça. Depois de vários dias juntas, aprendi a reconhecer quando suas respostas são respondidas com dúvidas, pois ao final da resposta, ela sempre me fazia uma pergunta. Lembro-me de um de nossos diálogos em que perguntei: “Monica, a InfoPreta trouxe quais benefícios para você?” Então ela disse: “aqui não me vejo como empregada e me traz mais benefício do que ter só um ‘trampo’, você entende? Vou contar, aqui chegamos às 11 da manhã. Daí, eu olho as máquinas para consertar e como anda quente, tomo uma aguinha, escuto minha música.” Nesse momento, interrompe sua fala e me pergunta se gosto de Funk e eu digo que não, pois não sou muito boa em dançar e que gostei mais de Samba e Bossa Nova. Então, prosseguimos a conversa e ela me conta sua rotina como formadora em cursos de informática voltados só para mulheres.

Ao longo dos meses seguintes, acompanho a Monica em seus cursos na maioria das vezes, com exceção das vezes que mudo de espaço para acompanhar a Danielle, que tem outro curso voltado só para mulheres. Os cursos ocorrem em unidades do Serviço social de

Comércio (SESC)²⁵. Nessas andanças por suas diferentes unidades, me divirto conhecendo a cidade, pegando metrô, ônibus, caminhando com os caminhos errados do GPS... Com essas experiências, conheci vários pontos da cidade. Algumas vezes até me perdi em São Paulo. Faço o que precisar para locomover-me nesta cidade, em que cada dia se torna uma aventura experimental, criativa, com sentido que me motiva. O campo é um jogo de peças, uma equação matemática, com n possibilidades não limitadas de produzir experimentações.

Quando chego no SESC, aguardo a Monica, que está sempre solucionando coisas burocráticas referentes ao espaço, à sala, à autorização, aos recursos. É ela também que explica porque eu acompanho o grupo. Eu tive que dizer que fazia uma pesquisa e que precisava dos áudios, das fotografias, para justificar minha presença, já que se trata de uma unidade privada, com um processo próprio. Eu não quis invadir o espaço delas e direcionar alguma atividade proposta por mim, já que implicaria que parassem as suas. Assim que não assumi nenhuma atividade específica, preferindo ficar à disposição de ficar junto e fazer meu acompanhamento.

Cada curso tem uma intenção com seu público. Por exemplo, o curso no SESC de Belenzinho foi para público geral, que inclui desde o ancião de 70 anos até a mulher que tem um computador em casa e não pode pagar o técnico e que quer aprender a lidar com sua máquina em casa. Muitos deles levavam seus próprios computadores – até mesmo alguns de desktop – para tentar arrumá-los, o que já se torna uma experiência de engajamento. Com isso vejo a importância em aprender e compartilhar junto a essas pessoas que confiam nas ferramentas que a InfoPreta traz como um meio de informação, de conhecimento, de oportunidade de aprendizagem. Esses cursos são uma das propostas delas com apoio e parceria do SESC São Paulo. Cada mês há um ciclo com cursos distintos. Em setembro, o tema foi *As Mulheres e as Tecnologias*, cujas oficinas associadas aconteceram em diversas unidades do SESC em todo o estado.

[...] A ação em rede ***As mulheres e as tecnologias***, que acontece no mês de setembro em diversas unidades do SESC na capital e no interior, coloca em evidência uma programação feita por e, prioritariamente, para mulheres — cis, trans, meninas, senhoras, mães, negras, brancas, indígenas, migrantes, refugiadas.

²⁵ São espaços e unidades no estado de São Paulo que cria oportunidades para que pessoas desenvolvam todo o seu potencial, por meio do acesso à cultura, educação, saúde, esporte, lazer e assistência, apoiados por empresários que colaboram com o cenário social.

Esse convite que cada vez mais mulheres ocupem os **Espaços de tecnologia e Artes** do Secs São Paulo inclui atividades em formatos variados, sobre temas diversos ²⁶

POSTADO EM 28/08/2018

O que você encontra na programação de As Mulheres e as Tecnologias?



Buh D'Angelo, fundadora do InfoPreta, que está na programação de setembro | Foto: Divulgação

Foi interessante a participação nesses cursos. Com eles, pude ter um olhar e uma visão logo no início do trabalho de campo com as palestras e debates, que me ajudaram a preparar o corpo para sentir o campo cheio de expectativa e de impulso. Hoje, ao lembrar esse espaço com uma militância que acontecia no país e suas manifestações na rua, tudo se tornava uma espécie de espaço de encontro que discutia o papel das mulheres na definição das rotas de desenvolvimento tecnológico, o espaço intercultural, apresentando como se deu, historicamente, a participação feminina nesses espaços e debatendo se esse cenário institucional demarcado pelo gênero tem impactos sobre a tecnologia que se constrói e sobre a sociedade em que vivemos.

As pessoas que participavam dos cursos demonstravam em seus olhos atentos e alegres o quanto gostavam de aprender. Em um dos cursos, com puntualidade, depois de um dia de trabalho, elas chegavam ao encontro marcado para as 19:30 das quartas-feiras, demonstrando sua gratidão pela oportunidade de participação de forma gratuita. Terminava

²⁶ Tomado da programação do site do SESC
https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12395_O+QUE+VOCE+ENCONTRA+NA+PROGRAMACAO+DE+AS+MULHERES+E+AS+TECNOLOGIAS

às 23h. De lá, assim como muitas delas, pegava um metrô e voltava para minha casa – à época, o hostel – com complacência, disposição e ânimo ao ver tal multiplicidade de gêneros possíveis nesses cenários educativos, persistentes e resistentes às interdições e discriminações presentes.

Esses espaços por vezes se estendiam a manifestações na Av. Paulista. Dani enfatizava a importância dessas manifestações e como as afetavam, sempre tentando trazer reflexões durante as conversas no laboratório.

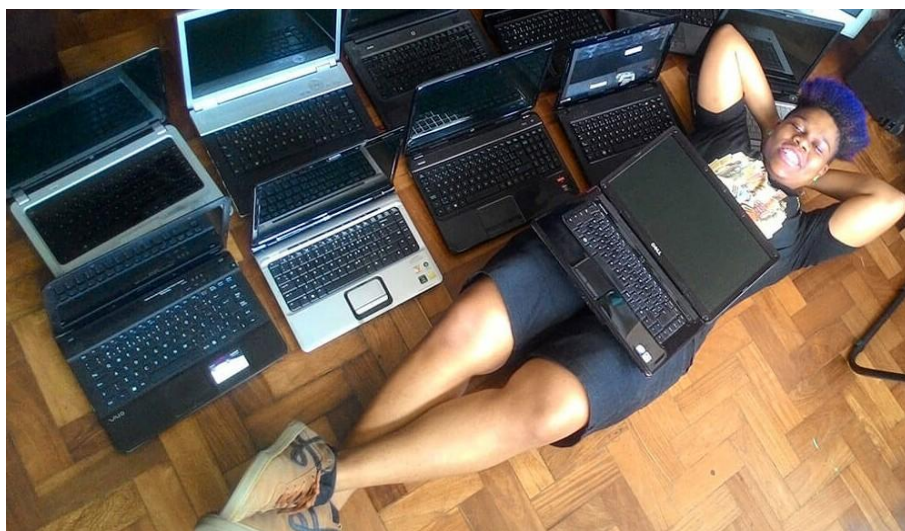
Em outros momentos, eu acompanhava a Monica em sua jornada de trabalho. Ela era bem solta. Gostava de seu jeito tranquilo. Uma característica dela era de sempre tentar usar ritmos e músicas para falar das diferentes partes do notebook. Com isso, gerava brincadeiras e ia cantando; depois voltava a explicar-me quantos parafusos tinha que tirar e onde eles estavam. Depois de terminarmos essa tarefa, ela me explicava as partes do notebook, algo sobre o que até então não tinha ideia alguma.

Certo dia, ao abrir uma máquina, havia muito pó e achamos uma baratinha. Aí ela fez um story para o Instagram, uma das redes mais utilizadas pelo grupo. Estar o tempo todo nas redes comunicando com as pessoas que gostam da InfoPreta é sua proposta, que dia a dia se visibiliza mais. Lá ela convida os seguidores para irem ao Lab. É frequente a chegada de pessoas falando que haviam conhecido o grupo pelo Instagram. Clientes deixavam mais e mais máquinas e assim meus dias iam passando.

O tempo delas é reduzido, chegam e cada uma ocupa um espaço do segundo andar na casa. A maioria do tempo é na sala que fica no segundo andar do Laboratório, o qual tem duas mesas, lotadas de peças de Notebook. Ali há três cadeiras. Em uma mesa fica Monica e, na outra, Danielle com Akin. Quando chegam clientes quem atende é Danielle. No primeiro andar, há um sofá grande de cor marrom. É esse ponto onde fazem toda a recepção para xs usuárixs que frequentam a InfoPreta. Danielle sempre é muito atenciosa. Da equipe, é ela quem faz o diagnóstico, quem escuta as clientes quando falam das avarias em seus computadores.

A maior parte da procura é feita por mulheres. Há um trato diferencial para elas. O trato com suas clientes é de uma maneira como se já se conhecessem essas pessoas anteriormente, o que gera uma confiança. A pessoa se senta e esclarece sua necessidade de arrumar seu notebook. Pergunta-se sobre o tempo de compra e de uso e faz-se uma checagem de parafusos, ou seja, uma manutenção básica. Faz-SE um orçamento e a usuária escolhe se manterá a solicitação de serviço. No tempo que ali fiquei, nenhuma desistiu. Assumem uma

estratégia de preços justos que dependem das condições de cada cliente, o que tem contribuído para o crescimento da empresa.



27

Na empresa, há uma mudança constante de pessoas que por ali transitam e aprendem. Com exceção de Danielle, Akin e Monica, as demais funcionárias não têm um horário fixo a ser cumprido. A quantidade de máquinas que podem ser consertadas depende desse número de pessoas. A partir de minha quarta semana, ficamos no laboratório com menos pessoas, uma vez que Akin acabara de sair de viagem para a China.

²⁷ Akin e sua atitude activa sempre disposta mostrando os notebooks que arrumou no dia.



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo IV: racismo e oportunidades na universidade

No Brasil, as estatísticas deixam claro que as desigualdades sociais estão de alguma maneira associadas à raça ou à cor. Elas são desalentadoras e mostram que o racismo se mantém mesmo após um século depois da abolição da escravidão.

Para mudar esse cenário historicamente constituído, estão as lutas e conquistas que se tem conseguido com o investimento em políticas de ações afirmativas, que, no caso da Universidade, envolvem ações de ingresso – como as cotas raciais e socioeconômicas –, de permanência – com bolsas de manutenção a estudantes que delas necessitam – e de apoio ao egresso – com programas específicos de inserção no campo profissional. Mesmo assim, percebe-se que o mundo ainda está longe de acabar com os efeitos da escravidão e do racismo.

Se olharmos um referencial sobre a desocupação da população por cor e raça, as estatísticas falam que, dos 63,9%

desempregados no primeiro trimestre do ano 2019, 12,7% eram pretos e 51,2% pardos. Com isso podemos associar a falta de oportunidades laborais com um segmento específico da população.

É importante, destacar que ainda se tem muita resistência e obstáculos a essas políticas, o que revela que parte da população não tem clareza de sua importância. Podemos até mesmo nos questionarmos se esse negação não é em si mesma a prática de algum grau de racismo.

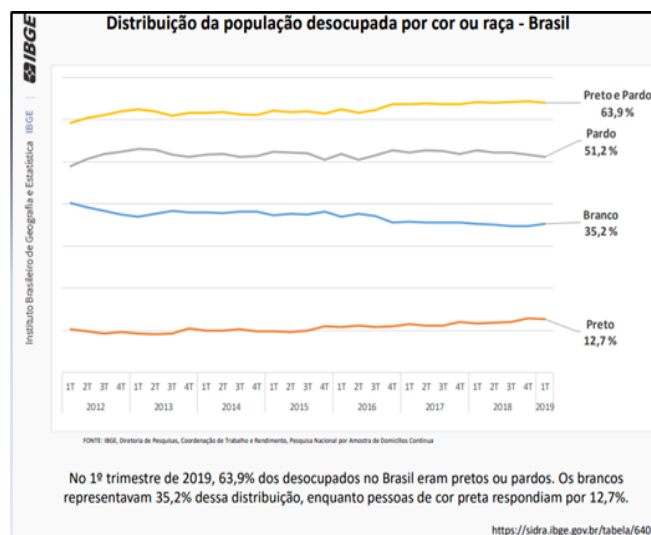
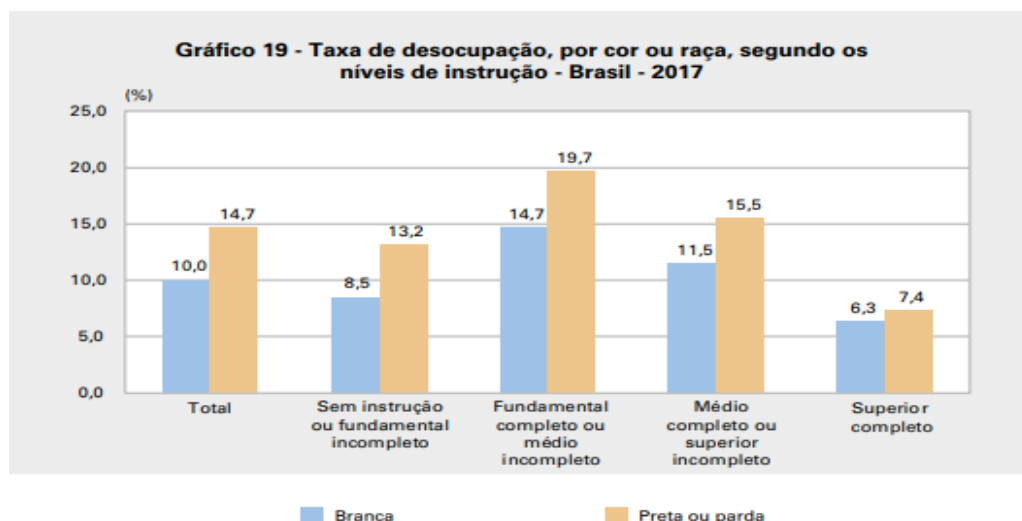


Figura 1: População desocupada por cor e raça- Brasil trimestre 2019¹

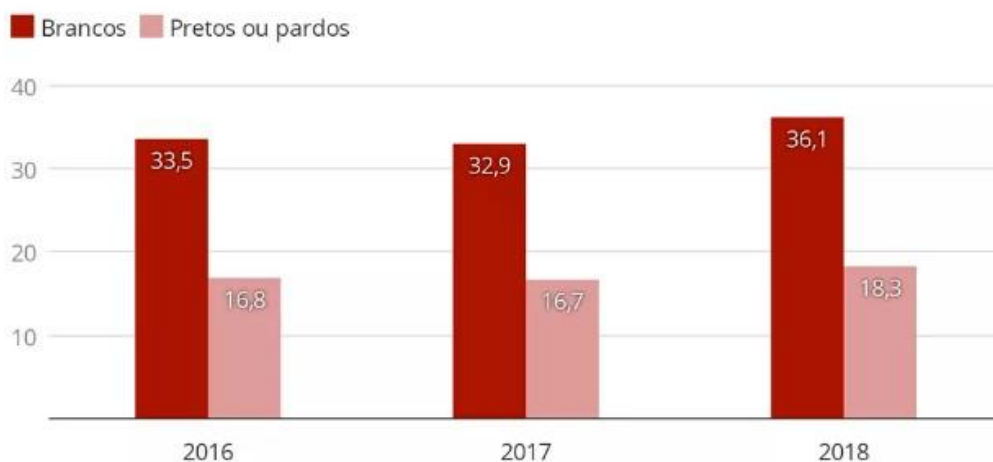
Nas estatísticas que associam a desocupação, por raça ou cor, e o grau de instrução, vemos que terminar um curso no Ensino Superior é um fator que contribui para o acesso ao mercado de trabalho. No entanto, também vemos que, dentre aqueles que chegam a esse nível, pessoas pretas ou pardas não estão em pé de igualdade com as pessoas brancas.



Essa situação se torna ainda pior quando nos damos conta que apenas 18,3% de pretos ou pardos chegam ao Ensino Superior, enquanto 36,1% dos brancos terminam o mesmo nível de escolaridade.

Jovens de 18 a 24 anos no ensino superior (%)

Compare a evolução das taxas da população que estava cursando ou já tinha terminado a graduação em 2018, por raça/cor



Fonte: IBGE - Síntese de Indicadores Sociais 2019

28

Se continuamos essa discussão nos perguntando sobre os caminhos para o ingresso no Ensino Superior, vemos que as primeiras vagas geralmente são conseguidas por candidatos que tiveram sua educação em escolas privadas, nas quais apenas 33% dos alunos são negros²⁹.

Será tão necessário saber de todos esses números oficiais para saber dessa realidade? Olhemos em volta e perguntemo-nos. Quantos professores pretos estão na universidade pública? E se adicionamos a essas questões outras camadas associadas a gênero e suas diferentes expressões? Onde estão as mulheres pretas na educação superior? Dentre as mulheres pretas, onde estão as lésbicas ou as transexuais? Há espaço para corpos diversos na universidade? Essas perguntas que faço na realidade brasileira são igualmente cabíveis para a Colômbia. O panorama por lá é ainda mais triste, já que a educação no Ensino Superior não é gratuita. As mesmas questões podem ser feitas para grande parte do mundo. Cadê os pretos na universidade? Cadê as pretas? E as lésbicas? E xs transexuais? Que outros grupos estão sendo excluídos? Em que outros espaços além da universidade há essas ausências?

²⁸ Taxa de indicadores sociais do IBGE ano 2019, Ingresso na universidade superior. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/06/taxa-de-jovens-negros-no-ensino-superior-avanca-mas-ainda-e-metade-da-taxa-dos-brancos.shtml>

²⁹ Notícia do jornal a folha <https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18838.shtml>





Fragmento #22

Historias cruzadas: a liberação de Clotilda, o último navio de escravos.

Monica chegou à InfoPreta por meio de redes sociais, mais especificamente do Instagram, a partir do anúncio de uma vaga. Foi assim que ela me contou como saiu do interior de Belém do Pará. A partir do anúncio, enviou documentos e diplomas. Fez a entrevista por Skype com Akin, que a aceitou no Grupo. Com sua vinda, tornou-se sua vizinha, amiga, dançarina, formadora e capacitadora das pessoas nos cursos da InfoPreta que ocorrem no SESI.

Ela conta que cumpria os requisitos. Veio a saber da InfoPreta por uma nota na TV. A partir de então começou a seguir o Grupo “dando likes” em suas publicações. O mundo hiperconetado a ajudou, uma mulher preparada com dificuldades de ser mulher em uma carreira de tecnologia. Havia estudado tecnologia e rede, só que não achava um emprego. Monica é uma mulher que reconhece que achar um emprego nessa área é difícil, ainda mais para uma mulher que escapa dos padrões. Pinta seus cabelos de diferentes cores, utiliza óculos com bastante aumento e tenta fazer deles um acessório, já que não passam despercebidos. Esses óculos são realmente bem decolados. Ela também assume ter dislexia, o que dificulta manter-se concentrada por muito tempo. Gosta de consertar máquinas, de mexer com programação, de criar conteúdo digital, de construir aplicativos... Assume-se como mulher lésbica e pensa que sofreu preconceito por sua condição sexual. Considerava este um dos motivos pelos quais nenhuma empresa a chamava para fazer uso de seus serviços. Queria uma mudança em sua vida, que não envolvia “apenas” arrumar um emprego. Tudo isso – condições, oportunidade e vontade – motivou-a a assumir sair de casa e percorrer os tantos quilômetros entre sua casa no Belém de Pará e a cidade de São Paulo.

Essa decisão foi tomada a partir da confiança depositada em Monica por Akin. Ele lhe oferecia um emprego. Ela ia aprender algumas coisas. Quanto à remuneração, uma porcentagem ficaria para pagar o aluguel e material de serviço; restante um salário para ela. Para moradia, Monica tinha uma tia que lhe acomodaria no primeiro mês em Osasco, por coincidência a mesma cidade em que Akin e Daniela moravam. Nesse encontro, uma troca de diferentes sotaques em uma cultura da diversidade. Amizade: elemento importante para combater as diferentes violências estruturais existentes.

Nisso se passaram quatro anos e Monica segue trabalhando na InfoPreta. Em 2018 ficou à frente de um curso sobre manutenção de computadores no SESI. Hoje em dia é considerada uma das líderes da empresa.

De sua vida antes de chegar a morar em São Paulo Monica não fala muito. Algumas vezes lembra com saudade de sua terra, mas sempre fala que não tinha nada para ela fazer lá. Na empresa, faz coreografias com as estagiárias. Canta sempre com seus lábios pintados de vermelho forte, que assume como símbolo de força. Fala de sua volta para Belém do Pará, em que manifesta que adoecia quando ficava lá sem muito para fazer, até achar uma oportunidade na InfoPreta.

“Por anos eu fui uma menina conhecida pelo sorriso e porque eu sou bem louca das idéias, né! Este ano tá bem diferente dos outros anos. Eu me permiti cair ou foi necessário cair. Já tenho uns meses de volta a Belém, e por mais que esteja de volta a minha terrinha que amo e aquece meu coração tanto, tem dias que são bem difíceis de se viver e isso é uma luta diária, de levantar, tomar remédio pra ficar feliz, de comer, de estudar, de enfim, cuidar de mim, ter responsabilidade comigo mesmo, algo tão simples que reerguer muitos de nós, e talvez seja a missão mais difícil na face da terra”.

Procurar destinos que ajudem na construção de quem é você é a consciência de poder viver. A fuga pode ser entendida como estratégia de combate. Habitar espaços intermediários e deslocar-se geograficamente se torna uma justificativa vitalista para dar vazão a um ritual de sobrevivência.

Fugir pode ser uma ideia de inventar liberdade, de des-habitar para habitar e re-habitar, procesos de viagem que carregam transformações a quem assume a vida como travessia.



30

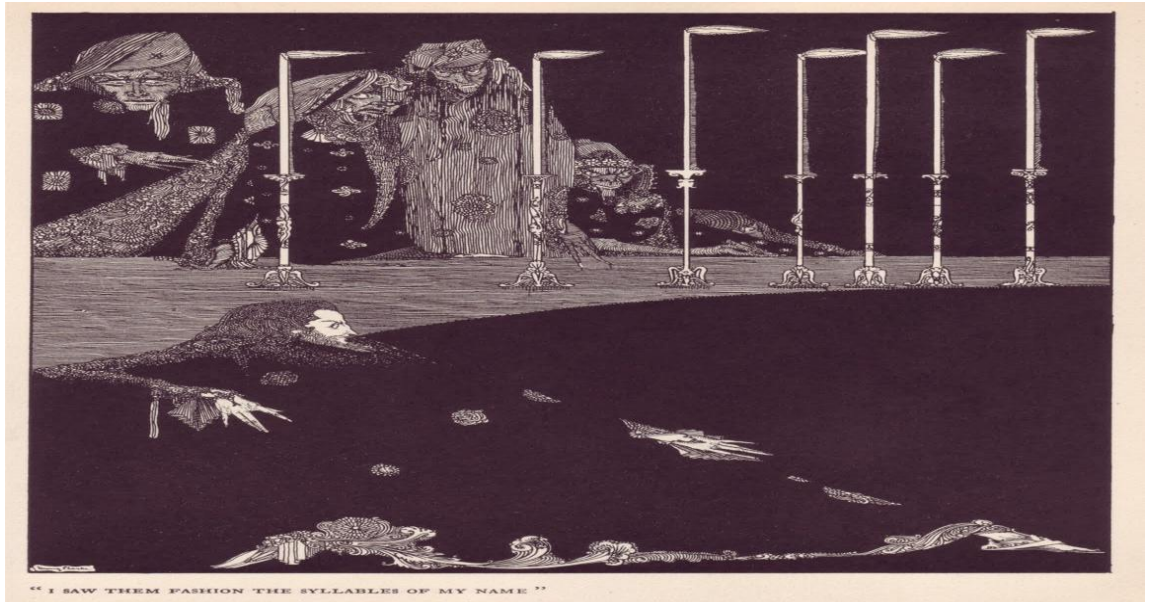
³⁰ Fotografias do campo os encontros com InfoPreta, curso em no Sesc de Ossasco.



Fragmento #23

La sanidad de la locura

Talvez Persistir na loucura, seja “o fora” ou escape onde o humano se refugia, a loucura pode ser o estado mais sublime porque com ela se pode amar sendo sensato, entrar no paraíso (JEIMY SUÁREZ, Insight, 2019)



31

...Los caprichos de los locos son inexplicables, y en mi opinión, así como en la del doctor Tarr y el profesor Fether, *nunca* se está seguro si se los deja andar solos y sin vigilancia. Un insano puede ser «calmado» por un tiempo, pero terminará siempre provocando algún alboroto. Su astucia, además, es tan proverbial como grande. Si proyecta alguna cosa, la ocultará con maravillosa sagacidad, y la destreza con que finge la cordura presenta para el filósofo uno de los problemas más singulares del estudio de la mente. Créame usted: cuando un loco parece *completamente* sano, ha llegado el momento de ponerle la camisa de fuerza.³²

³¹ Disponible em: ilustrações de Harry Clarke's "Eu os vi moldar as sílabas do meu nome" inspirada nos contos de Poe e seus mistérios http://2.bp.blogspot.com/-6HyVkQbxjwc/UDo6iSJ6EKI/AAAAAAAAAOW/EwAQEm5It1k/s1600/3564051051_1fda6eedc9_o.jpg

³² Cuento de Edgar A.P., El cuento es en su mayor parte un juego de apariencias e ilusiones, los locos parecen cuerdos y los cuerdos locos POE, EDGAR ALLAN. EL SISTEMA DEL DOCTOR ALQUITRÁN Y EL PROFESOR PLUMA. *Revista Argentina*, 1869, vol. 5, p. 151-73. El cuento es en su mayor parte un juego de apariencias e ilusiones.



Fragmento #24

Perspectivas teóricas do empoderamento

El miedo a la exigencia de derechos especiales señala una conexión del principio de representación de grupo con el principio de tomar en consideración la diferencia a la hora de formular políticas. El instrumento básico para evitar que el uso de derechos especiales sirva para oprimir o excluir a ciertos grupos es la auto organización y la representación de tales grupos. Si los grupos oprimidos y en situación de desventaja son capaces de discutir entre ellos qué procedimientos y políticas servirán mejor a su ideal de igualdad política y social, y si, además, dichos grupos tienen acceso a mecanismos que permitan que el gran público conozca sus valoraciones y opiniones al respecto, puede afirmarse que resultará menos probable que las políticas que toman en consideración la diferencia puedan usarse contra ellos y no en su favor. (YOUNG; IRIS MARION, 1994. P, 125)

O termo *empoderamento feminino* está relacionado com as lutas dos direitos civis e a diferentes ondas do feminismo. Em comum, buscam por um protagonismo às representantes femininas, que compõem este texto, em uma mistura de olhares e movimentos geográficos, na medida em que percorrem diferentes lugares do país. Tudo isso sob a perspectiva de uma pesquisadora que procurou outros caminhos de origem tentando um mergulho em sua subjetividade, de maneira a expor ao leitor feridas há muito encobertas, levando-a a enxergar que essas mulheres de sua vida – que incluem sua família e a InfoPreta – possuem sonhos e aspirações que vão além das realidades que lhes são impostas.

O conceito de empoderamento carrega consigo a ideia de poder e o entendimento de como ele atua na sociedade, além dos conflitos gerados pelo seu exercício, conduzindo a processos de inclusão e de exclusão. Compreende-se, assim, que o sentido da palavra também está ligado ao entendimento da falta de poder, ao desempoderamento.

A relação das mulheres com o poder parece se tornar um elemento constitutivo da sociedade. É historicamente atribuída e marcada pela marginalização sofrida através do patriarcalismo, atravessando culturas e reproduzindo desigualdades entranhadas nos papéis pré-estabelecidos de gênero. Há uma aproximação com as ideias do Foucault e o poder, e a sujeição como normas de subordinação de gênero. Podem ser consideradas como dispositivos de poder, já que tem relação com as reflexões de análises do poder que ele fez, desde já considerando que Foucault nunca examinou especificamente a subordinação de mulheres.

O próprio Foucault manifestou sua eventual cegueira em uma entrevista quando foi perguntado pela existência de uma maior repressão da sexualidade das mulheres

Estos diversos tipos de represión han variado a lo largo de décadas, pero no puedo decir que haya encontrado diferencias fundamentales en lo que concierne a la mujer o al hombre. Sin embargo, yo soy un hombre. (FOUCAULT, 1975, p. 778-779).

Além disso, cabe destacar que, para esse autor, poder não é coisificável nem separável. São visíveis exercícios de poder em meio a relações de poder que, com o tempo, podem se naturalizar como saber. Suas aproximações com a questão de gênero se dão na medida em que relações de poder de nossa sociedade evidenciam modos pelos quais subjetivações são produzidas, regulando a vida social ao produzir discursos, verdades, saberes, que, por sua vez produzem relações e nexos sociais, como uma rede em constante transformação. Diante disso, podemos perceber que a necessidade de empoderar-se surge de situações de inferioridade, gerando ajuda e reconhecimento entre as mulheres.

Elas passam, então, a atuar em seu processo de empoderamento de modo gradual, sendo relevante pontuar e destacar que cada mulher assume um tempo, uma vontade e uma realidade singular para a transformação. Associar uma definição à palavra empoderamento é difícil também de uma perspectiva linguística, uma vez que, assim como em português, essa palavra não existia até pouco tempo atrás em diversas línguas.

Falar em *empoderamento* pode permitir uma busca pela equidade de gênero, um protesto contra a discriminação de gênero e desigualdade social, uma emancipação que atue promovendo a liberdade e a autonomia na tomada de decisões, induzindo a participação e fortalecimento de mulheres na ocupação de espaços historicamente negados. Em outras palavras, trata-se de assumir a possibilidade de também ver e falar do mundo com olhos de mulher, como corpos de resistência.

Falar de uma concepção de poder desde o pensamento feminista junto ao pensamento de Foucault pode ser potente. Foucault ajuda a entender os exercícios do poder nas relações das sociedades modernas e os sistemas de disciplina que a mulher assumiu com uma incidência menor em comparação com o homem. Ainda em nossa atualidade, a dominação patriarcal leva uma série de dificuldades para as mulheres, em nível político, econômico, social e cultural, todas elas inter-relacionadas. Por isso a dificuldade de uma transformação estrutural. Os esforços feitos para mudar essa trama ainda são insuficientes para atingir os logros econômicos, políticos e sociais equitativos.

Para uma reflexão sobre esse assunto, é fundamental uma tomada de consciência no cenário da subordinação feminina. Para isso vamos tratar de diferentes visões e alternativas propostas a partir do pensamento feminista sobre poder e como eles estão ligados ao empoderamento. Daremos especial destaque às ideias apresentadas por Amy Allen (1998, p, 456), que aponta a dificuldade de compilar perspectivas feministas sobre o poder, e os efeitos de resistência à subordinação feminina.

Em sua revisão, Amy Allen identifica três maneiras pelas quais o pensamento feminista concebe o poder: **poder como recurso** (poder a ser redistribuído), **poder como dominação** (poder sobre) e como **empoderamento** (poder para)³³, cujos enfoques possuem abordagens diferenciadas. Há posições que indicam que a própria opressão influencia a definição que se tem do poder, outros que afirmam que o poder das mulheres é uma contradição, já que esse poder é eminentemente masculino, e que a busca se trata de uma inversão de gênero, em que aqueles que propõem um caminho alternativo de conceber poder podem transformar-se naqueles que estão em situação de vantagem de exercício de poder.

A principal distinção, de acordo com Allen, está entre aqueles que acreditam que o poder consiste em controlar uma pessoa. Seu fundamento é chamado de “poder sobre”, que tem diferentes abordagens, como quando Max Weber fala dos tipos de dominação, e entende isso como coerção no qual tem o direito adquirido de se fazer obedecido e exercer influência dentro de um grupo, podendo fundamentar-se, como motivo de submissão.

Segundo Allen, Michel Foucault, ao contrário, foca no exercício de poder, de tal forma que um poder de dominação – ou o poder masculino – é fruto de uma realidade sistêmica com restrição das decisões. O poder e a alternativa de visualizar como a capacidade de agir e fazê-lo não só individualmente, mas também coletivamente, corresponde ao “poder-fazer”. Allen sustenta também a necessidade de integrar ambas noções de “poder sobre” e “poder fazer” para se ter uma ideia complexa de poder.

Para o pensamento feminista liberal, o poder é um recurso ou ativo social positivo que atualmente está principalmente nas mãos de homens e, portanto, cujo exercício deve ser redistribuído igualmente entre mulheres e homens. A concepção de poder como dominação,

³³ O “poder para” é a capacidade de um indivíduo ou coletivo de perseguir uma série de finalidades, que Allen assume como sinônimo para o *empoderamento*.

por outro lado, é afirmada a partir de diferentes oposições feministas: feminismo fenomenológico, feminismo radical, feminismo socialista, feminismo pós-estruturalista.³⁴

Desde um feminismo fenomenológico se encontra Simone de Beauvoir, cujo trabalho *O Segundo Sexo* (1954) teria uma forte influência sobre os autores radicais. Ela levanta a distinção entre transcendência e imanência, dependendo se os seres têm a possibilidade da liberdade ou não. A transcendência correspondente aos homens e a tensão entre as mulheres entre um estado e outro seria, assim, produto da dominação patriarcal.

El privilegio que tiene el hombre y que se advierte desde la infancia es que su vocación de ser humano no va contra su destino de varón. Mediante la asimilación del falo y de la trascendencia, sus éxitos sociales o espirituales le procuran un prestigio viril. No está dividido. Sin embargo se pide a la mujer que, para realizar su feminidad, se convierta en objeto y en presa, es decir, que renuncie a sus reivindicaciones de sujeto soberano. (BEAUVOIR, 2005, p.496)

Em vez disso o feminismo radical tem um olhar mais de dominação-subordinação, postulando que nenhuma mulher, como tal, pode escapar do controle masculino, já que está sujeita a um homem individual e, por isso, é impossível para ela possuir poder. Essa abordagem é criticada por Nancy Fraser (1989), que afirma que a atual situação de subordinação da mulher é mais sutil e complexa, sendo reproduzida por normas culturais, práticas sociais e outros mecanismos impessoais, em vez de uma dominação e subordinação individual. Com isso, faz uma crítica a Foucault e seu método da genealogia.

[...] método genealógico de Foucault pone entre paréntesis el carácter normativo del poder para ver cómo éste funciona. Pone entre paréntesis, por tanto, la cuestión de la legitimidad del poder, y la cuestión normativa de cómo el poder debería de ser para no ser opresivo diferentes clases de diferencias, algunas son daños que ha generado la opresión en los grupos y deberían ser eliminadas, en cambio otras son “marcas de superioridad cultural frente a sus opresores” (FRASER, 1989, p. 260)

O feminismo socialista complementa a análise marxista da dominação como exploração de classe com críticas ao sistema de dominação masculina, e a teoria de sistemas duais, que funcionam de forma autônoma, afirmando que ambos oprimem e alinham o trabalho das mulheres. Esse feminismo contempla o grupo que pesquisamos neste trabalho já que tem uma abordagem interseccional. “Além disso, considerar gênero e classe em uma única

³⁴ Allen, Amy (2011). “Feminist Perspectives on Power”. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.). Revisado en: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/feminist-power/> 2018, 5 de julio

teoria inclui subordinação baseada na “raça”, e as interconexões complexas entre eles ³⁵ , estando preparados para compreender as experiências de mulheres negras que consideram inadequado privilegiar um eixo sobre outro.

[...] raça e gênero como categorias de experiência mutuamente exclusivas. Ao fazê-lo, tal estrutura privilegia implicitamente a perspectiva dos membros mais privilegiados de grupos oprimidos - negros de sexo ou privilegiados de classe em casos de discriminação racial; mulheres de raça ou privilegiadas em casos de discriminação sexual. Assim, um arcabouço de eixo único distorce as experiências das mulheres negras, que estão simultaneamente sujeitas a formas múltiplas e inter-relacionadas de subordinação, “a interseção do racismo e do sexismo influencia as mulheres negras” (CRENSHAW, 1991, p.1260).

O feminismo pós-estruturalista adota a teoria da Microfísica de Poder desenvolvida por Michel Foucault, que afirma que o poder:

[...] se debe analizar como algo que circula o, mejor aún, como algo que solo funciona en forma de cadena. Nunca se puede localizar aquí o allí, nunca en las manos de nadie, nunca poseído como una mercancía o una porción de riqueza. El poder se usa y se ejerce a través de una organización que es como una red; y los individuos no solo circulan entre sus hilos, sino que están siempre y simultáneamente sometidos a él a la vez que ejerciéndolo (FOUCAULT, 1980, p 86)

O poder, nessa perspectiva, opera em todos os níveis da sociedade, desde relacionamentos interpessoais até nos exercícios de poder do estado, formando uma complexa rede de relações de força. Na verdade, o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, gerando sujeitos. Tais jogos de poder são parte de todas as relações econômicas, políticas, sociais e pessoais.

Dentro das abordagens, (BUTLER, 2001, p 125)³⁶, baseada na análise da sujeição de Michel Foucault, fala da categoria “mulheres” como produzida e limitada pelas mesmas estruturas de poder através das quais a emancipação do patriarcado é procurada. Isto é, tornar-se sujeito implica em submeter-se a relações de poder. Propõe, então, tomar uma atitude subversiva contra as normas de gênero com sua teoria da performatividade. Butler afirma

³⁵ Allen, Amy (2011). “Feminist Perspectives on Power”. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.). Revisado en: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/feminist-power/> 2018, 5 de julio

³⁶ Butler, Judith (2001). El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad. México: Paidós. Pág. 58. En: Cortés, José Miguel G. (2006). Políticas del espacio. Arquitectura género y control social. Barcelona: laac, Institut d'Arquitectura Avançada de Catalunya. Pág.125

que, como o gênero é uma construção histórica, é possível desmontar a hegemonia através de uma série de atos capazes de transgredir a dicotomia e binarismo de gênero sexual.

Por fim, mas não menos importante, trazemos o conceito de poder “desde dentro”, que implica uma capacidade de eleição, de compromisso. Este é criativo na procura da transformação social, um empoderamento de mulheres (ou outros grupos em situação de subordinação) como um processo em que desenvolvem a capacidade de aumentar sua autoconfiança e sua força interna, ganhar voz, adquirir algum grau de controle sobre suas vidas diárias, identificar os fatores que determinam sua posição e os desafiar individual ou coletivamente. Esse processo ocorre quando indivíduos e grupos organizados são capazes de imaginar o seu mundo de uma maneira diferente, transformando a realidade através de uma mudança nas relações de poder que os mantiveram em uma posição de subordinação.

Nossa pesquisa se acolhe a esse referente e opera com essa prática de olhar um poder alternativo, de cuidado próprio, em que Allen propõe a concepção de poder como empoderamento. Ao contrário das perspectivas anteriores, neste caso, o poder é definido como habilidade ou poder-fazer, como um compromisso feminista de quebrar a visão de poder masculino e construir dispositivos que amparem exercícios de poder com potência para transformar relacionamentos opressivos das próprias mulheres submetidas.



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo V: Em um mundo em que raças deixaram de existir, ...

... as narrativas de dor, traição e inquietação associadas à cor são memórias do passado.

... a cor da pele já não dita às possibilidades para se mover.

... rostos de todas as cores se fazem presente em qualquer profissão ou espaço da sociedade.

... olhos azuis não são mais nem menos bonitos que olhos negros.

... arte é arte, não fazendo sentido algum qualificá-la com cores.

... a democracia é para todos sem privilegiar nenhum grupo específico.

... cor é somente cor, mas as composições mais coloridas são as mais belas.



Fragmento #28

DIREITO AO DELIRIO

Qué tal si deliramos por un ratito

qué tal si clavamos los ojos más allá de la infamia para adivinar otro mundo posible
El aire estará limpio de todo veneno que no provenga de los miedos humanos y de las humanas pasiones

En las calles los automóviles serán aplastados por los perros la gente no será manejada por el automóvil ni será programada por el ordenador ni será comprada por el supermercado ni será tampoco mirada por el televisor
El televisor dejará de ser el miembro más importante de la familia

Y será tratado como la plancha o el lavarropas
Se incorporará a los códigos penales el delito de estupidez que cometen quienes viven
por tener o por ganar en vez de vivir porvivir no más
como canta el pájaro sin saber que canta
y como juega el niño sin saber que juega

En ningún país irán presos los muchachos que se nieguen
a cumplir el servicio
sino los que quieran cumplirlo
Nadie vivirá para trabajar
pero todos trabajemos para vivir

Los economistas no llamarán nivel de vida al nivel de consumo
ni llamarán calidad de vida a la cantidad de cosas
Los cocineros no creerán que a las langostas les encanta que las hiervan vivas
Los historiadores no creerán que a los países les encanta se invadidos

LOS POLÍTICOS NO
CREERÁN QUE A
LOS POBRES LES
ENCANTA COMER
PROMESAS LA
SOLEMNIDAD
SE DEJARÁ DE CREER QUE
ES UNA VIRTUD
Y NADIE NADIE
TOMARÁ EN SERIO A
NADIE QUE NO SEA CAPAZ
DE TOMARSE EL PELO,



Y NI POR DEFUNCIÓN NI POR
FORTUNA
SE CONVERTIRÁ EL CANALLA EN
VIRTUOSO CABALLERO
LA COMIDA NO SERÁ UNA
MERCANCIA
NI LA COMUNICACIÓN UN NEGOCIO
PORQUE LA COMIDA Y LA
COMUNICACIÓN SON
DERECHOS HUMANOS



NADIE MORIRÁ DE HAMBRE
PORQUE NADIE MORIRÁ DE INDIGESTIÓN
LOS NIÑOS DE LA CALLE NO SERÁN TRATADOS COMO SI FUERAN BASURA
PORQUE NO HABRÁ NIÑOS DE LA CALLE
LOS NIÑOS RICOS NO SERÁN TRATADOS COMO SI FUERAN DINERO
PORQUE NO HABRÁ NIÑOS RICOS
LA EDUCACIÓN NO SERÁ EL PRIVILEGIO DE QUIENES PUEDAN
PAGARLA
Y LA POLICÍA NO SERÁ LA MALDICIÓN DE QUIENES NO PUEDAN
COMPRARLA LA JUSTICIA Y LA LIBERTAD
HERMANAS SIEMESAS CONDENADAS A VIVIR SEPARADAS
VOLVERÁN A JUNTARSE BIEN PEGADITAS ESPALDA CONTRA ESPALDA

EN ARGENTINA LAS LOCAS DE PLAZA DE
MAYO SERÁN UN EJEMPLO DE SALUD MENTAL
PORQUE ELLAS SE NEGARON A OLVIDAR EN
LOS TIEMPOS DE LA AMNESIA OBLIGATORIA
LA SANTA MADRE IGLESIA CORREGIRÁ
ALGUNAS ERRATAS DE LAS TABLAS DE MOISÉS Y EL 6TO MANDAMIENTO ORDENARÁ FESTEJAR EL
CUERPO
LA IGLESIA DICTARÁ TAMBIÉN OTRO
MANDAMIENTO QUE SE LE
HABÍA OLVIDADO A DIOS:
AMARÁS A LA
NATURALEZA DE LA QUE FORMAS PARTE





Fragmento #26

A transição de Buh para Akin e de mim para um outro entendimento do mundo

Em meu primeiro dia de campo, fui apresentada a Buh D'Angelo, uma das mulheres da InfoPreta, que três semanas depois se reapresentou como Akin Abaz. Em um primeiro momento pensei “Como a idealizadora da InfoPreta, uma empresa de empoderamento de mulheres agora se torna um homem?”.



37

Depois, passei a refletir sobre nossas tentativas de fixar identidades, refazendo um percurso em minha vida em torno do tema da transição de gênero, atenta ao que disse Akin a mim nessa ocasião: *“Arriscar trazer produção de conhecimento, em pessoas trans, existe uma expropriação, uma pilhagem epistêmica da luta. Existe toda uma tendência a observar a experiência trans como uma experiência de objetos, a ser apresentado e compreendida como exótica, ser compreendida como o radicalmente outro.”*

Eu, Jeimy, vim a entender a transexualidade como uma extensão de meu meio. Ainda que tenha sempre compreendido e assumido respeito ao outro e à diferença, foi apenas aqui na experiência brasileira com a InfoPreta, que vim a me assumir como parte dessa frente de

³⁷ Ilustração de Monica Crema: Rabiscar e rabiscar, pesquisar e pensar até que surja uma ideia interessante. Tomada de: <https://www.facebook.com/monicacrema.art/>

batalha. Em meu país somos mais medrosos a meu ver, ainda que morasse em uma capital, em que se presume ter-se mais liberdade.

Por muito tempo, associei as camadas de vulnerabilidade na Colômbia especialmente a questões sociais visibilizadas pelos estratos que dividem a população desse país, sem associá-los a questões de gênero, que volta e meia se apresentavam.

Fazendo minha graduação, tive uma colega de curso, Ange, agora Angel. Ele ainda luta e faz parte de movimento trans na Colômbia. Quando penso nela (e falo dela, porque a conheci, ainda me lembro dela como Ange) e nossas conversas. Lembro que desenhava muito bem. Ambas gostávamos de nos manter sozinhas na faculdade. No meu caso, porque achava as pessoas da matemática antipáticas, estudando em um edifício triste de ladrilho laranja com quatro andares. Ficar lá já era triste, o que se tornava pior, pois os únicos estudantes ali eram os da licenciatura em matemática.

Para mim era como um castigo aceitar que meu tempo na graduação não acontecia de acordo com minha expectativa. Eu esperava um curso misturado com artes e com ciências humanas. Não foi assim, então não gostava do lugar. Depois com o tempo você se acostuma. Ficava lendo o jornal e frequentando diferentes grupos de pessoas sem ter um fixo. Eu acho que esses modos de lidar com aquela situação me fez assumir certa imunidade para ficar sozinha e certa debilidade sendo muito simpática e falante. Desde essa época eu não gosto ver uma pessoa sozinha. Se encontro alguém nessa situação, dou um jeito de puxar conversa.

Com Ange foi assim. Lembro que um dia lhe perguntei: “Você gosta de ficar sozinha?”. Ela respondeu: “Não, só que as pessoas não me entendem e me isolam.”. Tempos depois, quando cheguei ao Brasil, fiquei sabendo de todo o seu percurso por suas redes sociais. Descobri que mudou de cidade e passou a fazer parte de movimentos políticos que assumem a transexualidade como bandeira de luta.

Entendo apenas agora que seus colegas de turma podiam ser muitas vezes responsáveis por esse afastamento, devido a uma espécie de defesa de comportamentos que se assumem como padronizados, avessos a outros que escapassem a uma norma.

Essas reflexões passaram a acontecer junto ao meu grupo de pesquisa, ao acompanhar a transição de Buh para Akin, idealizadorx da InfoPreta, com minhas idas e vindas de Rio Claro... Aliás, esse processo nem sempre é suave e claro.

Um dia cheguei na InfoPreta e fiquei com elas. Fiquei sem entender quando falavam de Akin referindo-se à pessoa que eu conhecia como Buh. Sorri tentando acompanhar o que inicialmente entendia como brincadeiras, mas que passei a ver que era mais que isso. Havia,

sim, mudanças. Fisicamente Buh tinha um novo visual, cujo conjunto passava a se chamar Akin. Foi um dia de surpresas. Foi no mesmo dia em que fiquei sabendo que na semana seguinte Akin viajaria para a China, pois tinha aceitado um estágio na Google, como um dos prêmios oferecidos pelo G20.

No dia anterior, a InfoPreta havia publicado a seguinte mensagem em seu Instagram:

Talvez por já ter lido essa mensagem ou pela minha experiência anterior com Angel, meu

Disforia de gênero é uma condição caracterizada pelo desconforto persistente com marcas sexuais ou de gênero que remetem ao gênero atribuído ao nascer.

Todo o mundo é uma luta diferente quando se trata de uma vez que as mulheres e as pesadas são uma doença, muitas vezes não funcionam como o oposto, nem mesmo com algo, como os casos originais são vistos como nós mesmos. Ser respeitado simplesmente merecido e ser o seu direito como ser humano, mas não é um direito a respeito e junto com essa falta de respeito em conjunto se trabalha uma disforia que nos mata, mutila, machuca, afunda, confunde, endoida.

Quando você está indo para sair para a rua é como tirar o direito de respirar, o fato de tentar parar de olhar para o chão quando ele é como o mundo inteiro para te ver e julgar e gritar na sua cara que além disso ser humano, pobre, ainda era trans

Ou o fato de que vc tem que escolher é um responder por 283733636 vez que é um homem e que há milhares de jeitos de ser um homem ou uma mulher e isso não é diminuído em nada quem vc é.

Se vc é trans e ta vivo ainda, tu merece o mundo véi, pq vc eh foda e tá indo contra tudo e todos pra viver e ser feliz.

Que somente venham as boas e boas práticas para pessoas, pq todo dia reaprendendo a viver não é fácil não.

encontro com a transição de Buh para Akin foi tranquilo e natural, assim como para o restante do grupo.

Eu, habitando lá, nunca senti diferença alguma entre as pessoas que acolhem para fazer sua formação e depois dar uma garantia de emprego. No começo achei que Akin era um sobrenome, logo percebi que no grupo já havia assumido sua transição e eu, sem perguntar a respeito, também passei a assumi-la.

Akin, caracterizado pelo desconforto em falar dessas marcas como parte de seu próprio caminho percorrido, manifesta que teve que ter coragem. Inicialmente dele para uma aceitação e depois ante uma sociedade.



//Eu não sei
 Se eu estou pirando
 Ou se as coisas estão melhorando
 Não sei Se vou ter algum dinheiro
 Ou se vou só cantar no chuveiro
 Estou no colo da mãe natureza
 Ela toma conta da minha cabeça
 É que eu sei que não adianta mesmo a gente chorar
 A mamãe não dá sobremesa
 Mamãe, mamãe natureza.
 (Rita Lee)

³⁸ Com essa foto Akin se apresenta no dia da visibilidade trans em suas redes akin se apresenta e decide mostrar sua transição para homem trans. “sempre uso redes como dispositivo e ferramenta para ser inspiração para outras pessoas subrepresentadas.”



Acervo Pessoal



Fragmento #27

Uma escritura menor e o cérebro que se metamorfoseia

El siguiente fragmento de texto opera con la abertura del mundo experienciador delirante e inconsciente y poco tiene en común con el mundo académico. Por lo contrario, puede ser hasta irrespetuoso para el lector si lo ve desde un punto de vista tradicional y conservador ante el formato académico. Aquí una pequeña información que vale la pena aclarar: no fue mi intención, no percibí, solo sucedió, o como en el lenguaje portugués se dice: “aconteceu”. Se tornó realidad inevitable, independientemente de los pros y contras que pueden surgir, cuando aún no se tiene una conciencia de los movimientos en el proceso de escrita. ¡Sucedió!

Es así que asumo la escrita en dos lenguas: el español lengua nativa y el portugués como segunda lengua. En los ires y venires de escrita fui pensando en español y mis dedos escribiendo en portugués. (¡A veces ocurría lo opuesto!) Mis ideas surgían en dos territorios, muchas lecturas y una vida.

Con este texto, quiero decir que, al escribir y pensar en dos lenguas, pasé a sentirme como una extranjera en ambas lenguas. Es así como me declaro tocada por otra camada de vulnerabilidad: la escrita de un texto que asume desvíos a los aires de las fronteras del bilingüismo. Eso que inicialmente podría ser visto como una fragilidad o desventaja, lo veo ahora como la oportunidad de crecer e inventar no solo otras lenguas, sino también afirmar otros modos de existencia.



Fragmento #28

¡Coraje!

Si eres una mujer fuerte protégete de las alimañas que querrán devorar tu corazón.

Ellas usan todos los disfraces de los carnavales de la tierra: se visten como culpas, como oportunidades, como precios que hay que pagar. Te hurgan el alma; meten el barreno de sus miradas o sus llantos hasta lo más profundo del magma de tu esencia no para alumbrarse con tu fuego sino para apagar la pasión la erudición de tus fantasías.

Si eres una mujer fuerte tienes que saber que el aire que te nutre acarrea también parásitos, menudos insectos que buscarán alojarse en tu sangre y nutrirse de cuanto es sólido y grande en ti.

No pierdas la compasión, pero témele a cuanto conduzca a negarte la palabra, a esconder quién eres, lo que te obligue a ablandarte y te prometa un reino terrestre a cambio de la sonrisa complaciente. Si eres una mujer fuerte prepárate para la batalla: aprende a estar sola a dormir en la más absoluta oscuridad sin miedo a que nadie te tire sogas cuando ruja la tormenta a nadar contra corriente.

Entrénate en los oficios de la reflexión y el intelecto Lee, hazte el amor a ti misma, construye tu castillo rodéalo de fosos profundos pero hazle anchas puertas y ventanas es menester que cultives enormes amistades que quienes te rodean y quieran sepan lo que eres que te hagas un círculo de hogueras y enciendas en el centro de tu habitación una estufa siempre ardiente donde se mantenga el hervor de tus sueños.

Si eres una mujer fuerte protégete con palabras y árboles e invoca la memoria de mujeres antiguas. Haz de saber que eres un campo magnético hacia el que viajarán aullando los clavos herrumbrados y el óxido mortal de todos los naufragios. Ampara, pero ampárate primero Guarda las distancias Constrúyete. Cuídate Atesora tu poder Defiéndelo Hazlo por ti.

Te lo pido en nombre de todas nosotras.

Gioconda Belli



Fonte: acervo Pessoal



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo VI: racismo e uma sociedade cega, surda e muda.



“numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”. (Angela Davis)

Vivemos em uma sociedade cega, surda e muda.

É cega, pois. invisibiliza o que vê. Apenas verbaliza sobre traços físicos. Primeiro se produz o discurso, depois percepção visual. Vivemos tempos de cegueira social. Uma sociedade que não quer ver o que é visível. Uma sociedade que nega a existência do machismo, da misoginia, da homofobia, enquanto apenas aumenta o número de crimes associado a cor, a raça e a diferentes expressões de gênero.

É surda, pois. não ouve as palpitações de medo de das majorias tornadas “minorias”. Machuca, magoa no olhar, repete padronizações... Os corações dessa sociedade vão se tornando vazios e monstruosos na hegemonia. Corações sem batimentos, surdez da sociedade que finge não escutar frases, piadas e músicas racistas, homofóbicas, transfóbicas, xenofóbicas, xxxxxxifóbicas...

³⁹ Historia afro americana, as obras de Carrie Mae Weems retratam questões de raça, classe e gênero. A fotografia pode ser uma ferramenta e utilizar como arma potente para instituir câmbios políticos e culturais tomado de <https://www.artsy.net/artwork/carrie-mae-weems-untitled-see-no-evil-hear-no-evil-speak-no-evil>

É muda, pois... se silencia no cotidiano, permitindo o lugar de fala do preconceito. Guarda seus discursos do “lado negro da força” no “criado-mudo”⁴⁰. Mudez de uma sociedade que se cala.

⁴⁰ Campanha para abolir o termo de mesa chamado de: criado mudo
<https://www.etna.com.br/criadomudonuncamais>





Fragmento #29

Cuerpos sin cabezas



41

⁴¹ "Cuerpos sin cabezas" é a obra da Maria Conejo, mexicana, que procura ressignificar emoções operando com corpos de mulheres que perdem a cabeça. É um trabalho que se inspira em evidenciar uma postura da representação do corpo desde a diversidade, do feminismo para as mulheres, assumindo a possibilidade de outras identidades, de corpo a corpo.



Fragmento #30

Minha voz como composição de marcas

Vou contar para vocês do jeito que a escrita me permite passar e narrar por meio dela. Deleuze diz que

o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. (DELEUZE, 1988, p. 156)

Entendo intercessores como artefatos que ajudam a visibilizar elementos invisibilizados na sociedade. Eu mesmo posso ser uma intercessora quando me coloco em posição de auxílio para o outro falar. Trata-se de uma maneira de compor minha voz com as palavras de outrem. Uma produção usando marcas de outros! Os outros entendidos na intensidade do encontro.

Vocês podem ter notado que falei de mulheres como um todo, mas gostaria de evidenciar que esse todo não é só feminino, ainda que seja feminino seja predominante. Devo destacar que minhas narrativas também incluem o homem trans, o homem homossexual, homem preto, a mulher ex-presidiária.

Às vezes, falo no feminino ao tratar de pessoas que fizeram transição para o gênero masculino. A transição não ocorreu somente para essa pessoa, mas também para quem está ao seu redor. E aí eu me incluo, como pesquisadora e pessoa que habitou o campo, como o que passou com Buh-Akin-e-todo-um-entorno. Primeiro conheci Buh, mulher preta, e, com o passar do tempo, conheci fui apresentado a Akin, que tampouco tinha uma identidade estática... Buh e Akin são muitos.

Optei por utilizar, nesta dissertação, trechos de conversas com pessoas da InfoPreta grafados em itálico e em primeira pessoa. Com isso, espero mostrar sua potência como multiplicidade que não fala apenas de si, mas de muitxs.



Fragmento #31

Atenção a uma armadilha...

Acho importante manifestar os textos aqui criados não param de errar, de escarguear e de ter passo vacilante na experiência e nas leituras que acontecem nesse processo de pesquisar. Em meio a tudo isso, surge para mim uma preocupação: como o próprio sistema pode seduzir o desejo e gerar corpos dóceis redundantes, engendrando a culpa e o consumo como uma normalização da subjetividade? Parafraseando Deleuze, uma modulação dos fluxos moleculares do corpo – afetos, desejos, memória e atenção –, conformando ao capitalismo a produção que cria, organiza e estimula sensações de desejo.

Com isto, algumas formas de empoderamento podem ser vistas como formas de socialização mercantilizada, em que grupos se unem em nome de uma libertação docilizada. Combinar corpos mediante regras que não afirmem suas existências podem fazer acreditar que existe uma liberdade onde as condutas pelos governantes são vistas como boas e honoráveis.

Jorge Larrosa, no livro “*Nietzsche e a Educação*”, problematiza o tema de libertação da liberdade, ou seja, de modos prévios já dados de ser livre. Ou seja, “como um salto que se acolheu no qual o pensamento da liberdade fica ligado ao pensamento da causa e o pensamento do sujeito: ser livre é ser capaz de sobrepor-se ou de sobrepor-se ao mundo para abrir a liberdade do ser. Existe então, um consumismo de liberdade, que condiciona minha perspectiva e realização pessoal, de que preciso para ser livre? Uma forma de produção econômica e cultural que de autonomia, que se articula, organiza, encadeia para cumprir”. O sujeito se diferencia e também se adapta à sociedade, o que Agamben aborda ao falar de rostidade.

[...] En la imagen, ser y desear, existencia y esfuerzo coinciden por completo. Amar a otro ser significa: desear su especie, es decir el deseo con que él desea perseverar en su ser. El ser especial es, en este sentido, el ser común o genérico, algo así como la imagen o el rostro de la humanidad. [...]. Especie es aquello que se ofrece y se comunica a la mirada, aquello que hace visible y, al mismo tiempo, aquello que puede -y debe a toda costa- ser fijado en una sustancia y en una diferencia específica para poder constituir una identidad [...]. Especial es, en efecto, un ser -un rostro, un gesto, un acontecimiento- que, no pareciéndose a alguno, se parece a todos los otros [...]. Lo especial se transforma en espectáculo. (2005, p. 74-77)

Todos aqueles comportamentos profanatórios⁴² podem ser linhas de fuga, que podem alterar e dar uma existência, uma potência, mas também podem ser rostos de armadilhas acompanhadas do sentimento de liberdade, que se convertem em autoexploração.

O empoderamento e o próprio conceito de mulher podem ser problematizados e deslocados junto à Filosofia da Diferença e às obras de Nietzsche. A mulher pode ser tomada como um corpo sensível, corpo a ser capturado e massificado em um lugar de pertencimento dentro do discurso que se aproxima de um ideal no iluminismo, na liberdade e fragilidade na procura da igualdade. Uma luta contemporânea de reivindicação, cujo discurso pode tornar-se perigoso pela sua potência de conversão em ordem, em uma massificação que se torna pensamento majoritário, assassino da diferença. Em outras palavras, há aí o perigo de o discurso de empoderamento da mulher agenciar-se ao discurso do exercício de poder masculino, do homem em por vir, avesso à potência feminina de estar no mundo de maneiras outras que afirmem suas vidas, que não aquelas espelhadas em um ideal de homem.

Se pensarmos nessa postura em uma perspectiva de ciência, adjetivando-a de “masculinizada”, mantém-se uma relação da dominação de controle sobre o discurso identitário do que é ser mulher, que tenta retirar-lhe a possibilidade do estranhamento, da invenção, impondo-lhe uma realidade identitária já dada.

Nessa direção, podemos entender que Nietzsche nos deixa um alerta de que a força da mulher pode ser opositora à questão da verdade produzida pela ideia de ciência masculinizada.

Eis uma armadilha à qual temos que estar atentos...

⁴² Agambem vai chamar assim a os regimes de prática que operam como modos de governo da vida mesma como ejes articuladores reterritorializantes que podem ser chamado de desarrollo.



Fragmento #10

“Um emplasto como Antídoto” ou “Racismo não é só problema de preto, mas de todos na Sociedade.”

Lampejo VII: uma militância, uma luta coletiva, uma diáspora

“eu sou negra (o) e posso pensar a partir da autoconstrução de minha história”

bell hooks

InfoPreta assume a bandeira de combater o silêncio sobre o racismo e sobre o preconceito envolvendo gênero na sociedade, tendo sido premiada por isso.

Em 2017, recebeu um prêmio em um evento promovido pelo G20⁴³ sobre como incluir a mulher no mundo da tecnologia. A InfoPreta garantiu o terceiro lugar na competição. O prêmio foi entregue pelo chanceler alemão Angela Merkel. “Eles reconheceram nossa empresa, aplaudiram de pé, a gente foi no G-20, conhecemos Angela Merkel, falei com ela, foi bem legal. Sempre vai ter gente que vai falar que não vai dar certo. E eu falo: o que não vai dar certo? Fui até pra Berlim!”, diz Akin.

Em 2019, a InfoPreta foi convidada para o 18º *Festival Feira Preta*⁴⁴, maior evento de cultura e empreendedorismo negros da América Latina, que ocupou diferentes espaços da cidade de São Paulo durante os meses de novembro e dezembro.

Durante o tempo que passei em campo, ficou ressaltado e sempre manifesto que a camada de vulnerabilidade do grupo mais frágil se associava ao racismo. Frequentemente externavam sua raiva ante à opressão racista “não nos queriam em bairro de branquinho e de gente rica, pois agora vai ter negro, e vai ter que mudar de calçada quando nos ver caminhando, porque nossa luta é visibilizar protagonismos de mulheres negras e/ou racializadas na construção das sociedades”.

A InfoPreta sabe que, para superar essa situação, raiva e silêncios não os melhores caminhos. Há que ir além. InfoPreta é militante. Vê, escuta e fala, produzindo junto a suas feridas do passado de maneira coletiva. Sabem que juntas são mais fortes. Em grupo, operam desde suas habilidades técnicas e com marketing midiático. Convidam o mundo a ser anti-racista, pois em uma sociedade racista não basta somente ser contra o racismo...

⁴³ O G20 é um grupo formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia.

⁴⁴ <http://feirapreta.com.br/>



Fragmento #32

A denúncia da miséria como parte do antídoto

Entre as diferentes manifestações que aconteceram durante um dia de campo, gostaria de destacar um momento de tristeza de personagens geralmente sonhadoras e alegres.

Na ocasião, havia alguma ansiedade pela entrada de novos clientes, tendo como resposta a frustração um laboratório esvaziado, em que diferentes angústias são compartilhadas.

Nesse recinto, essas mulheres consideradas exitosas externaram a frustração sobre as expectativas de um “futuro incerto” para além daqueles muros. Aí reside uma violência, uma vulnerabilidade do perigo do que está fora daquela casa protegida.

Exprime-se uma miséria no testemunho. Há a sensação de uma profanação de nossa integridade humana. Xingamentos são produzidos para a designação das coisas e das peças dos notebook. O mundo é adjetivado de “essa merda”. Os silêncios se tornam um pouco constrangedores. Persistia uma sensação de impossibilidade de mudança. Situação esta que evidencia feridas de corpos esgotados perante à impotência sugerida por uma sociedade. O que será da vida fora desse Lar?

Afirmar a existência de momentos de miséria na InfoPreta é denunciar uma negação de corpos que ocorre diariamente e produzir uma relação de compaixão com esses corpos negligenciados. Faz parte de um antídoto, que não é composto apenas de risadas, mas também de muitas lágrimas.





Fragmento #33

Empoderamento como cuidado próprio, InfoPreta como um refúgio

Ao acompanhar a InfoPreta e como elas buscam por uma emancipação ativista, financeira, social, coletiva e autônoma, pude perceber como elas desenvolvem habilidades para transformar as relações de poder e as tomadas de decisão em que estão imersas, por meio de um trabalho coletivo, sem se constranger em mostrar suas feridas de mulheres vítimas de diversos tipos de preconceito, em especial o racismo, que se percebe sistêmico, produzindo uma camada de vulnerabilidade mais profunda.

Com a criação da InfoPreta, refuta-se o lugar socialmente cômodo do silêncio. Mais que apenas mostrar as circunstâncias sociais e culturais negadas que reproduzem o ciclo do empobrecimento, a InfoPreta destaca-se como uma corpo militante que promove o empoderamento de existências negadas, por questões de gênero, cor, raça e classe, fortalecidas por meio de um processo coletivo, democrático e participativo.

Como pesquisadora, vejo três elementos constituintes desse empoderamento:

- Na **produção de visibilidades**, para afirmar outras existências possíveis e denunciar sua negação.
- Na **aliança em bando**, como ação social coletiva e estratégica pela potência de criação de um corpo mais forte pela união de corpos.
- Na **criação de um espaço de acolhimento**, que permita a manutenção, fortalecimento e autonomia de existências.

No caso da InfoPreta, a **produção de visibilidades** se dá principalmente em meios midiáticos, a **aliança em bando** na constituição da própria empresa e a promoção de parcerias e cursos que agenciam outras camadas de vulnerabilidade, e a **criação de um espaço de acolhimento** com o estabelecimento de uma lar roxo de janelas amarelas na Rua Arthur Azevedo.

Tomado de :
<https://www.facebook.com/InfoPreta/photos/a.506030369411588/2786009958080273/?type=3&theater>



Infopreta, e seus redes sociais, o tempo todo fazem um linguagem comum para a gente, gerando uma proximidade entre os seguidores de suas redes, e a proposta de empreendimento.



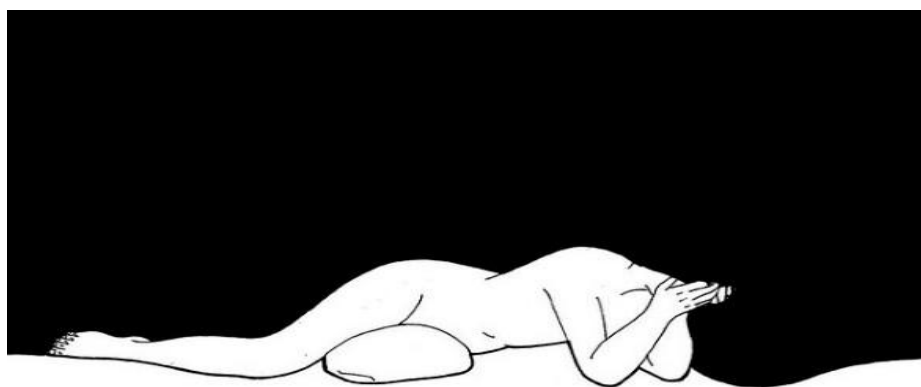
Uns dos projetos que tem parceria com a Infopreta é o descarte de lixo eletrônico, assim que cada semana pegam ele uma empresa, pensando o quais podem ser reutilizados, chamando a conscientização.



Fragmento #34

Una despedida de InfoPreta, pero no de la lucha

La alternativa es la emoción que proviene de una fuerza para entrar en un nuevo espacio de limiar. Es ese umbral que al dejar atrás el pasado sin rechazarlo, trascendiendo de las formas obsoletas para entrar en el interior, o atreviéndonos a romper con las expectativas placenteras normales, a fin de concebir un nuevo lenguaje del deseo.



45

Quisiera disponerme a escribir de los infortunios dentro de la pesquisa que parecen una sensación de acidez, todo lo que uno presupone que puede pasar y no pasa, o si pasa, dejamos de percibir. Ahora con otros sentires cuando analizo y escucho los audios, recuerdo los momentos en campo. En este sentido el texto es siempre un trabajo de olvido, de olvido y de extenuación de sí mismo para alcanzar aquello que nos atraviesa y nos sobrecoge. Ir a campo es esa idea de repetición siempre acompañada de diferencia. Un día menos de campo nunca se torna igual. Son diferentes elementos, horas, ropas, sabores, fenómenos – algunos virtuales e inexistentes – que a veces ni logramos percibir.

También son una mezcla de finalidades de objetivos, de angustias que se tienen en la experiencia de campo, hasta imperceptibles. Son situaciones que de momentos concordan

⁴⁵ Obra: todo El peso del mundo, María Conejo. Evocada a una historia de vida de Buh- Akin

que cada pensamiento es una autorrealización con sus propias identidades, con sus movimientos, son saltos acompañado de “momentos” que van sucediendo de manera rápida.

Algunas veces se entra en estados de desilusión, con unas marcas de verdad. Toda esa libertad que se tiene en campo genera desatinos incontrolables. Cuando observas y hablas con las personas de manera atenta, te das cuenta que cada una tiene su propio ritmo, que cualquier plan que tenías puede cambiar en segundos. Además, es un engranaje de ritmos de vida, pues cada uno tiene una vida propia que cambia a su tiempo. Es un ir y venir que tú ni tienes intención de controlar. Son fluxos de días, algunos más significativos, otros más vacíos, pero todo pasa en un pestañeo, es decir un abrir y cerrar de ojos.

Esta situación ocurrió para mí en el campo con Akin. Compartí tres semanas de campo con él y luego se fue para China. Volví a realizar una entrevista colectiva, cuando él ya había regresado de China. Decidí, después de 5 meses, terminar con mi campo después de su retorno, cuando le pregunte de su viaje. Mencionó que jamás volvería, que le gusta su Brasil. Habló de su experiencia. Fue contratado por Google a participar en una zona de tecnología. Mencionó las grandes diferencias con ese país, el control de redes sociales y vigilancia digital y monitoreamiento, se sentía rastreado e bloqueado. Manifestó que, en China, se sintió la única persona negra en el radio de más de 100 km y aunque se ría de eso, sabe que fue una distinción. En nuestras preguntas existía ya una familiaridad y la manera como todo el grupo respondía.

Ya no era la extraña extranjera que ellas no entendían si era investigadora, docente, observadora, aprendiz de reparación o acompañante de tutorías de cursos en SESC. En este momento percibimos, tanto ellas como yo, que existía una cierta complicidad en nuestros deseos.

Tenía ese día nuevos integrantes. InfoPreta está creciendo y ayudando a generar más empleo. Ese día era mi último día de campo. Entendí que la dinámica de esa empresa podría ser un laboratorio de autonomía y de estudio de visibilidad para entender cómo se reafirma en sus pilares de conciencia libre de predeterminaciones, manteniendo una triada de interiorización de ser dueños de nosotros mismos, de liberación, de autonomía de emancipación.

En lo que respecta sobre los sentires de campo, siento que ir a campo y luego capturar una lluvia de memorias resistiendo en los tiempos de la amnesia, ver las fotos, videos, y recordar esas reuniones colectivas del grupo al que pesquise acompañada de singularidades, es una verdad subjetiva. Cada dato, cada índole que observa, acredito que

tenga que ver con la forma de existir de cada uno, pero no solo eso. La existencia de cada uno tiene que ver con la existencia de todos.

En medio a esas existencias, una pregunta.

¿Por qué no se cae el cielo sobre nuestras cabezas?

Siempre fue una de las preguntas recurrentes y por eso aún con la edad que tengo me encanta caminar con la cabeza acostada mirando para el cielo. Me gustaría de decir a todas las personas de InfoPreta cuan felices me hicieron por aceptarme en su mundo.

Con la confianza que me depositaran he podido mirar al cielo con sus tonalidades sin miedo de la tierra bajo los piés. Me abrieron su laboratorio y sus vidas, dejándome caminar en su puente con una distancia de respeto y admiración por el grupo que opera como una comunidad que se respeta.

Sin tocar el cielo, solo observándolo, creemos en su existencia. Es así como InfoPreta abrió las puertas, sin saber nada de mi territorio académico. Me dejaron ver su fuerza, pero también sus fragilidades, ambas pertenecientes a su grandeza y funcionamiento. He visto como operan con una inclusión de la periferia, con luchas colectivas. Es un bando de humanos buscando posibilidades, llegando a barrios de la periferia de Sao Paulo, tornando el conocimiento técnico accesible. Un conocimiento que sirva como puente de contemplación y de transformación de un cielo ante el panorama del poco acceso. Su trabajo de coletividad junto a distintas camadas de vulnerabilidad me permitieron ver un cielo sin bordes, sin fronteras, sin clases, sin razas. Pasé a ver un cielo que no era más azul sino de muchos colores, como al nacer o a la puesta del sol.

Preguntome uno vez más:

¿Por qué no se cae el cielo sobre nuestras cabezas?

Depende de cómo miras el cielo.



Fragmento #35

UN-UNOS RECEITA DE DIREITO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E NOMES

Ingredientes

- 3/4 de farinha de disponibilidade em deixar acontecer um processo de pesquisa.
- 3 colheres de cada uma das pessoas que participou com umas gota de cooperação para o equipe.
- 1 copa da essência e personalidades que tinha nas rotinas e estratégias para aumentar usuários
- 1 xícara de permissão de cada uma, para contar do dia a dia pelos três meses de tempo de coleta de dados, sobre uma empresa e seu conjunto de formação.
- 1 ovo e sua clara, para assumir como representação uma mistura de un-un@s como um todo que as representa como empresa
- Mistura, todo e coloque no forno por o tempo que se manter juntos.
- Que fica depois da mistura, uma autorização homogênea, resultado de assumir como única uma assinatura -de un e todos- quem fazem parte da InfoPreta.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, INFOPRETA - ST, nacionalidade Brasil,
estado civil _____, portador da Cédula de Identidade
nº _____, inscrito no CPF sob nº _____
residente à Pinheiro Eva Azevedo, nº 731, município
São Paulo, estado de _____. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no fim

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima
mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV)
anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII)
mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão dos
direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração. Por
esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente
autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Rio Claro/SP, 09 de Maio de 2019.

Infopretar
(Assinatura)

Nome: INFOPRETA - SERVIÇOS TECNOLÓGICOS
Telefone p/ contato: (11) 3081-1228



REFERÊNCIAS

ALLEN, AMY (2011). “**Feminist Perspectives on Power**”. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.). Revisado en: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/feminist-power/>

AGAMBEN, Giorgio. **Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el testigo. Homo Sacer III**, 2000, 143-180.

BACHELARD, Gaston **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BATLIWALA, SRILATHA. “**El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción**”. En: León, Magdalena (Comp.) Poder y empoderamiento de las mujeres. Santa Fé de Bogotá: TM Editores. (1997).

BEAUVOIR, SIMONE de (2002). **El segundo sexo**. Vol. I. Los hechos y los mitos. Madrid: Cátedra. Col. Feminismos (2002). **El segundo sexo**. Vol. II. La experiencia vivida. Madrid: Ediciones Cátedra. Col. Feminismos.

BUTLER, J. (2002). **El Género en Disputa: El feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós

BUTLER, J. (2009). **Dar cuenta de sí mismo, violencia ética y mutaciones**. Buenos Aires: Ediciones Amorrortu.

BUSSO G. (2001): Vulnerabilidad **social: nociones e implicancias de políticas para Latinoamérica a inicios del siglo XXI**, Documento fue preparado para el Seminario Internacional "Las Diferentes expresiones de la Vulnerabilidad Social en América Latina y el Caribe", Santiago de Chile, 20 y 21 Junio 2001, Chile.CEPAL: Vulnerabilidad sociodemográfica: viejos y nuevos riesgos para comunidades, hogares y personas, Capítulos I y V del documento elaborado por la División de Población de la CEPAL - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE), Brasilia, Brasil.2002

CLARICE LISPECTOR, **Dónde estuviste de noche**. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, Trad. Teresa Arijón y Bárbara Belloc. 2012

CRENSHAW, KIMBERLE, 1991a. “**Demarginalizando a interseção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política anti-racista**”, em Katharine T. Barlett e Rosanne Kennedy (eds.), *Teoria Jurídica Feminista: Leituras em Direito e Gênero*, Boulder, CO: Westview Press.

—, 1991b. “**Mapeando as margens: interseccionalidade, política de identidade e violência contra as mulheres de cor**”, *Stanford Law Review*, 43 (6): 1241–1299

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs; volume 3*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs; volume 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Que é a filosofia?**, O. Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Desejo e prazer**. *Cadernos de subjetividade*, 1996, 13-70.

DELEUZE, Gilles. **Ilha Deserta**, A. Editora Iluminuras Ltda, 2006.

DELGADO, Ana; STRAND, Roger. **Looking north and south: ideals and realities of inclusive environmental governance**. *Geoforum*, 2010, 41.1: 144-153

DOS ANJOS OLIVEIRA, João **Henrique Política nacional de resíduos sólidos descarte de eletroeletrônicos com foco em negócios**. SOCIAIS. *Revista Fatec Sebrae em debate-gestão, tecnologias e negócios*, v. 4, n. 06, p. 119-119, 2017.

FRASER, Nancy. **Justice interruptus: critical reflections on the "postsocialist" condition** New York: Routledge, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, Michael. **“Asiles, sexualité, prisons”**, en Foucault, Dits et écrits, vol. ii [1994], pp. 771-802, Gallimard, París, 1975

GALEANO, Eduardo. **Espejos : una historia casi universal**. México: Siglo XXI, 2008, p.16.

GUATTARI, F.; Rolnik, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes. (1996).

HOOKS, BELL. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,

IBGE. **Síntese de indicadores sociais** : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2019. IBGE, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101678> p. 26 e 225.

ISLAM, M. REZAUL Y MORGAN, WILLIAN J, Non-governmental organizations in Bangladesh: **their contribution to social capital development and community empowerment**. *Journal of the Community Development Society*, Vol. 47, No. 3, pp. 369-385, 2012

KABBER, Naila. **“Empoderamiento desde abajo: ¿qué podemos aprender de las organizaciones de base?”**. En: León, Magdalena (Comp.) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fe de Bogotá: TM Editores. (1997).

KABEER, Naila. **Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres: uma análise crítica do objetivo de desenvolvimento do terceiro milênio 1**. *Gender & Development*, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2005.

KABEER, Naila. (1998) **O dinheiro não pode me comprar amor? Reavaliando Gênero, Crédito e Empoderamento no Bangladesh Rural**. Documento de Discussão IDS 363, Brighton: IDS

KAZTMAN, RUBÉN. **"Activos y estructuras de oportunidades: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay."** (1999).

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005

LOBO, Mory Márcia de Oliveira; FIGUEIREDO, Karen da Silva; MACIEL, Cristiano. **A Mobilização de Resistência das Mulheres Negras na Computação e Tecnologias**. In: **WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT-SBC)**, 12. , 2018, Natal. Anais do XII Women in Information Technology. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, July 2018 DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2018.3388>.

LEME, A. SPINOZA: O CONATUS E A LIBERDADE HUMANA. *Cadernos Espinosanos*, 1(28), 109-128. (2013) <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2013.81262>

LEÓN, Magdalena (Comp.) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fe de Bogotá: TM Editores(1997).

NIETZSCHE, FRIEDRICH WILHELM. **El viajero y su sombra**. Vol. 160. Edaf, 1999.

MORENO CROSSLEY Juan C. **“El concepto de vulnerabilidad social en el debate en torno a la desigualdad: problemas, alcances y perspectivas”**. Miami, Center for Latin American Studies, University of Miami, Working Paper Series #9.(2008)

MOSER, Caroline **“Reassessing urban poverty reduction strategies: The asset vulnerability framework”** en *World Development*. Washington, The World Bank, Vol. 26, Nº 1, pp. 1-19.(1998)

MORRISON, Toni. **Amada**. Editora Companhia das Letras, 2018

PELBART, P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000. [[Links](#)]

RANCIÈRE, Jacques. **El inconsciente estético**. Buenos Aires: Del estante, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.** In: Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC. São Paulo, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2018

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.**(1989)

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2. Ed Sulina: porto Alegre, 2014,

SILVA, Heloisa. **A História Oral como recurso no desenvolvimento na formação inicial e continuada de professores de Matemática.** 2010, p. 1-19. Projeto de Pesquisa Trienal. Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

TESHOME, ELIAS, Y ZENEB, MULUMEBT, **The Role of Self-Help Voluntary Associations for Women Empowerment and Social Capital: The Experience of Women's Iddirs (Burial Societies) in Ethiopia.** Journal of community health, Vol. 37, No. 3, pp. 706-714, 2012

